

11.379

CAJEL

O TIO VICTORINO

Novella dedicada ás creanças portuguezas em commemoração da festa nacional

DO

QUARTO CENTENARIO DA INDIA

«Esta é a ditosa patria minha amada»
Camões. — LUSIADAS



LISBOA

PALACIO ANTÓNIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1900

161

11. 379

O TIO VICTORINO

1137A



As 22

11.379

CAELK

J. J. Lima L'Assumpção

O TIO VICTORINO

Novella dedicada ás creanças portuguezas em commemoração da festa nacional

DO

QUARTO CENTENARIO DA INDIA

«Esta é a ditosa patria minha amada»
Camões. — LUSIADAS

AA



N.º 47.495

LISBOA

P. R. CERIA ANTONIO MARIA PEREIRA -- LIVRARIA EDITORA

50, 52 -- Rua Augusta -- 52, 54

1900



11373
L.

O tio Victorino

I

A carta

S Martinho do Porto é uma das mais tranquillias e pittorescas praias de Portugal.

Quem partir da estação do Rocio ás 7 horas da manhã, está em S. Martinho ás 11,35. Quatro horas e meia apenas!

E como vòa esse tempo, em quanto o comboio toca levemente nas estações, só detendo-se um pouco nas principaes . . . Cacem . . . Torres Vedras . . . Caldas da Rainha.

D'aqui ao termo da jornada é um sôpro: Caldas . . . Bouro . . . S. Martinho.

Apeamo-nos bem dispostos pela brisa maritima, que já nos incita e refrigera, sem que ainda vejamos o mar.

Então, a poucos passos, serena e clara como um lago encantado, a formosa bahia apparece-nos qual uma grande concha nacarina onde se vissem boiar uns trinta barcos, promptos sempre a navegar á vela ou a remos. As casas mais appetecidas dos banhistas marginam o caes, onde o peixe vivo, a saltar, vem ao leilão, no lusco-fusco, abastecer primorosamente a mesa de toda a colonia balnear.

Na margem fronteira as dunas recurvas, graciosas, onde logo, ao pôr do sol, se reflectirão tons quentes, delicados. Fundo d'este bello quadro, cuja serenidade tem em nós uma como influencia dormente, o mar alto, tantas vezes revólto, entrevisto pela foz da bahia, essa graciôsa embocadura orlada de uma fina renda de espuma entre duas rochas que se defrontam, avultando d'aqui o *Pharol* garboso e veleiro, d'além a arruinada capellinha de Sant'Anna, devotamente invocada pelos pescadores em momentos de afflicção ao demandarem a barra, joguetes do temporal.

Durante os mezes de animação o *rapido* das Caldas da Rainha serve bizarramente S. Martinho. Conforto, commodidade, facilidade de transportes, singeleza no viver, ausencia total dos molestos requintes do luxo, eis as melhores vantagens offerecidas

11379
L.

a quem escolhe tão abençoado cantinho de Portugal para fugir aos ardores estivaes, refazendo corpo e espirito no contacto intimo da natureza.

Por tudo isso o Sr. Vicente da Camara, farto proprietario com cuja familia vamos travar conhecimento, preferia muito S. Martinho a outra qualquer praia de Portugal. E tinha já percorrido todo o littoral do paiz, como pessoa de largos haveres que era, livre de preoccupações pelo dia de amanhã, vivendo a vida a seu sabor, cuidando da saúde, desempenhando sem canceiras o seu importante papel de chefe de familia, zelando regularmente a sua fazenda, pachorrento de indole, caçador apaixonado.

Para ellê S. Martinho possuia predicados incomparaveis. Ali se lhe robustecia todos os annos a saude da esposa, sempre em Lisboa affectada por crises de nervos, algumas vezes assustadoras. Aquella tranquillidade evidentemente convinha muito a D. Frederica. Transformava-se; parecia outra. Vinha-lhe bom appetite; chegava a nutrir, a tomar côres sadias. Ralhava menos com os creados; era mais paciente para os filhos.

Nos pequenos então o beneficio era maravilhosos.

A Bertha, logo que principiava os banhos, via-se livre d'aquelle pertinaz fastio

que durante o inverno tanto inquietava todos. Tornava-se quasi alegre; era menos timida; os lindos olhos levantavam-se-lhe mais corajosamente para as pessoas e para as cousas.

A Manuela, essa então, medrava que era um regalo vel-a. Saude e vivacidade saltavam-lhe pelos poros. Estar parada era-lhe muito custoso. Se esse accrescimo de vigor physico lhe aguçava o espirito inquieto e os impetos da vontade insubmissa, tambem em compensação as suas graças e folgedos enchiam mais alegremente a casa, pondo a cada instante nas faces engelhadas da avó, a boa e intelligente D. Felisberta, aquelle benevolo sorriso que é só das velhas avós para os netos preferidos.

E o Adolpho? o petizito? O *Fôfo*? o ai-Jesus da mãe? Esse comia por quatro, saltava por sete e gritava por um cento. D'aquelle infantil corpinho saía por vezes, sem justificada causa, um vozeirão capaz de chegar ás alturas do *Facho*, um lindo passeio onde algum dia nos encontraremos, leitorzinho de bom gosto.

Agora vamos direitos a casa de Vicente da Camara. É alem, no caes. Vês, amigo, aquella casa rente do chão, com tres janelas, portas aos dois lados, tendo a envolver-lhe a fachada uma viçosa parreira como que

vergando ao peso dos cachos volumosos?
É lá.

Antes que esqueça, olha que a latada é fino muscatel, do mais aromatico.

Entremos cá por este lado. É a salinha de estudo, onde M.^{elle} Delbeuf conseguia prender durante as horas de maior calor os tres pequenos Camaras confiados á sua guarda.

Digo *conseguia* porque, no momento em que chegamos, M.^{elle} Delbeuf está ausente, na Alsacia, visitando a familia, no goso de um sucto que lhe foi concedido até findar a epocha de S. Martinho. Melhor a pode D. Frederica dispensar aqui do que em Lisboa.

Tem-se, apesar da ausencia da mestra, mantido o horario escolar. Do meio-dia ás tres horas temos certeza de encontrar os tres irmãos no seu gabinete de trabalho.

Entremos pois. Cá estão. D. Frederica tem a peito a disciplina e sabe mantel-a.

Bertha está dictando aos dois mais novos com a gravidade do lente na cathedra. É que Bertha sabe bem fazer o que faz. Tem só doze annos, mas não lhe mingua o juizo. Tem juizo demais, no dizer do pae, que antes quizera vel-a mais alegre, mais como as outras, mais sujeita a fazer tolices, menos dada ao cumprimento estriccto do dever.

Chegamos precisamente n'um transe de *sensação*.

O Fôfo—este nome viera ao pequeno das difficuldades com que elle proprio começara a dizer Adolpho—acabava de praticar um acto reprehensivo. Limpava a penna ao panno da mesa.

Bertha, serenamente, exprobava-lh'o. Um menino de dez annos já não era para aquellas cousas, não. Elle, defendendo-se, alegava razões: o panno era da velhota, da senhoria . . . e não tinha que perder.

Boa razão, ser da senhora Maria! mais lh'o deviam poupar. Pobre e viuva!—E Bertha apoiava as palavras com a gravidade do gesto e do olhar.

«Ora!»—e o Fôfo, muito indifferente ás infelicidades da senhora Maria, tregeitava dos hombros.

Entretanto a Manuela, sem particular interesse na questão, esboçava á margem do caderno os barcos de vela que, d'ali do seu logar, avistava lá fóra, cruzando graciosos a bahia.

Que desespero o de Bertha quando tal viu! Logo ameaçou a irmã de fazel-a mudar de logar, dando costas á janella. Aos onze annos, sem juizo nenhum!

Manuela, espivitada, ameaçou de que, se a puzessem de costas para a janella, voltaria a cabeça a todo o instante.

E a Bertha sentia já vontade de chorar,

lembrando que M.^{lle} Delbeuf só voltaria em meados de outubro; e, até lá, caber-lhe-ia ainda muita vez o duro encargo de representá-la. Tinha só mais um anno que a irmã. Como fazer-se respeitar?

Em boa ocasião entrava D. Frederica! Agitando na mão uma carta, talvez distraída pelo assumpto d'ella, nem deu pela discordia tanto a tempo suffocada com a sua presença.

— «Mal sabem, meninos, mal sabem a grande nova que aqui vem!»

Os seis olhos cravaram-se curiosos em D. Frederica.

— «Vamos ter um hospede . . . um hospede que chega amanhã . . . Sempre quero ver se algum adivinha quem é . . . São capazes?»

— «Não é nada bom» — acudiu vivamente a Manuela — «A mamã com essa cara! . . .»

Os outros dois cogitavam.

— «É um hospede» — informou sorrindo D. Frederica — «de quem os meninos têm ouvido falar desde que nasceram.»

— «E não o conhecemos?» — indagou a Manuela.

— «Não, nunca o viram.»

— «Ora! . . . Então não me importo . . .»

— «Não senhores . . . Mas adivinhem . . .»

—«Eu sei lá!»—e o Fôfo encolhia os hombros com soberano desdem.

—«Nem tu, Bertha!»

—«Não sei, mamã.»

—«Nenhum?! . . . Pois então fiquem sabendo: É o tio Victorino, o irmão da avó.»

—«Ah! . . . ah! . . . ah!» o tom desconso-lado, lamentoso d'esta exclamação unisona foi para D. Frederica de um comico inexcedivel. Não pôde conter uma gargalhada. Se a attitude dos pequenos era tão risivel!

Mas foi logo revestindo-se de uma profunda gravidade que ella recommendou, dedo no ar: «Bem podem agora ver se têm juizo . . . muito juizo.»

Era caso de a todos cair a alma aos pés. Elles bem sabiam o que aquillo queria dizer: «*ter juizo, muito juizo.*»

A Bertha affligia-se já pelo que lhe custaria conseguil-o dos irmãos, ella a quem sempre faziam responsavel pelo comportamento do rancho. Tinha vontade de chorar, tinha.

A Manuela e o Fôfo sentiam impetos de revolta.

Não conheciam o tio Victorino. Mas o que d'elle tinham ouvido por alto bastava para que nenhum tivesse o menor desejo de conhecê-lo.

O velho original de quem em familia tanto tinham ouvido discutir as excentrici-

dades devia ser intoleravel caído de repente no bando dos pequenos, sequiosos de gosarem o melhor possivel as ferias grandes. Aquella subita apparição do tio idoso e eccentrico emmudecia-os de pavor.

Só decorridos momentos Manuela, desentorpecendo-se, pôde perguntar :

—«Mas então . . . o tio Victorino . . . O que vem elle cá fazer?»

—«Ora essa! . . . O mesmo que nós estamos fazendo . . . Vem gosar este bom ar . . . esta frescura . . . este socego . . . »

—«Ora!» — Do tom da voz bem se presumia que a Manuela não considerava importante que ao tio Victorino fossem promovidos semelhantes regalos. E accrescentou com doutorice: «Em Coimbra tambem se está bem.»

—«O que sabe a menina de Coimbra, se nunca lá esteve?» — corrigiu severa D. Frederica.

—«Mas, mamã» — quiz confirmar a Bertha — «então o tio Victorino vem já amanhã?»

—«Às 6,35 da tarde . . . Janta comnosco.»

—«Se a mamã ao menos me deixasse ir amanhã jantar com a Graça!» — pediu o Adolpho, todo agastado — «Já prometti ha tanto tempo! . . . »

—«O menino está tonto! . . . Não diga

tolices . . . Ir agora jantar para fóra no dia da chegada do tio!»

O Fôfo embeserrou.

— «E a mamã conhece, bem, bem, o tio Victorino?» — quiz saber a Bertha.

— «Se o conheço? . . . Que pergunta! . . . Meu tio direito . . . Unico irmão de minha mãe . . .»

— «Se ao menos elle fosse parecido com a avó!» — suspirou a Manuela.

— «Deixava fazer todas as baboseiras e ahí está o que a minha Manuela queria.»

— «A avó não deixa tudo, não senhora.» — E a pequena meneava convictamente a cabeça.

— «Mas a mamã ha muitos annos que não vê o tio Victorino» — disse Bertha, um pouco em tom interrogativo.

— «Ha muitos . . . Ora deixa ver . . . Ha quatorze.»

— «Hi!»

— «Veiu para o meu casamento e depois não tornou . . . Quiz muito que elle fosse teu padrinho mas logo me declarou que não queria afilhados de obrigação.»

— «Vê? vê? . . . Elle não é nosso amigo» — concluiu espivitada a Manuela — «Se fosse, já tinha vindo ver-nos . . . De Coimbra a Lisboa não é longe.»

— «O tio era lente da Universidade . . .

E, depois, sempre foi muito agarrado aos seus hábitos . . . Agora que se jubilou é que está mais livre . . . »

— «E elle então vem sosinho?» — quiz saber a Manuela.

— «Pois então! . . . O tio é só . . . Vive com uma creada muito antiga, a Monica.»

— «Coitado!» — A exclamação compadecida apontava espontaneamente aos labios de Bertha.

— «Porque não casou elle? Casasse!» — A Manuela tinha remedio prompto para tudo.

— «Ó mamã, deixa-me ver a carta do tio Victorino, deixa?» — pediu a Bertha que gostava muito de ler cartas.

— «Talvez não entendas . . . A letra é arrevesada» — e D. Frederica passou-lhe a carta.

— «Ah! entendo, entendo muito bem . . . » Mas logo na primeira linha havia duas palavras que nem por todos os santos. A Bertha, um tanto corada: «Isto aqui, mamã . . . Esta palavra é que eu . . . »

— «Dá cá, dá cá . . . Esta letra é só para quem está habituado. E leu, ainda com alguma hesitação:

«Coimbra, segunda-feira, 8.

Mana Felisberta.

Pela descripção que . . . »

—«Então a carta é para a avó?»— interrompeu a Manuela.

—«É sim, é para a avó . . . Mas a menina agora veja se póde estar calada»—e a D. Frederica recomeçou:

«Mana Felisberta.

Pela descripção que d'essa casa me tem feito, calculo que, sem grande incommodo para a familia, ahi poderão receber um hospede.

Apesar de rijo o cavername, a *influenza* do ultimo inverno deixou-me abalado. Estou fracalhote. Os doutores da terra receitam-me ares de mar. Tambem, é para onde lhes dá! Historias!

Mas o caso é que me resolveram a ir até S. Martinho. Logro vantagem dobrada: tapo a bocca aos doutores e tenho o gosto de ver a mana, a sobrinha Frederica, o nosso Vicente e a pequenada. Conto chegar ahi pelas 6 da tarde do dia 10, quarta-feira. A respeito de demora, depende de cousas.

Não quero que ninguem se incommode por meu respeito.

Vão comigo só duas malas, uma de roupa e outra de livros—uns alfarrabios que me fariam falta. Basta que me tenham na estação um moço que me tome conta da bagagem.

Estive para levar o meu *Jau*. Mas lembrou-me que elle se fosse dar mal com o cão de lá e, para evitar cousas, deixo-o com a Monica. Até é bom, que lhe serve de companhia. Ella acha-se muito só desde que lhe morreu o *Luço*, um maltez de marca que lhe enchia a casa toda e espavoria as ratazanas.

A respeito de quarto e de mesa, olhe mana que eu com tudo me contento. Sobrio e modesto como um hermita. Tendo uma mesa firme nos pés e uma cadeira em iguaes condições de segurança, prescindindo de tudo o mais, salvo a cama — entende-se — que essa ainda é do melhor que ha na vida para nos ajudar a leval-a.

Lembranças á familia.

Seu do coração

Victorino.

A Monica manda-se recommendar. »

Os pequenos estavam completamente estarrecidos. A carta confirmava tudo.

Aquella inesperada vinda do tio Victorino era um monumental desastre.

Era facil prevêr já os ralhos do tio carancudo, rabugento, sempre a tomar pitadas e a queixar-se do barulho. E os cuidados da mãe, da avó, com recommendações severas de não incommodarem o hospede?!

Andariam em bicos de pés, falaria a meia voz, quasi em segredo, tratariam de mostrar-se meninos modelos. Uff!

Confirmando estes receios, D. Frederica começou logo indicando muita cousa. De ora ávante, era preciso muita cautella na maneira de estar á mesa; lembrarem-se de todas as recommenções tanta vez feitas e tanta vez esquecidas; não se intrometterem na conversação das pessoas grandes; não terem palavras nem gestos desagradaveis uns com os outros; e tantas, tantas outras cousas!...

— « Quem sabe se, á ultima hora, elle ainda mandará telegramma a dizer que não vem? » — lembrou a Manuela, como quem por instincto lança mão a uma tabua salvadora. E de repente: « A mamã ha de saber se o tio Victorino toma rapé... »

— « Não me lembra... Julgo que não... Porque? »

— « Tenho um nôjo de tabaqueiros! »

— « Que tolice! »

— « É então a avó? » — lembrou a Bertha. — « Tambem tens nôjo da avó? »

— « A avó é outra cousa. »

— « De quem o tio vae gostar é da Clarisse » — declarou o Fôfo com sobranceria. « Essa não quebra um prato. »

— « Vê lá se ella ouve » — lembrou a

Berthã. E foi precautamente fechar a porta interior.

— « A Clarisse está no quarto da avó »
— informou D. Frederica — « Foi para lá ajudar-lhe a dobar linhas.

A Manuela saltou.

— « Mas eu tinha dito á avó que lhe ajudava, logo que acabasse as lições » — e n'um impeto de ciúme — « A Clarisse é uma . . . Sempre ha-de metter o nariz onde não é chamada. »

— « A menina para que ha-de ser assim? » — reprehendeu severa D. Frederica — « Sempre a implicar com a Clarisse! Não gosto nada d'isso. »

— « E ella tambem para que é assim? Sempre toda delambida a fazer de senhora! Só tem mais um anno que a mana. Trese annos! olha a grande cousa! »

— « E' nossa hospeda . . . Temos obrigação de tornar-lhe a estada aqui agradável. »

— « E ella para que está sempre a dar sentenças? »

— « Isso é lá com ella e com os seus paes; a menina não tem nada com isso. »

— « E ella tambem para que anda sempre com queixas, e a fazer chorar a mana? »

— acudiu o Adolfo incendiado — « Uma aborrecida . . . sempre a chegar-se para as senhoras . . . sem nunca brincar . . . E' sim . . .

essa é que está boa para o tio Victorino.»

— «De certo que, se os meninos se puzerem só a dizer e fazer disparates, o tio ha-de preferir muito todas as outras pessoas.»

— «Ora! . . . Deixal-o!»

— «Bonito menino!»

— «O' mamã» — quiz de repente saber a Bertha — «O tio para que quarto é que vae?»

— «Tem que ficar n'esta saleta.»

— «E então nós onde estudamos?»

— «Na casa de jantar. . . Não póde ser de outro modo.»

— «Eu cá não me importo. . . Gosto de estudar na casa de jantar» — declarou o Adolfo que estimava sempre todas as mudanças.

— «E quando vierem visitas?» — lembrou a Manuela que ás vezes não desgostava de armar dificuldades.

— «Tudo se ha-de arranjar» — e, levantando-se, D. Frederica accrescentou: «Agora guardem os livros. Já passou o sol, e faz-me arranjo que vão ahi para fóra um bocado em quanto eu preparo este quarto com a Luiza»

— «Eu podia ajudar a mamã» — offereceu timidamente Bertha.

— « Não, filha. Mais te quero ahi fóra »
— e trocava com ella um olhar que queria dizer — tendo mão n'esses estouvados.

— « Eu vou á avó, ajudar a dobrar o resto das linhas » — propôz a Manuela.

— « Não quero » — obstou terminantemente D. Frederica — « Armar bulhas com a Clarisse, não? . . . Vá ahi para fóra com os manos, ande. »

A Manuela mordeu o beijo e, cabisbaixa, seguiu os irmãos.

Foram sentar-se todos tres, muito monos, n'um dos bancos ensombrados pela parreira.

— « Tomára já mas é ir para Lisboa! »
— desabafou de pessima catadura a Manuela.

— « Eu cá, não » — discordou decidido o Adolfo — « Lisboa! Gosto muito mais de S. Martinho. Ora! »

— « Mas isto agora, com o tio cá, que graça vae ter? Ao menos em Lisboa sempre a casa é maior. » — E logo muito impetuosa, a Manuela — « Eu cá ao pé d'elle á mesa é que não fico. »

— « Nem eu » — assentiu caloroso o Fôfo.

— « Que tolice! » — corrigiu grave a Bertha — « Os meninos hão-de ficar onde a mamã disser! »

— « Pois sim! » — protestou no mesmo tom a Manuela — « A menina verá, »

— « Que tem, ficar ao pé do tio? » — insistiu a Bertha — « Elle não é nenhum tihoso. »

— « Já o viu alguma vez, para saber o que elle é? . . . Pois sim; fique a menina. »

— « Eu, se a mamã quizer, já se vê que fico. »

— « Póde ficar a mana de um lado » — saiu-se de lá o Adolfo — « e D. Clarisse do outro. Encontra-se a ronda com a justiça. »

— « Tem muita gracinha, o menino! . . . Olha, Fôfo, trata tu mas é de estar á mesa com termos. . . Se logo no primeiro dia entornas o teu vinho . . . Bonita cousa! »

— « E a Manuela com os cotovelos em cima da mesa . . . Isso ainda é peor. »

— « Eu agora quasi nunca ponho » — defendeu-se a Manuela.

— « Nada, não! » — insistiu o Fôfo implacavel — « E metter a faca na bôca? Ainda hoje ao almoço. Até a mamã lhe disse que ainda um dia a menina havia de cortar a lingua . . . Muito me hei-de eu rir! »

— « Oh! Fôfo! És mau, mesmo mau! » — reprehendeu asperamente a Bertha — « Gostar de ver alguém soffrer! »

— « Tomára eu! » — confirmou elle, rabino.

— « Não digas isso. »

— « Digo, digo. »

De repente o Fôfo deu um enorme salto. Segurando a Manuela pelos dois braços cingidos ao corpo: « A menina agora não se mexa . . . Esteja quieta . . . Mau! . . . »

— « Mas o que é? o que é? » — indagava a Manuela aterrada.

— « Espere, já lhe disse . . . Esteja quieta . . . Não respire . . . Ora, cebolorio! não tenho lenço . . . Espere . . . espere . . . Ah! cão! » — e, com delicado geito, o Fôfo tomava pelas asas uma vespa que fôra subindo pelas costas da Manuela até chegar-lhe quasi ao pescoço.

A Bertha accudiu com o lenço, onde o Fôfo envolveu a vespa esboírachando-a depois com o pé.

— « Não sei como ella te não mordeu, Fôfo » — disse a Manuela um tanto commovida — « Credo! Apanhar uma vespa á mão! Eu cá, Deus me livre! »

— « E se ella lhe mordesse no pescoço, tinha gostado? »

— « Isso lá tambem te podia morder a ti no dedo. »

— « No dedo . . . no dedo sempre havia de doer menos. »

A Bertha pousou ternamente no irmão os seus olhos muito meigos.

Sim, ella bem o sabia; o Fôfo não era tão mau como queria fazer-se.

O resto da tarde foi em boa parte consagrada a falarem da vespa.



O diabo não é tão feio como o pintam

O comboio chegára precisamente ás 6,36.

Dourava as dunas marginaes da bahia o mais lindo e variegado pôr-de-sol.

Toda a familia esperava o tio Victorino na estação. Até a velha avó, a pobre D. Felisberta, tão atormentada de rheumatismo, lá deitára, sabe Deus com que custo.

Quantos annos havia que ella não vira aquelle irmão unico! Por isso cobrára alentos para o caminho, todo aberto amplamente em estrada plana.

O *Tintureiro*, com a sua carreta puxada pelo *Garôto*, lá estava tambem á porta, prompto para a bagagem.

Ao parar o comboio, os pequenos abri-

ram desmesuradamente os olhos, a ver de onde surgiria, trôpego, alquebrado, pedindo auxilio por causa da altura do estribo, o tio Victorino, todo receioso do arzinho da tarde, muito conchegado no amplo capote, vergado, bem vergado ao peso dos setenta annos.

— « Olha a mana Felisberta! Ih! Jesus! para que foi incommodar-se toda esta gente! »
— soaram de repente estas exclamações, proferidas em timbre forte, muito claras. O energico possuidor d'esta voz era um homem alto e esguio, feições angulosas e expressivas, testa alta, olhos vivissimos, movimentos faceis, cuja cabeça, descoberta e um pouco calva, emergia de uma carruagem de primeira classe.

Aberta instantaneamente a porta, o nosso homem saltou em terra com ligeireza digna dos vinte annos sadios.

O primeiro abraço foi para D. Felisberta.

— « A mana está bem . . . está optima . . . está uma rapariga. »

A D. Felisberta, engulindo lagrimas: « E o mano . . . sempre o mesmo . . . Sem sobretudo por este arzinho da tarde! »

— « Sobretudo! Nunca fui homem para esses atrapalhos, senhora mana. »

Já D. Frederica reclamava para si um abraço, e Vicente da Camara trocava com o

tio unico de sua mulher um aperto de mão cordialissimo.

Chegou a vez dos pequenos. Acercou-se Bertha primeiro, com o seu sorriso sempre timido e sempre doce. O pae, pondo-lhe a mão no hombro delicado, animava-lhe a apresentação.

— « Esta, já vejo... é a D. Ajuizada » — disse o tio Victorino, fazendo-a corar. — « Já sei de você alguma cousa. Vamos ser amigos. » — E deu-lhe na cara um beijo que estalou.

— « Esta é a Manuela » — apresentava quasi ao mesmo tempo a avó, toda sorrisos — « Chega-te Manuela... Beija a mão ao tio. »

A Manuela obedeceu com passo tardo.

— « Olho matreiro » — sentenciou o velho, fazendo cara circumspecta de juiz. — « Olho que não falha... Isto ha de ter que se lhe diga! olé! » — e beijou o rostinho que se lhe estendia um tanto trombudo.

— « Agora cá o morgado » — fez notar D. Frederica, puxando pelo braço o Fôfo, com manifesta má-vontade do interessado.

— « Então, filho, que é isso? Levante a cara. Parece doente do pescoço. »

— « Deixa vêr esses olhos, pequeno » — e o tio Victorino tomava pela barba a cara arrenegada do Fôfo — « E's bonito e tens

boa pinta... Não queres o beijo?... Pois não, rapaz... Beijos são para raparigas... Nunca queiras tu dar beijos senão em raparigas...» — e largou-o.

— «E esta menina?» — indagou o tio Victorino, indicando Clarisse, o mais formoso rosto de creança que se lembrava de ter visto havia muito.

— «E' filha de uma amiga minha» — explicou D. Frederica — «Clarisse Oliveira... Está a passar uns dias connosco.»

— «Bellas feições!» — elogiou o tio Victorino. E beijou na face Clarisse que se fez de mil côres.

A Manueia ficou radiante. O tio Victorino subia de improviso tres furos no seu conceito. Tudo o que se prestasse a abater as farroncas, as prosapias senhorís da Clarisse, era um regalo para ella. Um fedêlho, com muito menos juizo que a Bertha! que nem aos calcanhares lhe chegava!...

Antes de pôr-se a familia em marcha para casa, foi dada a guia da bagagem ao *Tintureiro*.

— «Olha que são duas malas, rapaz» — elucidou zeloso o tio Victorino — «A mais pequena é cousa de pouca monta... trapaçaria. Agora a outra quero-a tratada com cautella... nada de boléos... E olha que é pesada... Se fôr carga demais para o animal,

antes lá vás por duas vezes . . . E' perto, não?»

— «Qual historia!» — protestou o *Tintureiro*, com o seu riso alvar — «Cá o meu *Garôto* pode bem . . . Elle *inté* podia com dez, quanto mais com duas!»

— «Elles não falam. Não dizem á gente com o que é que podem . . . Nós é que havemos de regular essas cousas.»

— «Sim senhor . . . Vá descançado» — tranquillizou o *Tintureiro*, sem entrar absolutamente nada na intenção caritativa do tio Victorino — «D'aqui por um *estante* lá está tudo . . . *Dêtar* a carga ao chão *nan* na *dêta* elle. Por essa fico eu.» — E coçava lôrpamente a cabeça com o barrete.

O Fôfo e a Manuela não consentiram que a canastra das arrofadas e laranjas doces ficasse para ser levada pelo *Tintureiro*. Nunca fiando!

Cada um pegando de seu lado, encarregaram-se do frete alegremente.

A Clarisse olhava desdenhosa, reprovativa.

«Não sei como a tua mamã consente» — segredou ella ao ouvido de Bertha — «pela estrada fóral. . . diante de toda a gente!»

A Bertha olhou-a surprehendida. Depois, com a habitual serenidade: — «Mas, isso que tem? . . . Eu cá acho que não tem nada.»

A Clarisse não retorquiu porque o tio Victorino, que ia perto, podia estar ouvindo.

Se elle discordasse das suas idéas, seria mau. Tendo a mesma opinião, peor; que era bem capaz de lhe dar segundo beijo, sem cerimonia, diante de toda aquella gente que, espreitando o rancho, estava posta ás janelas.

Desde que avistou a bahia, o tio Victorino ficou embasbacado. Chegado á casa, refestelou-se n'um dos bancos de fóra, declarando peremptoriamente: « D'aqui já ninguém me tira... Esplendida cousa!... Soberbo crepusculo!... Victorino Amandio da Costa Sequeira já d'aqui não sae. »

Os grandes sentaram-se, lisonjeados por aquella impressão primeira que o tio lhes recebia á porta de casa.

Só D. Felisberta, que transpirava do esforço do caminho, recolheu, indo pôr-se a uma das janelas, a admirar tambem os magicos effeitos d'aquelle esplendido pôr-de-sol.

Os pequenos afastaram-se até ao caes a ver o desembarque do peixe.

O tio Victorino abundava em exclamações. Ou elle não fosse portuguez dos quatro costados!

— « Bello! bello!... Só por este bocado de tarde valia a pena ter eu cá vindo...

Esta amenidade do ceo de Portugal! Clima impagavel!»

— «Olha lá, Hippolyto» — D. Frederica derigia-se a um rapazito que passava ao longo do caes — «Veiu peixe?»

O interpellado parou e, descobrindo-se: «Foram só lagostas... Tambem hoje poucos barcos sairam... O mar, fóra da barra, tem estado picado... Boas tardes.»

— «Adeus... Olha lá... como está a avó?»

— «A avó vae indo... Eu agora chego lá a vel-a» — e o rapazito estugou o passo.

— «Tem merecimento este pequeno» — informou D. Frederica — «Com treze annos, é o unico amparo da avó, velha e quasi cega...»

O tio Victorino, enlevado na contemplação da bahia, nem talvez dera fé do dialogo trocado ali mesmo. Ergueu agora a cabeça e, interessado, apontando com o dedo: «E' aquelle? o do barrete azul?»

— «Esse. O pae era um pescador d'aqui... Foi para o Brazil, que é a tentação de toda esta gente, e por lá morreu...»

— «E a mãe? O rapazito não tem mãe?...

— «O pae já era viuvo quando partiu para o Rio.»

— «E irmãos?»

— «Não tinha... E' só elle e a avó.»

— «E vivem . . . como?»

— «Eu sei! . . . Da graça de Deus . . . Alguma cousa que o pequeno ganha . . . em recados ou a remar.»

Chegava o *Tintureiro*. O *Garôto* puxava com algum esforço a carreta onde vinham as duas malas.

Os pequenos, dando pelo caso, logo vieram do caes assistir ao descarregar da bagagem, immediatamente conduzida para o quarto destinado ao hospede.

Entretanto o *Garôto* fazia honra a um quarto de pão que a Manuela lhe apresentava na palma da mão estendida.

O tio Victorino, de braços abertos, no seu quarto, regosijava-se: — «Fico aqui como um príncipe! mais . . . como um abbade! . . . Aqui nem a Monica tinha que dizer . . . Mas espera . . . não fosse algum de vocês desacommodar-se por meu respeito . . .!»

Choveram protestos.

— «Não, tio.»

— «Ora essa!»

— «Que idéa, mano!»

— «Foi só armar a cama.»

E Vicente da Camara, para cortar o incidente, convidou D. Frederica a mandar pôr o jantar na mesa.

Minutos depois estava toda a familia abancada, prestando homenagem á terrina

fumegante e olorosa. Diante do prato do tio Victorino lourejava uma grande travessa de salada de lagosta, amarella de mostarda e ovos cosidos.

— «Bello prato!» — elogiou o velho, esfregando as mãos — «A Monica ficava consolada só de o ver.»

Vicente da Camara, a uma das cabeceiras da mesa, dava a direita ao tio de sua mulher que do outro lado tinha a sobrinha Frederica e por *vis-à-vis* D. Felisberta.

A contento dos pequenos nenhum d'elles ficava ao lado do tio Victorino. Foi desaforo para todos. Desaforo relativo; que, durante o jantar, nenhum abriu bico; só entre si sorriam, trocando olhares significativos.

O Fôfo não queria por nada entornar o seu vinho. A Manuela cuidava de não pôr os cotovellos sobre a mesa. A Clarisse imitava, com attenção e apuro, os gestos senhoris, um tanto affectados, de D. Frederica. Bertha, sempre muito timida, mal ousava levantar os olhos. Tambem, a conversação dos grandes, toda voltada a um passado remoto, girando sobre acontecimentos longinquos, pouco podia interessar os pequenos.

Ao café, a Manuela pediu licença para levantarem-se. Sairam á rua os tres irmãos, seguindo-os a curto trecho Clarisse, que

diante do tio Victorino sentia acanhamento de fazer de senhora.

O dubio e ultimo reflexo do dia, com algumas estrellas já a bruxelearem para oriente, era de um effeito encantador. Não é muito certo que os pequenos dessem por isso. Cá fóra, sentados nos bancos, discutiam em voz baixa o tio Victorino.

— «Eu cá nem por isso desgosto d'elle» — declarava a Bertha, muito firme.

— «E' feio, feio» — desdenhou a Clarisse — «Tem uns modos tão exquisitos!»

— «Eu cá pello-me» — afirmou emphatico o Fôfo — «é pelas laranjas doces que elle trouxe . . . Quando se fôr embora ha de nos mandar mais?»

— «Pois!»

— «Ora! . . . peço-lhe eu.»

— «Cá a mim o que me custa é estar calada á mesa» — confessou com uma grande careta, a Manuela — «Crédo! Até parece que tudo sabe peor . . . A'manhã ao almoço hei de falar . . . Sempre quero ver o que elle faz . . .»

— «Ora, o que faz! Não faz nada» — e o Fôfo dava aos hombros com importancia — «Bob! Bob!» — e levantava-se para ir dar ao *terra-nova* de Vicente da Camara uma lição de obediencia.

— «Eh! carapau da corrida!» — Ao som

d'este pregão muito estirado, uma rapariga da Nazareth passava, correndo, com uma esguia canastra á cabeça.

A Manuela indagou logo de Bertha se o seu gato d'ella, o *Tris*, estaria provido de jantar.

Que sim, que as creadas haviam de ter tratado d'isso — foi a tranquilla resposta de Bertha.

— «As creadas! E fias-te tu n'isso!»

Falando, a Manuela corria já direita á cozinha. E logo voltou com a resposta. O *Tris*, muito exquisito de bôca, não comera nada em todo o dia por lhe faltar o prato predilecto.

— «Não queres crer que ellas não se importam!» — increpava ella zangada á irmã. E, para a vendedeira — «Vá de roda á cozinha que lhe compram para o gato. E, quando passar, pergunte sempre lá dentro.» — Depois, afagando o *Tris*: «Anda lá que a tua dona sempre se importa bem contigo! A maior parte das vezes se não fosse eu . . .»

— «Deixa estar que não morria de fome.» — assegurou a Bertha com despeito — «E elle para que é tolo? Coma de tudo. Ora essa!»

— «Coitadinho! hoje ficava com a barriga a dar horas» — insistiu a Manuela. Mas logo, largando o gato, correu para a janella

do tio Victorino, onde apparecera luz. Levados pela mesma curiosidade, os outros pequenos seguiram o movimento da Manuela.

Era o tio Victorino a estabelecer-se, dispondo nos cabides, mesas e *étagères*, o conteúdo das suas malas.

As duas senhoras tinham-no acompanhado ao quarto, seguindo com interesse os pormenores do aquartelamento.

D. Frederica quiz auxiliar o tio.

— « Nada, nada . . . Não preciso de que a menina se incommode . . . Sente-se e dê conversa, que muito estimo . . . Agora para mexer, basto eu. »

A mais pequena das malas vinha levisima. Era a do fato. E elle ainda não sabia para que o diacho da Monica lhe metterá lá tanta cousa. Só lenços, duas duzias!

Com a bréca! Tinha para se assoar um anno inteiro. E anno bisexto — accrescentava de bom humor.

A outra mala, a grande, no dizer do *Tintureiro* — pesava que trazia judeu morto.

— « O que virá n'aquella? » — cochichou o Fôfo, a rir muito dentro da mão com que apertava a bôca.

— « Hão de ser livros » — lembrou a Bertha — « Dizem que o tio lê muito. »

— « Ou pedras » — alvitrou a Manuela,

dando um beliscão na perna do Fôfo que o incommodava.

— « Olhe que eu chamo a mamã » — ameaçou elle — « Quer ver ? »

— « Pelo amor de Deus accomodem-se » — supplicou a Clarisse — « Ao menos hoje finjam que têm juizo. »

Mas já a tampa da grande mala era levantada com certa reverencia, pelo tio Victorino.

Os pequenos emmudeceram. Todas as forças activas lhes estavam agora concentradas nos olhos, nos olhos desmesuradamente abertos a esquadriharem o conteúdo do *malão*, como lhe chamava o Fôfo.

Curvando-se muito n'uma attitude que poderia parecer o do respeito, o tio Victorino internou ambas as mãos pelo acervo de folhetos, de revistas, de jornaes, que já se espalhavam de roda em profusão, e, n'um esforço, sacou para a borda da mala um busto de marmore, quasi tamanho natural, para que se poz a olhar investigadoramente como o pae extremo ao filho que lhe chega de uma exploração africana, macillento, magro, batido d'aquelle durissimo viver de lá.

Mas aqui a inspecção foi, de todo o ponto, consoladora. Ajoujado, o tio Victorino veio collocar triumphantemente o busto sobre a

mesa. Ahi, remirando-o novamente:— «Perfeitamente intacto! Nem uma beliscadura!»

Os pequenos acotovellavam-se mutuamente, sem dizer palavra. Não estavam entendendo aquillo. De mais a mais, o busto ficava-lhes de costas. Percebiam-no coroadado de louro, mas da cara não podiam ver nada.

— «Ha de ser o Gungunhana» — alvitrou a Clarisse pretendendo ter graça.

— «Oh! menina!» — censurou a Bertha, muito receiosa de que dentro se ouvisse.

— «Ora o tio!» — estava ao mesmo tempo dizendo D. Frederica, entre grave e ironica — «Sempre com a sua paixão por Camões, ao que se vê! Já é levar longe o entusiasmo!»

— «Então... que querem vocês?... E' uma mania como qualquer outra.»

— «Só o dinheiro que o mano havia de gastar em excesso de bagagem!» — ponderou D. Felisberta, meneando a cabeça n'um profundo calculo arithmetico.

— «Então, mana!... Elle afinal para alguma cousa ha de servir, o tal dinheiro que nos dá tantas arrelias certas...» — e com um enternecimento na voz — «Sirva tambem alguma vez para nos dar gosto.»

— «Lá n'isso diz bem, mano» — obtemperou D. Felisberta — «E olhe, se quer que lhe diga, cá a mim tambem ainda não houve livro que me agradasse como os

Lusíadas. Mais depressa me agarro ainda hoje a esse que a outro qualquer.

— «E nunca as mãos lhe dóam, mana... Ahi ha ensino para todos, moços e velhos.»

— «Não digo menos d'isso» — concedeu um pouco desdenhosamente D. Frederica — «Isso lá é outra cousa... Agora ter pachorra de andar a viajar com o Camões mettido na mala... Tenha paciencia... mas só o tio!... Lá até ahi... só o tio!»

— «Então, menina!» — retorquiu muito formalizado o tio Victorino — «Tenho eu cá esta mania!... A gente ás vezes affeiçoa-se a cousas como se fossem pessoas... A questão é tomar-lhes o habito... Ha muito anno que vivo com este busto no meu quarto de trabalho... A idéa de nos separarmos dá-me pena. Olho para aquella cara e sinto-me acompanhado. E' tolice? Não duvido... Mas que eu sinto isto, sinto.

«Vejam agora os sabios na escriptura
Que segredos são estes da natura.»

A maior parte das cousas que a gente sente não lhes sabe explicar os porquês.» — e o tio Victorino ia tirando da mala duas edições do Camões, uma popular, de formato pequeno, a outra grande, em tres volumes grossos, do Visconde de Juromenha.

— « Escusava o tio de vir carregado com todos esses livros » — ponderou D. Frederica, sempre um pouco desdenhosa — « Pelo menos os *Lusiadas* têm-nos cá os pequenos. »

— « Deveras! » — e o tio Victorino empertigava-se muito na exclamação — « Isso é maravilha! »

— « Também não é tanto assim! » — attenuou D. Frederica — « Creio até que no Portuguez dos lyceus se estudâ pelos *Lusiadas*. »

— « Ah! sim » — chasqueou longamente o tio Victorino — « no Portuguez dos lyceus... É fresco o tal Portuguez, não haja duvida!... a deitar cá para fóra bandos que não dizem senão tolices... Fresco!... A menina acredite uma cousa... A gente portugueza é a que peor fala e conhece a sua lingua... Isso é um dos lados do bandalhismo em que nos atascamos... »

— « Ora o tio!.. também não me parece que seja tanto assim... E depois... o Portuguez do tempo de Camões sempre era Portuguez de ha tres seculos... As linguas hão de por força renovar-se... »

— « Lá por isso, a nossa bem renovada anda » — assegurou o tio Victorino irado — « uma mixorofada de francez, inglez e quantas linguas ha! E ainda o seu bom bocado de calão á mistura!... Isto é lá maneira

de se expressar uma nação que se presa!... Que deploravel decadencia!... Falassemos hoje esta linguagem que aqui jaz sepulta» — e dava energicas palmadas nas grossas encadernações do Visconde de Juromenha — «e tenha a certeza de que o espirito nacional não estaria assim quebrantado como está.»

— «São tantas as causas que contribuem para a decadencia de Portugal!» — reflectiu vagamente D. Frederica.

— «São» — O tio Victorino ia progressivamente tomando calor — «O peor é que todas ellas convergem ao mesmo fim — a ruina total do paiz... se não houver mão poderosa que ainda erga esta gente por meio de uma verdadeira educação nacional...»

— «E' tão difficil educar bem o povo!» — disse frouxamente D. Frederica, já muito receiosa do caminho que a conversação ia tomando.

— «Difficil! Ensinem a trabalhar com honestidade e está tudo feito. E não pré-guem só... dêem o exemplo... Doutrinas de frei Thomaz já não servem... Não precisam ir mais longe... Façam só o que manda este livro» — e o tio Victorino agitava no ar, convulso, o volume dos *Lusiadas* — «o que preceituou aquelle

«... cuja lyra sonora
Será mais afamada que ditosa»

Aqui ha lei para tudo. Isto é um codigo sem preço. Todo o portuguez o devia saber de cór... Que lhe parece á menina? que todos os seus patricios já, uma vez ao menos, percorreram este livro santo? este livro que contem em si a propria essencia da alma portugueza?... Sim, diga lá... Parece-lhe isso?... A maior parte da nação sabe tanto d'isto» — e o tio Victorino batia com furia na capa do livro — «como eu, Victorino Amandio da Costa Sequeira, sei de lagares de azeite... Nem mais nem menos» — e bufava com desafogo — «Sem ir mais longe... a menina, por exemplo... sabe alguma cousa d'aqui, que não seja o episodio de Ignez de Castro ou a fabula do Adamastor?... Sim, diga lá... Já alguma vez leu os *Lusiadas* de fio a pavio, apesar de ter a idade que tem e ser mãe de tres filhos ja crescidotes... Sempre quero que me diga isso com verdade...»

— «Tenho lido varios bocados, isso tenho» — balbuciou muito a medo D. Frederica — «Agora, tudo tudo, de principio a fim... Tenho sempre tão pouco tempo para ler!»

— «E' o que dirão todas as mães por-

tuguezas... Entretanto, no estrangeiro, rara será a pessoa medianamente instruída que não' conheça as traducções dos *Lusiadas*... E' de fazer chorar... »

— « Olhe, mano » — defendeu-se D. Felisberta — « o exemplar que o mano me deu em rapariga bem usado está!... Já o tenho lido muitas vezes a seguir... E de lá digo muitas cousas aos pequenos. »

— « Faz o que deve, mana... Com o que está aqui » — e outra vez rijas palmas na edição do Visconde de Juromenha — « educava-se uma geração forte, briosa e digna... Só com isto e mais nada... Não o querem entender... verão o resultado... Não será preciso viver muito para o ver. »

Vicente da Camara, entrando no quarto, propoz que saíssem antes para o caes; a noute estava de uma amenidade encantadora. Sairam. E D. Frederica resfolegou, bendizendo a inspiração providencial do marido.

Agora o grupo dos pequenos, conchegado, muito compacto, cochichava a respeitavel distancia. De soslaio, olhavam para os bancos onde os grandes, á porta de casa, falavam placidamente dos passeios que havia a dar em S. Martinho e da colonia balnear.

Aquella discussão ferrenha, presenceada

por elles havia pouco, revelando-lhes o tio Victorino, um grande amigo d'aquelle Camões que elles, a bem dizer, conheciam só de o ver empoleirado na sua columna ao cimo do Chiado, rodeado aos pés por uns homenzinhos de quem nem sequer sabiam os nomes, não contribuíra para augmentar a sympathia de nenhum pelo excentrico hospede, tão importunamente chegado. Antes um maior receio os invadia, calculando já o que não seria para elles em ralhos e rabujice esse tio Victorino que logo á chegada investia furioso com D. Frederica, simplesmente porque ella não lera os *Lusiadas* de fio a pavio. Tambem elles não.

Aos olhos de todos o delicto parecia realmente muito pequeno para tamanhos excarceus.



III

Dois que se entendem

Otio Victorino era gallo da manhã.

N'aquelle primeiro dia que lhe amanhecia em S. Martinho, os vendedores e vendedeiras que passavam olhavam de soslaio á janella, de onde o velho madrugador espreitava com interêsse o movimento matinal da terra.

Era o padeiro das Caldas com a sua carroça; os rebanhos de cabras leiteiras; o patinbar leve das mulheres da Nazareth, gritando «Eh, carapau enjoado!» — o carapau secco ao sol; a voz sonora d'aquella, apregoando o bom mel de Pataias . . .

A novidade do scenario divertia muito o tio Victorino. A maré, muito baixa, deixava agora a enxuto quasi toda a bahia. Até esse

curioso phenomeno interessava o velho, que sabia ver e d'ahi extrahia sempre muito goso.

Estava deliciosa a manhã. Uma aragem viva, impregnada de frescura maritima, como que tonificava os corpos.

De repente veiu ao tio Victorino uma alegria menineira, um vivo prazer de ter vindo. Era um pouco como voltar a ser rapaz. E, effectivamente, com a prestesa da vigorosa mocidade, arpoou com a perna o peitoril da janella e, ao segundo minuto, estava refestelado n'um dos bancos verdes encostados á casa.

— «Ah!» — resfolegava elle; e abria muito a bôca como desejando, n'aquelle hausto matutino, tomar uma salutar desjejua.

— «Inda é mais lesto qu'ós rapazes, caramba!»

O tio Victorino ergueu a cabeça e enviou em roda um olhar esquadrinhador, buscando quem pudesse ter soltado a energica exclamação. Só viu um rapazito, por volta dos trese annos, encostado a um tronco de arvore fronteira, olhando-o com manifesta admiração.

«Bons dias» — disse-lhe com sorriso acolhedor; e observava attentamente a creança, estimulado por uma vaga reminiscencia.

— «Muito bons dias» — e o rapazito des-

cobria-se, metendo debaixo do braço o barrete azul.

— «O' meu senhor, merca-me lá uns olhos?»

A pergunta era feita ao tio Victorino por uma alentada moçoila de Famalicão, carregando ao braço uma canastra de verduras.

— «Uns olhos!» — repetiu maravilhado o tio Victorino, abrindo desmesuradamente os seus, em demanda da estranha mercadoria que lhe era offerecida.

— «São couves» — explicou com um sorriso intelligente o rapazito do barrete azul.

— «Ah! couves!» — exclamou o tio Victorino muito divertido. E, galanteador para a rapariga: «Menina, quem tem uns olhos d'esses não os apregôa.»

— «Então não me compra nada? Também levo figos.»

— «Isso rebenta os beiços, menina.»

A rapariga, convencida de que não fazia negocio, dispoz-se a partir. Antes, porém, para o pequeno:

— «O' *Hympolito*, e a avó que tal vae?»

— «A avó vae na mesma.»

— «Ella inda vê dos olhos alguma coisa?»

— «Está a bem dizer ceguinha de todo.»

— «Olha lá!» — e a mulher partiu a sacudir-se muito das ancas.

A fronte tiszada do pequeno ensombrara-

se. Rugas precoces que lá attestavam prováveis miserias avincaram-se mais.

O olhar penetrante do tio Victorino viu muito ali para dentro.

— « Em que te empregas, rapaz? » — perguntou sacudido, mirando-lhe os remendos muito regulares, ta.vez prodigioso esforço da avó semi-cega.

— « Eu! . . . Eu ando p'r'a ahi assim. »

— « Mas sempre ganhas? »

— « Vintem aqui, vintem ali . . . Nunca se coalha nada que preste . . . E inda agora é melhor . . . Sempre ha quem vá de bote . . . No inverno é que é ter fome quando calha. »

— « Fome! »

— « A velhota, coitada! é que me prende cá . . . Aquillo, só de me ver abalar, até . . . »
— e o pequeno calou-se opprimido.

— « Tu então para onde querias ir? »

— « P'ra d'onde? P'r'ó Brasil . . . Lá é que um homem ganha . . . »

— « São mais as nozes que as vozes . . . »

— « Ganha, deixe lá. »

— « Por lá te morreu o pae, segundo ouvi. »

— « Então! . . . Isso lá é como na guerra . . . Uns leva-os a fortuna, outros vencem . . . »

— « Tambem muitos voltam pobres . . . »

— « Quem se não arriscou não perdeu nem ganhou. »

— « Isso lá é verdade, rapaz. »

Calaram-se.

De repente o tio Victorino. — « Tu não vaes á escola? . . . Aqui ha de haver escola . . . »

— « Ha a da camara e outra particular . . . Foi um legado d'um filho da terra . . . Esse foi ao Brasil e voltou. »

— « Abençoada fortuna! E tu então vaes lá, a essa escola? »

— « De inverno nunca falto . . . Agora é differente . . . Se não ando cá por fóra á cóca dos freguezes p'r'ó barco não apanho nada. »

— « Visto isso, sabes ler? »

— « Ler, sei . . . Não custa nada . . . »

— « E escrever? »

— « Então! A gente logo aprende uma cousa quando á outra. »

— « E contas? »

— « Ora, contas! N'isso é que eu sou um barra . . . Já fiz mais de quantas vezes todos os problemas do systema metrico . . . O que me custa mais a metter p'r'á cabeça é o dianho da grammatica . . . »

— « Metter p'r'á cabeça, ahi é que bate o ponto » chasqueou o tio Victorino.

— « Sempre se lá topa cada palavrão! »

— e o pequeno ria, todo trocista.

— « Palavrão, dizes bem . . . E' o termo . . . »

A grammatica d'esta terra é a sciencia dos palavrões . . . Dize cá, rapaz, então tu tens um barco para alugar?»

— « Quem no tem é o patrão Gil . . . Mas quem vae a remar sou eu . . . Elle é velho com'ó mar, isso e qu'elle é . . . Olhe . . . Não vê vocemecê aquelle homesinho lá ao cabo do caes, mesmo mesmo a cortar para *Valle de Guisos*? Pois é esse . . . Todas as manhãs lá deita a Santo Antonio, a vêr o mar . . . Tem já muito anno! . . . Pois aquillo, agarrado ao pausito, inda corre tudo ahi assim . . . »

— « Remar é que elle não póde, hein?»

— « Por via do rheumatico . . . Eu então trato de apanhar os freguezes e lido-lhe com o bote . . . Vocemecê vê-o? E' aquelle que além está amarrado . . . O *Esparafita* . . . não vê? Eu d'aqui até differença as letras. »

— « *Esparafita!* . . . E isso que quer dizer?»

— « Quer dizer que vae ligeiro. »

— « Isso é *espora fita*, rapaz . . . »

O Hippolyto arregalou muito os olhos. E intransigente — « A gente cá chama-lhe mas é *Esparafita*. »

— « Pois está dito . . . *Esparafita* » — concedeu o tio Victorino convencido.

— « Tu então sabes remar?»

— « Pois o que tem isso que saber?»

« Vamos lá! Tudo tem sua sciencia... E o dinheiro que ganhas é para ti? »

— « Metade é; o resto é p'r'ó patrão Gil. »

— « O patrão é pobre? »

— « Pobre!... Tem bem boa maquia, deixe lá! »

— « Então, não te devia acceitar o dinheiro. »

— « Isso lá!... O barco é d'elle... »

— « Mas logo metade! »

— « Então!... Cada qual chega a brasa á sua sardinha... »

— « Ainda que fique crua a do visinho?... É o caso... Olha lá... os passeios aqui são só á roda da bahia?... »

— « Nada... Com bom tempo passa-se a barra... sae-se lá fóra ao mar... »

— « Não tem perigo, isso? »

— « Conforme está o mar... Inda ha tres annos, n'um dia de borrasca, morreram ahi sete pescadores... »

— « Deveras? »

— « Sim, senhor... O passeio mais catita... e esse lá não tem perigo... é ali ao rio de Selir. »

— « Rio!... Mas para onde é isso? » — e o tio Victorino investigava infructiferamente a bahia em roda.

— « Lá ao cabo, p'r'á esquerda da bar-

ra... não vê vocemecê *adonde* estão aquelas duas chavascas a bem dizer pegadas?... Pois é por ali dentro... Vae-se inda para lá das pontes...»

— «Que pontes?»

— «Essas é que se não vêem d'aqui...»

— «E os barcos vão lá?»

— «Passam por debaixo na maré cheia.»

— «Havemos de lá ir... Quanto custa um passeio a Selir?»

— «Pouca coisa... Obra de dois tostões...»

— «Dois tostões!»

— «Vocemecê parece-lhe muito?... Inda se leva um bocado a lá chegar.»

— «Não, rapaz... acho pouco.»

— «Acha pouco?!»

— «Sim, acho. Porque te espantas?»

— «E' que... os freguezes nunca acham pouco... Já uma vez lá fui por oito vintens.»

— «Com effeito!»

— «E quando é que vocemecê lá quer ir?... Olhe, hoje estava mesmo a calhar.»

— «Hoje, porquê?»

— «Foi *honte* lua cheia. Está boa maré p'r'a tarde... Lua nova e lua cheia, preamar ás duas e meia.»

— «Tem graça... Pois valeu.» — E o tio Victorino, já todo electrizado, muito sorri-

dente para o pequeno: « A's duas e meia em ponto quer-se aqui o bote... espera... como se chama elle?... ah! o *Esparafita*... Está dito, para Selir no *Esparafita* ás duas e meia. Ouves, pequeno?... Tu chamas-te?... »

— « Eu sou Hippolyto. »

— « Pois, senhor Hippolyto, faça voce-mecê bom serviço, e tem freguez certo. »

— « A's duas e meia cá está o bote. » —

O Hippolyto dizia isto n'um tom decidido em que não havia o menor resaibo de servilismo, ao mesmo tempo que afagava o *Malandro*, o cão do patrão Gil, que viera familiarmente roçar-se-lhe ás pernas.

Do caes um latagão, filho do banheiro Ribas, lembrou-se de atirar uma pedra ao *Malandro*.

— « Eh lá, camarada... cautelinha!... »

— gritou-lhe o Hippolyto.

— « Queres outra? » — veio de lá, em tom de escarneo.

— « Vá a vêr. »

Segunda pedra, mais certa, tirou ao *Malandro* um comprido e lamentoso latido.

Veloz como gamo, o Hippolyto lançou-se ao aggressor, perseguindo-o freneticamente na fuga cobarde, mimoseando-o com valentissimos sôcos quando logrou tocar-lhe. O inimigo limitou-se á defensiva que

o instinto de conservação lhe aconselhava.

Sem intervir, o tio Victorino seguira com interesse todas as particularidades do incidente.

Nervoso, a esfregar muito as mãos, commentou com os seus botões: «Safa! E' de respeito o rapazelho!»

IV

Ao almoço

O assumpto principal durante o almoço foi o passeio a Selir. Divergiam as opiniões.

O calor, a hora, a capacidade do *Esparafita*, a força e competencia do remador, tudo foi discutido no meio da maior animação.

Logo que se tratava de embarcar, D. Frederica receava-se de tudo. Por si nunca tomava parte n'estes passeios. O balanço era quasi imperceptivel; mas agoniava-a — dizia.

Consentia em que os pequenos fossem, mas só com toda a segurança. O Hippolyto afinal não passava de uma creança, a quem

se não podiam exigir responsabilidades. Chamasse-se antes um remador adulto, visto ser numerosa a tripulação.

Mas aqui o tio Victorino mostrou-se de-véras contrariado. N'aquelle passeio uma das coisas que elle levava em gosto era precisamente experimentar a pericia e tino do rapazelho. Gostaria até de o vêr tirar-se de alguma difficuldade séria. E' como se experimentam os homens—affirmava. Estava a parecer-lhe que aquelle tinha nas veias sangue portuguez, do antigo. « Aquelle é que não engana, não » — dizia, a esfregar as mãos, no seu energico movimento habitual. — « Estou que tem feitio galhardo para os perigos... la apostar que o fedelho na occasião asada :

« ... arnez, couraça e malha

« Rompe, corta, desfaz, abola e talha. »

— « Lá nos vem o tio com o seu cavallo de batalha! » — sorriu D. Frederica.

— « Pois se tudo o que é grande e bello lá tem definição! »

— « Mas cá o meu medo sempre é que o barco se volte... D'esse risco não pôde livrar-me o seu Camões, tio. »

— « Qual voltar! » — desdenhou Vicente da Camara. — « Se todos fossem como tu, sempre com medo de tudo, havia de

ser divertido!... Ninguem se atrevia a dar passo.»

— «Medo! medo!» — chasqueou o tio Victorino. E, logo, muito serio: «Má cousa para educar gente nova... Sobrinha, fique n'isto:

«Faz as pessoas altas e famosas
«A vida que se perde e se periga.»

Assim mesmo é que é... Medo!»

— «Muito obrigada, tio! E a responsabilidade dos paes! Sempre é bom acautelar... pensar onde podem estar os perigos.»

Houve um silencio. O tio Victorino meneava levemente a cabeça.

— «A proposito me está lembrando uma sentença, mano Victorino» — disse a D. Felisberta pousando a chavena de café com leite, e franzindo muito a testa a espevitar a memoria emperrada dos annos. E, um pouco incerta nas palavras, mas distinctamente:

«Quem poderá do mal aparelhado
«Livrar-se do perigo sabiamente,
«Se lá de cima a guarda soberana
«Não acudir á fraca força humana?»

— «Bravo! bravo!» — saudou com entusiasmo o tio Victorino, enquanto Vicente

da Camara e D. Frederica riam com applauso e os pequenos olhavam maravilhados para a avó que tambem, de cór, sabia citar, a proposito, versos de Camões.

— «E assim é» — justificou a velhinha. — «Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.»

Chegavam visitas.

Era a D. Clemencia Peres, com o filho, o Frederico — o Nico, como a familia e os intimos lhe chamavam.

Fizeram-se as apresentações. D. Clemencia desculpava-se de vir tão cedo. Bem calculara que os encontraria a almoçar. Mas pensava em organizar um *lunch*, uma especie de *pic-nic*, para o dia seguinte, nos pinheiros, na horta dos Avelares. E receava que se compromettessem para outro lado. Era para divertir as Lacerdas e o Gaudencio Vidal, que viriam das Caldas passar o dia com ella.

D. Frederica quiz logo saber se era festa onde pudesse levar os pequenos. Ausente m.^{elle} Delbeuf, não tinha com quem os deixar. A' avó não gostava de dar esses cuidados.

— «Que lh'os deixasse» — pedia condescendente D. Felisberta.

Mas a D. Clemencia logo declarou que a festa era muito para as creanças tambem.

Haviam de ir todos — todos, bem se entendia, menos a sua Graça. Essa, projectava deixal-a com a *miss* Spriggings, de castigo. Iria com a ingleza para o *Facho*. Lá, poderia esbravejar á vontade. Estava cada vez mais insupportavel. Um tormento de creança! Já experimentara todos os meios. Por bem, por mal; ninguem fazia nada d'ella. Uma perfeita férásinha. Já pensara em a metter interna n'um collegio, talvez n'um convento. Não tinha respeito nenhum á *miss* Spriggings. A ella, D. Clemencia, menos. Com o irmão, então, uma furia verdadeira. De manhã mordêra ella o Nico n'um pulso. E, para confirmar: «Nico, filhinho, mostra aqui o teu pulso... onde a mana mordeu.»

Elle mostrou, arregaçando a manga muito além do que era preciso. E declarava todo accêso em rancores: «Um dia parto-lhe os dentes.»

— «Jesus! filho!» — reprehendeu, n'uma languida amargura, D. Clemencia; e erguendo emphaticamente os olhos até ao candieiro de suspensão — «Estes filhos!»

— «Parto» — confirmou o Nico, inexoravel. E deitou mão a uma grossa fatia de pão de ló de Alfazeirão, especialidade da toureira aldeola expressamente encommendada em honra do hospede coimbrão.

— «Oh! filho» — e a D. Clemencia toda

se remexia n'uma grande agitação solícita: — « Ainda agora almoçaste... Vae fazer-te mal... »

— « Agora fazer mal! » — e, malcreadamente, o Nico abria muito a bôca para receber uma porção maior do bolo.

— « Não faz... não faz mal » — obtemperou D. Frederica para tirar valor ao caso.

— « Isso lá » — acudiu com franqueza a D. Felisberta — « pôde fazer... Comidas sobrepostas nunca é bom. »

— « Se elle tem vontade... » — attenuou ainda D. Frederica.

— « Eu cá tenho vontade » — e os queixos do Nico n'uma frenética lide de mastigação.

— « Ora queira Deus!... E' um guloso este meu filho! » — e a D. Clemencia toda se torcia em requebros — « Por dôces então é uma loucura. »

— « Pois isso é muito mau » — saiu-se de lá a Manuela, de certo lastimando a quantidade de pão de ló que desapparecia, mal mastigado, pela guela do Nico. — « Toda a gente diz que faz lombrigas. »

Estoirou hilariedade geral. Só o Nico, muito vermelho:

— « A senhora D. Manuela sempre ha de vir com as suas! »

D. Frederica fez um severo signal que ac-

commodou a Manuela. Depois, com intenção: « Os meninos agora podiam ir um bocado para fóra » — e fazia um gesto a Bertha para que desse o exemplo.

— « O que é aquillo? » — perguntava ao mesmo tempo o Nico.

— « Aquillo o quê? » — e o Fôfo atirou-se ao parapeito da janella, n'um movimento muito certo á força de habito. — « Ah!... aquillo é o *Tintureiro* a dar banho ao *Garoto*... Vamos vêr? »

— « E' verdade » — acudiu D. Frederica — « Vão todos; mas não se cheguem muito para a borda do caes, ouviram? »

— « Excessos de precaução fazem-lhe o rapaz maricas, sobrinha » — observou, a meia voz, o tio Victorino.

— « Vamos, vamos » — commandou o Fôfo que tinha grande predilecção pelo *Garoto*. E, expansivo, para o Nico: « Queres ver como é engraçado? »

— « Ora »! — voltou-lhe o outro muito importante — « Já tenho visto mais de quantas vezes... O anno passado na Granja *haviam* muitos burros que tomavam banho... »

E lá saiu com os outros sem se apressar, como pessoa circumspecta que não corre a foguetes. A Clarisse ainda caminhou atrás d'elle, contrariada porque não ficava antes a ouvir a conversa das senhoras. Mas, fi-

cando, tinha medo de algum motejo da Manuela diante do tio Victorino.

— « Que idade tem este seu rapazinho, minha senhora? » — indagou gravemente o tio Victorino.

Tornou-lhe com uma branda carícia na voz D. Clemencia: « O meu filho tem já quatorze annos... Está um homem. »

— « E... que carreira segue? » — o tio Victorino coçava o alto da cabeça n'um movimento que lhe era muito familiar.

— « Vamos a vêr... Elle por emquanto está assim... » — e D. Clemencia bambaleava a mão direita n'um gesto indicativo de duvida, de indecisão. — « Sempre foi bom estudante... E até já tem uma data de exames... E não é só ter exames... O meu Nico sabe... sabe... Que isto a maior parte dos rapazes fazem os exames, levam tudo aquillo na ponta da lingua; e, no fim, vae-se a vêr não sabem nada. Pois não é assim?... Então no Portuguez estava o meu Nico muito bem... N'esse até elle teve distincção, veja lá v. ex.^a... »

— « Distincto! » — e o tio Victorino quedava-se maravilhado ante aquella alta classificação, concedida a quem se comprazia de ter visto banharem-se os jumentos que *haviam* na Granja.

— « Distincção! » — confirmou vangloriosa

D. Clemencia. — « Na Geographia é que m'ò reprovaram este anno... Mas o pequeno sabia... Fizeram-lhe perguntas de algibeira e atrapalhou-se, foi o que foi... Isto de examinadores sempre são!... Pobres rapazes!... Que, tambem, isto de geographia acho que só se aprende bem mas é viajando... » — e a D. Clemencia espanejava-se toda, muito satisfeita por ter emittido aquella sentença. — « Para Historia tambem elle tem muita queda... mas, para tudo isso, o que ajuda muito é viajar... v. ex.^a não concorda? »

O tio Victorino fungou, alisou as repas, e no fim: « Hum!... Viajar, em qualquer caso, é sempre uma vantagem. »

— « E o meu Nico a fazer versos! » — continuou muito animada D. Clemencia — « Para isso então é uma queda!... Eu, se quer que lhe diga, nem góstó... »

— « Ora essa! Porquê, minha senhora? »

— « Os poetas são todos uns cabeças de vento!... E afinal não é com modinhas que elle me ha de ganhar a vida; pois não é assim? »

— « Isso, minha senhora, não sei... Parece até que com *cantigas* é que melhor se navega em certos mares. »

— « Ah sim... mas isso são de outras cantigas. » — Subitamente, mudando de tòm,

a D. Clemencia, offegante, vermelha de co-lera: «Mas... o que é isto?... A menina o que vem aqui fazer d'essa maneira?... Quem é que lhe deu licença?...»

Todas estas perguntas atropeladas eram feitas a uma creaturinha feminina que poderia ter uns oito annos, desgrenhada, bibe sujo e rasgado, olhos negros, ramalhudos, cheios de lagrimas, bôca trahbordante de gritos e reclamações violentas, feitas perante D. Clemencia com a anciedade fogosa de quem implora soccorro e desagravo.

A endemoninhada sacudia desesperadamente o braço de D. Clemencia, falando uma intraduzivel algaravia cortada de soluços e esgares muito comicos, particularmente expressivos n'aquelle rostinho peninsular e moreno, agora despedindo das espessas sobranceilhas lampejos sinistros. Era, em ponto pequeno, um bonito demonio.

— «Graça!... Graça!...» — gritava repetidas vezes D. Clemencia, recorrendo a apertar muito os dois bracos da pequena, no intuito de rendel-a pela dôr — «Isto que loucura vem a ser?... A menina endoideceu?... está doida?...»

— «Ai, ai» — berrava, dorida, a Graça, rufando com os pés, n'uma verdadeira furia de tacões. — «Todos vão para os pinheiros... Eu tambem quero ir...»

— «Pois não has de ir, minha férasinha»
— protestou-lhe rancorosa D. Clemencia. —
«Depois d'isto ainda menos... Hei-de ensinar-te, deixa estar... Presa em casa toda a tarde com a *miss* Spriggings...»

— «E eu quebro os vidros todos da casa do jantar» — ameaçou estrondosamente a Graça, sem afrouxar a pateada.

O tio Victorino estava assombrado. Na sua larga experiencia do mundo nunca deparara com uma scena assim.

A presença d'elle valeu de muito á pequena; aliás D. Clemencia teria já adoptado o seu infallivel recurso — moer de pancadas a delinquente, acabando por ter ella propria um formal ataque de nervos. O apêgo ás conveniencias era o que agora a acobardava. Não lhe occorrendo nada melhor para fazer, arremessou de si n'um tremendo repellão a pequena, e largou a chorar desesperadamente, soluçando: «Esta filha é a minha desgraça... Ha de ser a minha morte...»

D. Felisberta e Vicente da Camara saíram da sala enfatiados. D. Frederica, n'um impulso conciliador, desejava intervir. Falta-vam-lhe porém idéas, palavras.

Rolando desamparadamente ao chão, a pequena ficara estirada no sobrado, com os grandes olhos negros cravados na mãe. Emudecera. Immobilisara-se. Aquelle corpinho

ali prostrado era a sombra apenas do ser endemoninhado que pouco antes parecia disposto a desafiar e ameaçar o mundo. E era meigo, avelludado e quente aquelle olhar. Caindo, a pequena ferira-se na testa. Dois pingos de sangue vieram alastrar-se-lhe no bibe. Ella não fez caso d'aquillo. Trombuda, foi encostar-se á mesa, junto da qual fôra gradualmente abatendo o pranto de D. Clemencia. Os olhos não se lhe despregavam da mãe, como os do tio Victorino não largavam os seus. Elle, o velho amigo de Camões, sabia lêr claramente na alma das creanças.

— « Mamã » — murmurou timidamente a Graça — « dá-me o lenço ? »

D. Clemencia despediu á filha um olhar incendiado. E, em voz irada:

— « A menina não tem lenço consigo ? »

— « Se eu tivesse, não pedia. »

— « Tome... Já lhe tenho dito que quero que sempre traga lenço consigo... A *miss* Spriggings, tambem, podia tomar mais conta n'isso. »

— « A *miss* Spriggings não tem nada com os meus lenços... »

D. Clemencia pôz-se de pé e, brutalmente, tomando a filha pelos dois pulsos, fêl-a sentar na cadeira de onde ella propria acabára de levantar-se: « Ahi, ahi, ahi... até que a *miss* Spriggings venha buscal-a... »

Tome bem sentido... Não se me levante d'essa cadeira» — e logo, mettendo o braço a D. Frederica: — «Vamos d'aqui, minha amiga. Preciso de respirar ar fresco lá fóra» — e emphatica para o tio Victorino: — «V. ex.^a bem pôde desculpar tudo isto... Esta creança é a minha vergonha.»

— «Creanças! minha senhora... Creanças!» — desculpou o tio Victorino. E foi pôr-se á janella, logo que as senhoras saíram, a vêr o animado cerco que os pequenos punham ao *Garoto*, terminado o banho.

O Fôfo entendia que elle devia ter um lençol. Ficar assim todo molhado devia ser muito pouco agradável. O Nico, ironico, receitava-lhe almoço de café com leite e pão com manteiga.

A Graça acceitara o castigo com admiravel humildade. Chorava mansinho, enxugando ao mesmo tempo o sangue que lhe vinha da testa e umas lagrimas que attingiram, por fim, a serenidade da tristeza.

O tio Victorino percebêra que o arquêjo que da mesa lhe vinha ao ouvido fóra gradualmente enfraquecendo. E estimou-o. O contraste das gargalhadas de fóra, sobretudo da Manuela e do Adolpho, que eram as mais estrondosas, estava a incommodal-o.

Estes altos e baixos da vida faziam-lhe sempre impressão.

Finalmente o choro cessara de todo. Seguiria-se-lhe completo silencio. Depois, começara certo movimento, leve, continuo.

Curioso, o tio Victorino voltou-se, sem ruído.

De joelhos na cadeira, a Graça reunia cuidadosamente todas as migalhas de pão de ló que lhe estavam ao alcance do braço. Feita consideravel provisão, deitou tudo n'uma ponta do bibe, muito sujo de pó, de lagrimas, de sangue, e atou. Só então deu pela attenção indiscreta do tio Victorino, fazendo-se muito vermelha.

— «Gulosinha!...» — disse-lhe da janella o velho, esperando pelo menos que a Graça o desfeiteasse deitando-lhe a lingua de fóra.

— «Não é para mim» — informou ella muito séria. — «É para umas formigas que ha lá no meu quintal, ao pé do poço... Não diga nada ao Nico, veja lá... Senão elle vae e mata-as todas...»

— «Tu então és a protectora das formigas?» — perguntou, maravilhado, o tio Victorino.

— «Eu?... Eu sou.»

— «Olha, menina... Cá vae uma no parapeito da janella... Queres vê-la?» — e o

tio Victorino, sensibilizado, procurava attrahir a pequena.

A Graça ia impetuosamente a levantar-se. Mas ficou.

— «Então? ... Vem dar-lhe uma das tuas migalhas... Eu acho-lhe cara de gostar de pão de ló, a esta formiga,» — e o tio Victorino, sorrindo, alongava o braço n'um aceno convidativo.

— «Eu não posso lá ir» — explicou a pequena em tom pesaroso — «Traga-me antes cá a formiga.»

— «Não podes?... Fizeste-te talvez mal quando caíste?» — e o tio Victorino caminhou solícito para a pequena.

— «A mamã é que não quer que eu me tire d'esta cadeira... Não ouviu?»

Uma onda de ternura passou nos olhos do tio Victorino. Se o visse então a Monica, logo lhe viria com o estafado estribilho: «*O senhor, ó que gosta da petizada, hávera mas era de se ter casado.*» E elle, todo galho-feiro: «*Vade retro, Monica, vade retro!*» E gargalhada bravia, quando a Monica, affastando-se, mastigava maliciosa: «*Sim, vem-me antão com o intaliano!*»

— «Tens razão, menina» — apressou-se elle agora a dizer — «Nem me lembrava!» — e, já perto da pequena, passava-lhe a mão com meiguice no cabello revoltó.

A Graça, contra os seus habitos, acciou a bem aquelles affagos. E logo se travou entre os dois um dialogo intimo, cerrado.

— «Dize cá, menina... Tu gostavas de ir hoje a Selir?»

— «A Selir?! Com quem?»

— «Com os pequenos.»

— «E comsigo?»

— «Comigo tambem.»

— «A mamã não me deixa.»

— «Deixa... Se eu pedir, deixa.»

— «E o Nico? Tambem vae?»

— «Esse não sei.»

— «Se o Nico fôr, então não quero.»

— «Ora essa! Porquê?»

— «Elle bate-me e dá-me beliscões...

Dá, dá...»

— «Indo eu, já elle não faz nada d'isso.»

— «Não?... Então quero... Ora! mas a mamã é que não me deixa.»

— «Deixa, sim... Porque lhe não vaes tu pedir perdão?»

— «Perdão!... Perdão de quê?»

— «Das maldades que fizeste ainda agora... Tu fôste muito, muito másinha.»

— «Perdão?... A mamã não faz caso, ainda que eu peça... Ella está sempre zangada comigo... Ella só gosta do Nico...»

— «Gosta de ti... Então não gosta!...

Gosta, menina... Gosta muito de ti» — e o tio Victorino outra vez paternalmente affagou a cabeça irrequieta da Graça, cujos olhos, muito negros, estavam pasmados n'elle com surpresa.

— «De mim não gosta ella nada» — as-sentou concludentemente a pequena — «Até as creadas dizem.»

— «Então vou ou não vou pedir-lhe que te deixe ir a Selir?»

— «N'um bote?»

— «Pois então!... N'um bote.»

— «Tambem lá se vae em burro ou a pé.»

— «Isso são estafas.»

— «Eu cá gosto muito de andar em bote.»

— «Bem... Então vou pedir.» — E o tio Victorino, sem mais demorar a consulta, dirigiu-se decidido para a porta.

— «Olhe, olhe, faz favor?...» — pediu humildemente a Graça.

— «O que é lá?» — e o velho deteve-se, interrogativo, no limiar da porta.

— «Olhe... Se me desse *aquelle*... aqui para o meu collo...»

— «*Aquelle* quê?» — e o tio Victorino investigava com a vista em redor.

— «O *Tris*... o gato da mana... aqui para o meu collo... É para eu me entreter» — e a Graça ageitava-se na cadeira, unindo as pernitias e compondo adequadamente as saias.

Então o tio Victorino, com um brando sorriso de avô, foi buscar o *Tris*, que se lambia deleitoso á frecha do sol. E depôl-o no regaço da pequena Graça, que lhe dizia *Muito obrigada* com o rostinho alagado de felicidade.

Conhecia-se que estavam ali tres amigos.



A caminho de Selir

O *Esparafita*, compellido pelo braço rijo do Hippolito, singrava ligeiro apesar da numerosa tripulação. Oito, além do remador: O tio Victorino, Vicente da Camara, Clarisse, Bertha, Manuela, o Fôfo, a Graça e o Nico, que se encarregára do leme.

Pouco passava das duas horas. O sol, meio encoberto, não incommodava. O barco ia sem toldo.

— «Bella maré»!— congratulou-se o Hippolyto. E, circumvagando um olhar de entendido:— «O preamar deve de estar feito.» —E logo, cuidadoso:— «O' menino Frederico, p'rá esquerda, p'rá esquerda... Assim, vamos ao contrario...»

— « Qual contrario! » — e o Nico dava-se grandes ares de importancia: — « Trata tu dos remos, que lá do leme sei eu mais do que tu. »

— « Já 'gora, dou mais pelo remador » — declarou sem rodeios o tio Victorino. E, sorrindo ironico:

« Que, posto que em scientes muito cabe,
mais em particular o experto sabe. »

— « 'Tá visto » — approvou o Hippolyto com uma remada valente. — « *Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio...* » — e cuspiu nas mãos, a suavisar o attrito dos remos.

Não era para escapar ao tio Victorino a lucida perspicacia com que o esperto rapazito logo penetrara o sentido dos versos camoneanos.

Era um phenomeno interessante, revelando esse fio intangivel e inconsutil, que o juizo banal não explica, e que deve existir ligando a alma dos poetas e a alma popular.

— « Bem bom vir hoje! » — approvou prazenteiro o Hippolyto. — « Estou que amanhã desanda ahi mais agua! »

— « Talvez ainda hoje... lá para a tarde » — augurou Vicente da Camara, esquadrihando o céu nublado.

— « Foi bom, foi... » — obtemperou o tio

Victorino. — « Guardar para amanhã é ruim systema

«... sempre por via irá direita

«Quem do opportuno tempo se aproveita.»

— «A gente cá» — acudiu com o olho muito fito o Hippolyto — «tambem diz assim: «*Não guardes para amanhã o que hoje pudeses fazer.*»

— «Vem tudo a dar na mesma.» — rematou satisfeito o tio Victorino.

— «Se nós agora saíssemos a barra, iamos para o mar, não iamos?» — A pergunta era aloucadamente feita pela Graça, radiante por se sentir fóra do alcance da *miss* Spriggings, que muito certamente lhe corresponderia com analogo sentimento.

— «Para perguntas asnaticas não ha como esta minha irmã...» — sentenciou, adoutorado, o Nico.

A Graça ia já a deitar-lhe a lingua de fóra. Dando, porém, com os olhos no tio Victorino, mansamente recolheu o orgão aludido.

Entretanto, muito electrizado, todo elle a sacudir-se, o Fôfo protestava: — «Isto sim! Isto é que é bom! Eu cá hei-de ser mas é da marinha.»

— «Para quê? fará favor de me dizer o

senhor pimpão?» — pediu, muito grave, o tio Victorino.

O Fôfo ficou um tanto perplexo. Mas logo, abrindo muito os braços: — «Para vêr terras, vêr todas as terras...»

— «Upa!... Com que já o nosso amigo Fôfo tem ambição de vêr as terras todas?... Ora toque lá n'esses ossos» — e o tio Victorino estendia a mão em que o pequeno não ousou tocar — «Sempre o portuguez foi navegante... Vá, toque.»

O Fôfo resolveu tirar-se de dificuldades levando o caso de risota. Segurou com ambas as suas a mão do tio Victorino e, sacudindo-a fortemente, disse, fazendo-se engraçado e côrado ao mesmo tempo: — «Viva, como está? passou bem?»

— «O tio dá confiança demais a estes pequenos» — preveniu Vicente da Camara — «Se vae assim, está arranjado... Olhe que não ha gentinha mais atrevida do que esta minha.»

— «Deixe-os lá!... Deixe-os lá!» — e o tio Victorino espalhava em torno um sereno olhar amistoso.

Houve um silencio. Depois o tio Victorino, de repente: «Dos que vão aqui levantem o braço todos os que já souberem alguma cousa da historia patria... da historia de Portugal... É uma brincadeira para ma-

tar o tempo» — e o tio Victorino levantou galhardamente o seu braço a dar o exemplo.

Todos o imitaram, até o Hippolyto que momentaneamente largara os remos.

De terra aquella manobra devia produzir um effeito estranho, incomprehensivel.

— «Bravo!» — clamou o tio Victorino, entusiasmado — «É uma tripulação de sabios!»

— «Mentirosa» — escarneceu brutalmente o Nico, apontando a irmã: — «Não sabe tal nada de historia... Olha a intrujona!»

— «Sei, sim senhor, sei» — e grossas lagrimas brilhavam nos dois olhos negros — «Eu já ando ahi... Historia... Historia... é a narração su... succinta...» — Falhou a memoria. A confusão da pobre Graça chegou ao maximo.

— «Ora, cebolorio!» — pronunciou o Nico com soberano desprezo.

A Graça ia para investir-lhe. Já estavam os dentes para entrar em acção immediata, quando o tio Victorino a reteve, dizendo caricioso: — «Você ainda é muito tamanina para tão altas cavallarias... Deixe lá que, d'aqui por um anno ou dois, falaremos... Esteja cá ao pé do velhote que é amigo...»

A Graça accommodou-se; não, porém, sem lançar ao Nico um olhar fusilante, que bem poderia querer dizer: «*Não as perdes.*»

— «E você também? ... que sabe lá você de historia?» — perguntou muito escarninho o Nico, dirigindo-se provocadoramente ao Hippolyto.

— «Pouca coisa ...» — acudiu-lhe franco o Hippolyto. — «Apprender nunca apprendi; mas, de inverno, vou quando calha ouvir a classe dos mais adiantados ... E lá o sr. Lucio explica tudo isso, como foi e como não foi.»

— «Sabes tu que pertences a uma raça de bravos?» — interveiu exaltado o tio Victorino —

« ... gente ousada mais que quantas
« no mundo commetteram grandes cousas. »

Isso é o principal. »

— «Só o que elles lidaram sobre as aguas do mar!» — encareceu com intimativa o Hippolyto — «para chegarem até ... até onde os outros nunca tinham chegado!»

— «Justo, pequeno ... Por isso se perguntou:

« Que destino tão grande, ou que ventura,
« Vos trouxe a commetterdes tal caminho? »

e mais tambem :

« ... Quem te trouxe a est'outro mundo,
« Tão longe da tua patria Lusitana? »

E cá me lembra também a formosa resposta :

- « Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
- « Por onde nunca veiu gente humana,
- « Vimos buscar do Indo a grão corrente,
- « Por onde a Lei divina se accrescente. »

— « Muito admiro a sua memoria, tio ! » —
festejou Vicente da Camara.

O tio Victorino começava a electrizar-se. Nada o desvanecia como o elogiarem-lhe a memoria. Podia chamar-se-lhe o seu fraco.

— « Sempre fomos nação » — continuou elle com fogo — « de quem poudes escrever-se :

- « De Africa tem maritimos assentos;
- « É na Asia mais que todas soberana;
- « Na quarta parte nova os campos ara;
- « E, se mais mundo houvera, lá chegára. »

— « Andámos, com'ó outro que diz, as sete partidas do mundo ! » — notou com calor o Hippolyto.

— « Assim mesmo é que foi, rapaz . . . Ti-nhamos a fé que dá a ousadia. Com ella e por ella lá fomos :

- « Por mares nunca d'outro lenho arados
- « A reinos tão remotos e apartados. »

— « Isso é que era gente, caramba ! » —

exclamou o Hippolyto, imprimindo ao *Esparrafita* uma remada nervosa.

— «Tambem lá se fizeram boas cousas, na tal India!» — lembrou com desdem o Nico.

O tio Victorino olhou-o por cima do hombro. Depois, mal humorado: — «Sempre assim foi, menino... É raro o rebanho sem alguma ovelha gafa. Então, como agora,

«... tambem dos Portuguezes

«Alguns traidores houve algumas vezes.»

Mas não é cousa que deslustre o muito que lá se fez grandioso e bom, e ficou a esmaltar umas poucas de gerações.»

— «*Não ha regra sem excepção*, lá diz o dictado» — lembrou o Hippolyto com bonhomia. E, logo, muito alterado: «Oh! menino Frederico, pelo amor de Deus... ao contrario... ao contrario... Olhe que abalroamos...»

— «Agora abalroamos!...» — e o Nico emendou apressado a manobra — «És um maçador de marca!»

— «Se lhe parece! É que a responsabilidade é minha...» — e o Hippolyto todo se empertigava. — «Se acontecesse alguma, o menino lavava as suas mãos... Agora cá eu...»

— « Tens razão, rapaz » — applaudiu o tio Victorino, muito testoso :

« nunca louvarei
« O capitão que diga : não cuidei. »

— « Pois 'tá de vêr » — concordou energico o Hippolyto.

— « O bom capitão ha de sempre :

« Voar c'o pensamento a toda parte,
« Adivinhar perigos e evital-os »

— « Grande capitão!... » — chasqueou o Nico.

— « Vale mais dizer *bem fiz eu que se eu soubera*; não é verdade, sr. Victorino? » — consultou, confiante, o remador.

— « Falas como um livro, rapaz... E agora vou eu para o leme. » — O tio Victorino estava percebendo que, impericia ou mau proposito, o Nico continuava fazendo a manobra errada. — « Sempre quero vêr que tal me saio... E agora quero que todos me digam uma cousa... Quero saber qual é, para cada uma das pessoas que aqui estão, o nome preferido entre tantos que dão lustre e esmalte á nossa historia. »

— « Sim, sim... Isso vae ser muito engraçado » — approvou, com animação, a Bertha — « Vamos lá... »

A Clarisse córara muito.

— « Viste como a Clarisse se fez encarnada? » — segredou a Manuela azougradamente ao Fôfo. — « Não sabe o que ha de dizer... Bem feito! »

— « Primeiro o papá e o tio » — pediu a Bertha.

— « Ora, o tio! » — disse Vicente da Camara, rindo. — « Todos já conhecem a sua preferencia... Se elle até nem fala senão pela bôca do seu idolo! »

— « Diz você bem, Vicente. Para mim o maior portuguez de todos os tempos será sempre aquelle que a si proprio se consagrou á patria n'estes sublimes versos :

• Para servir-vos, braço ás armas feito ;

• Para cantar-vos, mente ás musas dada. »

Camões é unico... é incomparavel... Não só em Portugal... no mundo... no universo... Elle sósinho symbolisa o preclarissimo espirito da patria portugueza... Você olha para mim, Vicente?... E que nome tem lá... sim, que outro nome tem você para contrapôr a este, faz favor de me dizer? »

Todos tinham os olhos cravados em Vicente da Camara.

— « O meu homem » — acudiu elle, muito firme — « precedeu o seu... O meu homem

é o Infante D. Henrique... Ahi é que o senhor tem consubstanciada a missão historica d'este povo... Esse é que foi o inspirador da nossa brilhante epopêa... Esse é que preparou os materiaes com que o seu poeta havia de edificar.»

— «Não digo menos d'isso, não senhor» — e o tio Victorino passava a mão nervosa pelas repas grisalhas — «Mas... não me compare os dois homens... O Infante é um symbolo, não ha duvida... Mas... pouco humano... nada humano, esse temperamento... Como homem, era incompleto... incompletissimo... Faltava-lhe... Faltava-lhe coração, que sobrava no Camões... e, depois, faltava-lhe a fibra artistica... faltava-lhe...» — e voltando-se subitamente para Clarisse que logo se fez vermelha como um lacre: «É cá a minha D. Formosa, o que me conta das suas preferencias?»

— «Eu!» — titubeou a pequena — «Eu... Lembrava-me Santa Izabel... Era muito boa, não era?»

— «Muito bem, sim senhora, muito bem» — applaudiu o tio Victorino, satisfeito — «E cá a nossa Bertha? Agora vae pela ordem das idades...»

— «Então é o Nico» — acudiu vivamente a Manuela — «O Nico tem quatorze. A mana só tem doze.»

— « E lá mestre Hippolyto? » — e a physionomia do tio Victorino resplandecia toda de um sorriso de paternal bondade — « Quantos annos tens, pequeno? »

— « Fiz trese no S. José » — e o Hippolyto levantou o barrete com intenção respeitosa.

— « Muito bem. Vae já tocar-te a vez... Em vista dos autos, primeiro está aqui o cavalheiro » — e o tio Victorino indicava o Nico.

O interpellado recostou-se, metteu as duas mãos nos bolsos das calças e com importancia: « O portuguez mais notavel... ainda ha pouco tempo se publicou um livro a esse respeito... não é Vasco da Gama, como querem muitos; é... Bartholomeu dos Martyres... »

— « Hein? Bartholomeu dos Martyres!... Frei Bartholomeu dos Martyres!... Oh menino!... olhe que ahi ha engano... Veja o que diz... »

— « Eu não disse *frei*; disse só Bartholomeu dos Martyres » — e o bom do Nico torcia-se, já desconfiado de ter mettido por um bêco sem saída, de onde lhe custaria fugir.

— « Mas o que fez então esse tal Bartholomeu, com, ou sem, *frei*? » — indagou o tio Victorino sem dar nada pelo caso.

— « Ora, o que fez! » — A evidente impaciencia do Nico era em extremo indelicada.

— « Toda a gente sabe. Dobrou o Cabo da Boa Esperança em 1500. »

— « Jesus! Jesus! » — e o tio Victorino levava as mãos emphaticamente á cabeça.

A's vezes estoira uma gargalhada porque não pôde deixar de estoirar. Foi justamente o que succedeu a bordo do *Esparafita*, com o concurso de todos, exceptuando apenas Bertha, sempre disposta á indulgencia, á bondade, ao perdão, e o Hyppolito que ou não saboreara o disparate ou entendia exorbitar da sua esphera apupando-o.

A Graça batia palmas furiosamente. O Nico ter-se-ia desforçado, se o riso escangalhado da Manuela, implicando-lhe ainda mais com os nervos, não tivesse operado uma diversão salutar.

— « A menina nunca se enganou? » — disse-lhe elle arrenegadamente.

— « Eu, nunca. » — A maliciosa firmeza da resposta era extremamente comica.

Agora o tio Victorino, generoso, querendo desfazer o mau effeito produzido pela ignorancia do Nico, fazia já observações a respeito do rio de Selir, por onde o *Esparafita* ia entrando. E, distrahido, nem via que a Graça estava deitando a lingua de fóra ao irmão, que a preceito correspondia, ameaçando-a com a mão. Pactuava-se assim tacitamente uma borrasca domestica, decerto rematada

por um ataque nervoso de D. Clemencia, e agitado acompanhamento de *shocking! shocking!* por parte da triste *miss* Spriggings.

— «Agora o nosso remador» — reclamou subitamente o tio Victorino — «Que dizes tu lá, rapaz?... Qual é o teu homem na historia que tens ouvido, cá da nossa terra?»

Houve um momento de dubia expectativa. Ninguém suppunha que o Hippolyto tivesse realmente que dizer.

— «Eu pouco sei d'isso» — declarou resolutamente o remador, sem descontinuar a faina — «mas lá aquelle Viriato que deu taponna de crear bicho nos romanos, lá porque os patuscos tinham vindo metter o nariz onde não eram chamados... deixe estar que esse é que era homem de alto lá co'elle!...»

— «Sim senhor, tem toda a razão o nosso Hippolyto... toda a razão!» — e o tio Victorino pestanejava muito o olhar orvalhado — «Bem, bem... E a nossa D. Ajuizada?... a nossa Bertha?»

— «D. Nuno Alvares Pereira» — disse ella corando, muito timida.

— «Muito bem. Muito bem... Razões de sobra... Guerreiro e monge... Soldado e santo... E agora a nossa Manuela... Que nos diz s. ex.⁴?»

— «Eu cá gosto do Egas Moniz... que se foi entregar á morte com a familia.» — e

a Manuela fitava, receosa, os seus grandes olhos no tio, esperando sentença.

— « Não senhores... não é nada má escolha... Aquelle que, animado de nobre sentir,

« Determina de dar a doce vida
« A troco da palavra, mal cumprida »

homem de brios, portuguez ás direitas, da

« gente verdadeira
« A quem mais falsidade enoja e offende. »

O Hippolyto não despregava os olhos do tio Victorino sempre que elle falava. Para aquella alma ingenua, o velho estaria sendo como uma fascinação.

— « Homem de boa lei tem palavra como rei » — sentenciou o barqueiro, penetrando claramente o sentido dos versos citados — « E, p'r'os modos, o de Castella perdoou-lhe, que foi o mais fino... »

O tio Victorino olhou para o Hippolyto, maravilhado. Depois, a esfregar as mãos, satisfeito: « E' como dizes, pequeno... »

« ... o rei, vendo a estranha lealdade
« Mais pôde enfim que a ira a piedade. »

— « Agora o Fôfo... falta só o Fôfo » —

lembrou Vicente da Camara. E afagando as faces rosadas da Graça — « Já que esta traquinas tem que ficar de remissa para o anno. »

A Graça, n'um arremesso, voltou a cara para o outro lado.

— « E' uma bicha » — interpretou o Nico com desprezo — « Não lhe faça festas que é tempo perdido. »

— « Bem, bem... fale lá o D. Fôfo » — decretou o tio Victorino, sem se atrever a olhar para a Graça, que logo aproveitou a delicadeza para muito á sua vontade mostrar toda a lingua ao Nico.

— « Eu cá de quem gosto mais de todos, de todos, é d'aquelle que perdeu as mãos na batalha e segurou a bandeira com os dentes... Ainda o outro dia a avó me esteve a lêr isso... Era o Duarte... Ora espera... Duarte d'Almeida... A avó recommendou que não me esquecesse... E eu então pensei no Duarte banheiro e no padrinho da mana Bertha que é o sr. Almeida... Assim já nunca mais me passa. »

— « Recurso á mnemonica... Bravo!... Bravo!... Conclua-se este torneio historico com uma boa salva de palmas » — e o tio Victorino batia as mãos dando o exemplo, logo imitado por todos, fremito colossal reforçado pelos gritos e gargalhadas da Graça, da Manuela e do Fôfo.

O *Esparafita* tinha ancorado junto da ponte. A Bertha tratava já de franquear o conteúdo do cesto, portador do *lunch*.

— « Ora comam lá » — disse o tio Victorino recostando-se o mais commodamente que era possível, attenta a exiguidade do espaço. — « Eu cá almoço e janto... Nunca me entendi com esses comerzinhos de permeio... Comam lá,

« Enquanto eu tomo alento repousado
« Por tornar ao trabalho mais folgado. »

— e batia com a mão na cana do leme.

Peras, melancia, alguns cachos de moscatel e umas fatias de pão de ló, compunham a leve refeição, depressa terminada.

Para o regresso, Vicente da Camara tomou um dos remos, alliviando a responsabilidade do Hippolyto, que remava agora do outro lado, alternando com a Manuela e Clarisse. Até á foz do rio a conversação versou sobre preceitos de natação em que o Hippolyto era experimentado e mestre.

Sairam para a bahia — « Ai crédo! que balanço! » — notou a Clarisse um pouco agoniada.

— « Já passa » — animou o Hippolyto — « É por irmos tão chegados á bôca da ba-

hia... Podemos ir mais para longe que já não joga tanto... O sr. Victorino faz favor...» — e inculcava-lhe a manobra.

— «O que é aquillo?» — quiz saber o tio Victorino, indicando um ponto, com a mão em pala sobre os olhos.

— «Aquillo!... aquillo é a chavasca do Anacleto»

— «Qual chavasca!... Mais para cá... uns pontos escuros...»

— «Ah! isso são os viveiros das lagostas.»

— «Então ellas estão ali presas?»

— «Olá!... Estão nas rêdes, á espera de quem as compre por junto.»

— «É boa!»

— «Eu cá, se fosse bicho» — declarou n'um impeto a Manuela — «uma cousa que não queria era ser lagosta.»

— «Não querias ali estar presa?» — interpretou Vicente da Camara.

— «Não é isso, papá... E' que a lagosta é atirada viva para dentro da panella de agua a ferver... toda atada... Crédo!»

— «Lá por isso, morre n'um instante» — philosophou o Hyppolito — «Peior mal são as judiarias que lhe fazem antes, para vêr se está viva, se mexe...»

— «Tu então reprovias isso, não é assim?» — e o tio Victorino esperou, attento, a resposta.

— «Pois! Vêr fazer damno a um animalzinho sem ser preciso... Não sei quem póde...»

— «Ha muito quem possa, infelizmente... Em Portugal é uma desgraça... Para o norte e nos campos ainda tratam com amor os animaes; mas para o sul é um desaforo... Lisboa, Cintra, Almada, são modelos de crueldade...»

— «E então não ha quem dê castigo a isso?» — indágou energico o Hippolyto.

— «Ha muitas impostas por lei; mas as auctoridades bem se importam com isso!... Se não fossem os esforços incessantes da *Sociedade Protectora dos Animaes*, tudo ficaria letra morta.»

— «Então tambem ha uma sociedade para proteger os animaes?» — perguntou o Hippolyto muito interessado.

— «Não ha uma, rapaz. Ha milhares e milhares, por esse mundo fóra, em toda a parte onde a civilisação realmente existe. O animal trabalha, mas sem ser martyrisado, sem que lhe falte tudo aquillo de que precisa. E, quando está doente, lá tem o hospital que o recebe e o trata...»

— «Hospital! essa é galante!» — O Hippolyto nunca ouvira falar de semelhante cousa.

— «O' sr. Victorino, então em Lisboa...»

— «Em Lisboa ha uma *Sociedade Prote-*

clora dos Animaes, que muito pouco pôde, mas que muito tem feito e continúa a fazer, apesar dos seus modestos recursos. Sou eu um dos socios mais antigos, ainda do tempo do fundador, o doutissimo José Silvestre Ribeiro, uma das mais bellas almas que tem existido.»

— «E' verdade» — recordou Vicente da Camara — «José Silvestre Ribeiro... Ainda o conheci.»

— «Quando embarcámos, *haviam* muitas lagostas no caes» — disse o Nico completamente indifferente ao assumpto debatido, e sem a menor idéa de estar grosseiramente offendendo a grammatica.

Entre a Bertha e a Manuela cruzou-se um olhar intelligente, enquanto o tio Victorino fazia uma expressiva careta, como se lhe tivesse passado no ouvido o esvoaçar agourento de um morcego.

— «Pesca-se muito aqui dentro da bahia?» — perguntou elle a sacudir aquella má impressão.

— «Alguma cousa... Sobretudo á noite... ao candeio... Mas quasi todo o peixe, vão os pescadores buscal-o fóra, ao mar largo... Logo á noutinha vê o senhor chegarem ali os barcos» — e Vicente da Camara apontava o caes. — «Vendem o peixe em leilão.»

— «Peixe variado?»

— «Variado e optimo, mas... muito pouco... Vem pescada, abrotia, morêa, salmone, linguado, pargo... mas tudo isso em quantidade minima... Uma noute que não haja luar podemos pescar ao candeio se o tio quizer...»

— «Pescar!...» — e o tio Victorino recusava energicamente com as duas mãos, largando o leme — «Nada, sobrinho... Nunca pude divertir-me com essas cousas... Sou um pouco caturra, convenho... Mas tudo o que dá morte não me diverte... Quero entreter-me? Tenho os meus livros, as minhas flôres — que eu tambem tenho um jardimzito que cultivo —, a musica, um passeio pelos campos... tanta... tanta outra cousa inoffensiva!... Matar por divertimento?... Nada, não me serve.»

— «Então já vejo que tambem não é caçador...»

— «Eu!... Nem sequer em rapaz o fui nunca... Dizia bem o Michelet... Não ha nada tão triste como uma ave morta...»

— «Pois estava para lhe propôr uma partida de caça ás perdizes e pica-paus de Selir... Já vejo que não temos nada feito.»

— «Nada, meu Vicente... absolutamente nada.»

— «Mas o tio convém em que todo o ho-

mem precisa saber manejar armas?» — perguntou emphaticamente Vicente da Camara.

— «Nos tempos guerreiros, assim foi. E, de certo modo, ainda o é hoje... Mas só com intenção deffensiva, nunca offensiva. Muito menos como objecto de recreio sanguinoso...»

— «Mas tio... é com o exercicio physico que se fortalece o organismo...»

— «Ha para isso os jogos de destreza, que não matam.»

— «Podem matar de aborrecimento... A questão de vida ou morte dá uma animação especial aos exercicios de força e destreza... Veja o meu amigo as touradas...»

— «As touradas!» — atalhou subitamente incendiado o tio Victorino — «Homem, pelo amor de Deus! Não me cante lóas a essa selvageria das selvagerias.»

— «Diga-se o que se disser» — insistiu corajoso Vicente da Camara, — «as touradas são o espectaculo mais brilhante e mais popular que nós temos.»

— «Isso, mais popular alto lá!... Portugal não é Lisboa... Na capital o povo vae, por imitação... O exemplo vem de alto... Couzas que não vêm agora para aqui... Mas veja para o norte... Quem é que lá se importa com touradas?... O povo diverte-se é

nas feiras, nos arraiaes, nas desfolhadas... Espectaculo brilhante, diz você... Nenhum houve mais brilhante que os combates de feiras... e tambem esse acabou depois que veiu o christianismo abater a ferocidade dos homens... Touradas, meu amigo, são a vergonha das unicas duas nações que ainda as consentem.»

— «Eu cá nas touradas» — declarou com desassombro a Manuela — «não tenho pena nenhuma dos homens... tenho mas é pena dos touros.»

— «E' compaixão mais bem empregada» — approvou o tio Victorino, sorrindo á pequena.

— «E' verdade» — lembrou Vicente da Camara, talvez desejoso de dar nova orientação á conversa — «d'aqui a pouco deve ahi haver banho aos touros... Quando será isso, ó Hippolyto?»

— «P'ros modos já é no domingo.»

— «D'isso talvez o tio gostasse... São os touros que vem de Alfazeirão tomar banho aqui na bahia.»

— «Nada, nada... Muito obrigado... Negocio de touros nunca deixa de ser pretexto para brutalidades... Isso até deve ter perigo para a povoação.»

— «Vem os campinos.»

— «Peior que isso» — atalhou o Hippo-

lyto — « é quando algum, *estramalhado*, mette pela estrada das Caldas... Isso é que é uma dos diachos... »

— « Olha lá, rapaz » — disse o tio Victorino muito sério — « Falar bem custa tanto como falar mal... *Estramalhado* é asneira... Diz-se tres-ma-lha-do. »

O Hippolyto levantou a cabeça, surprezo, com os olhos muito abertos. Mas logo, levando a mão ao barrete: « Muito obrigado, senhor Victorino... A gente cá não sabe nada. » — E repetiu docilmente: — « Tres-ma-lha-do. »

— « Isso mesmo. Vê-se que tens ouvido apurado... Gostaria de ensinar-te portuguez... »

— « Portuguez! » — e o Hippolyto esgazeava os olhos, procurando entender.

— « Portuguez, sim... Uma lingua morta que já ninguem fala » — e o tio Victorino fungava de mau humor.

O Hippolyto, por mais que quizesse, não pôde colligir o que aquillo vinha a dizer. Mas sentia-se grato ao bom senhor que, apesar de velho, mostrava gosto e paciencia para ensinal-o, sem ter a menor idéa da ambição que elle, Hippolyto, sempre tivera de saber, de apprender.

— « Com que então, lá um senhor touro, em bem lhe parecendo, mette-se a passeiar

pela estrada das Caldas? ... » — perguntou, meio incredulo, o tio Victorino.

— « Ora se mette! » — confirmou o Hippolito. E com vangloria — « Já nos temos encontrado. »

— « Grande cousa! » — desdenhou o Nico. — « Eu cá não tinha medo nenhum de encontrar um touro... Pfffe! »

— « Não tinhas!... Então que fazias tu diante de um touro? » — quiz saber a Manuela.

— « Que fazia?... Não sei... Mas não tinha medo. »

— « Olha quem! » — zombeteou a Graça. — « Um refinado medroso! »

— « Medroso, eu! A menina não sabe o que diz... »

— « Não, não sei!... O Nico tem medo de tudo. E' um caguinchas. »

— « Bonita palavra! Deixe estar que eu direi á mamã... »

— « Deixal-o!... Diga lá que não tem medo do Californio... »

— « Está visto que não tenho... »

— « Mas o que vem a ser o California? » — perguntou, muito interessado, o tio Victorino.

— « É uma alma penada » — explicou Vicente da Camara, rindo — que apparece aos passeantes no caminho do *Facho*.

— « É boa ! Pois havemos de lá ir » — declarou resolutamente o tio Victorino. — « E também hei de ir para a estrada das Caldas, olé ! Rosto á frente . . . »

« Que nos perigos grandes o temor
« É menor muitas vezes que o perigo. »

E ha de ser ali com o meu amigo Nico . . . que eu com os fortes é que me quero . . . Pois então ! Sós os dois . . . Está dito ? » — e, de olhar malicioso, consultava o companheiro.

— « Eu cá por mim . . . Sim . . . se a mamã der licença » — replicou elle tranzido.

— « Pois então não ha de dar ? Ora se dá ! » — garantiu com firmeza a Manuela por entre sorrisos de zombaria.

Mas o Nico tinha inclinado para a mão a face muito pallida, apoiando o braço na amurada do bote. Medo ou qualquer outra agonia, o misero parecia prestes a desmaiar.

— « O que é isso, rapaz ? » — acudiu Vicente da Camara — « O que sentes ? » — e tomava logar ao lado do Nico para amparar-lhe a cabeça.

— « Nauseas . . . oh ! immensas nauseas » — gaguejou o desgraçado. E, n'um tempestuoso arranco de estomago, tremendo e feio, curvou-se a desfeitear nojentamente a agua crystallina da bahia. Nas physionomias de

todos estampou-se como um reflexo, mais ou menos esbatido, d'aquelle enjôo.

— «O menino foi-lhe entrar pela melancia!» — argumentou o Hippolyto.

O Nico entaramelou uma praga que se não entendeu porque os vomitos o não deixavam ser senhor de si.

— «Não foi da melancia» — discordou o Fôfo, a chapinhar com ambas as mãos dentro da agua — «Pão de ló é que elle comeu mais de quantas fatias!»

— «Bem dizia a sr.^a D. Clemencia!» — recordou gravemente Bertha. — «Talvez fôsse o pão de ló, lá em casa, ao almoço, que lhe fizesse mal.»

— «Qual historia! Foi lá d'isso!» — tartamudeou o misero, todo em arrancos convulsivos.

— «Pois olhem que não foi outra cousa» — emittiu a Manuela muito accessa de convicção.

— «Volta e meia o Nico apanha uma indigestão» — elucidou espivitada a Graça — «É' lambareiro!... Depois, é caldo de gallinha e mais caldo de gallinha...»

— «Veja lá não lhe caia um dente com a gracinha» — balbuciou o Nico.

— «Bem sei... Não lhe faz conta.»

— «Nunca se viu uma *malcriação* assim.»

— e vomitos mais profundos tomaram conta do pobre Nico.

— « *Malcriação, gósto* » — murmurou entre dentes o tio Victorino. E, para a Graça, passando-lhe a mão na cabeça — « Chiton! sua tagarella... Deixe lá o rapaz... Bem lhe bastam os engulhos... Tem de sobra. »

A Graça accommodou-se logo.

E a tarde terminou um pouco sorumbaticamente, mercê do incidente promovido pela gulodice do Nico.



VI

Na horta dos Avelares

No dia seguinte, sexta-feira, o calor fazia-se sentir ardente.

Não deixou porém de realizar-se o *pic-nic* á horta dos Avelares, destinado a divertir as Lacerdas e o Gaudencio Vidal, que das Caldas tinham vindo a passar o dia com D. Clemencia.

As manas Lacerdas, por nome baptismal Ismenia e Victoria, eram duas feias, de genero alambicado, desdenhoso. Ellas olhavam S. Martinho por cima do hombro. Aquelle encerro, nada *fashionable*, opprimia-as. Um pedaço de dia passado em S. Martinho punha-as logo a almejar pela amplitude das Caldas.

Aquillo, sim. Caldas era outra ordem de terra. Muita animação, muita *sociedade*. Só o club de lá! Tinha a *linha*; tinha *chic*.

Em S. Martinho não havia club — affirmavam as duas manas — havia mas era *clubio*. E as duas riam satisfeitas entre si, achando pilhas de graça ao dito.

Navegação na bahia detestavam-na. Uma de duas — era lá o seu gosto d'ellas — ou mar largo, viagem a valer, para longes terras, como já tinham feito tanta vez; ou então coisa galante como a lagôa da *Copa*, nas Caldas, para bordejar conversando ao mesmo tempo, chistosamente, com os que ficavam em terra.

Andar na bahia era até nauseante. A mana Victoria, então, incommodava-se immenso. Não lhe lembrava senão que a bahia era o vasadouro publico da terra. Crédo!

O mez de agosto davam-no sempre ás Caldas — não por exigencia therapeutica, mas por simples *sport*, vocabulo que tinha todas as sympathias da mana Ismenia.

O primo Gaudencio Vidal, oraculo, sombra e *factotum* d'estas damas, tirava d'aquella preferencia as vantagens da familiar companhia durante o tratamento que usava fazer n'aquellas *thermas* contra as irreverencias do rheumatismo e os destemperos do estomago, muito estragado pela gastronomia.

Ricos todos tres, completamente accordes n'um simplicissimo programma de vida — gosar a todo o transe, deixando correr as cousas, sem olhos imprudentes para melancolias e miserias — elles preoccupavam-se principalmente de pôr em constante relevo a qualidade subjectiva de que muito se jactavam, o *polimento das viagens*, adquirido sobretudo nos *boulevards* de Paris e nas praias do occidente da França.

D'estas tres conspicuas figuras da colonia caldense, e das familias de Vicente da Camara e de D. Clemencia Peres, se compunha o rancho que vamos encontrar, foragido dos ardores do sol estival, sob os pinheiros da horta dos Avelares, á beira da linha ferrea. Ha ainda a registar a presença do nosso conhecido Hippolyto, encarregado dos cestos do *lunch*, e a de *miss* Spriggings, a *governess* mesquinha, móda diariamente pela singular rabinice da Graça.

Fraqueza ou desleixo, D. Clemencia Peres acabava sempre por ceder ás instancias dos filhos, embora tendo já feito as mais formaes recusas. Assim viera finalmente a porfiosa Graça a obter venia para tomar parte no *pic-nic*, sob a mera condição restrictiva de ir tambem a *miss* Spriggings, que d'ella se occuparia durante a tarde, deixando livre de cuidados D. Clemencia.

Bem lhe bastava a ella a inquietação, o tormento, de vêr o seu Nico desmaiado, a trocar as pernas, convalescente de uma noite trabalhosa, de ancias e de febre.

Até, de manhã, fôra sua idéa desistir do *pic-nic*. Mas o *querido anjo* pedira tanto, fizera tal caramunha, que não houvera remedio senão ceder. Ceder era por onde sempre acabava D. Clemencia. Sobretudo contra a vontade do Nico, não tinha força nenhuma.

E afinal, tambem a idéa de ficar todo o dia em casa a arranjar conversa para as Lacerdas e para o primo Gaudencio a apavorava um pouco.

Optou pelo *pic-nic*, que tudo conciliava, fazendo prometter ao Nico—o seu *Iquinho*, como a sua maior ternura chamava o doente—que nada tomaria para *lunch* além do caldo de gallinha, aquecido n'uma lampada de alcool, levada para esse fim expresso.

O Nico prometteu. Prometter era-lhe facilimo. Mas observava, ingrato, que tudo aquillo eram pieguices; que elle lá achava-se optimo; não tinha doença nenhuma.

A mãe, notando-lhe o parecer livido, os olhos abatidos, pedia-lhe, supplicava-lhe que lhe não occultasse a verdade, que confessasse tudo o que ainda sentia.

—Nada, nada—affirmava em voz muito alta, agastadissimo—Enjoara o balanço

do bote, mais nada. Sentia-se bem, como sempre. — E levara a manhã a esconder as caretas que fazia, denunciadoras de navalhas intestinaes.

Ficou furioso o Nico quando, pelo caminho ouviu o tio Victorino observando a D. Clemencia: — «Não me parece estar bem o seu filho hoje, minha senhora.»

— «Pois se elle teve uma enorme indigestão!... Quando lhe vi comer o pão de ló em casa da D. Frederica, logo lh'o disse... Tinha acabado de almoçar... Mas este meu filho tem uma verdadeira loucura por doces... O peor é que estas guloseimas estragam o estomago... dão cabo da saude... E' desobediente... O mal será para elle... Deus não castiga com pau nem com pedra...»

— «Ninguem faz o mal que o não venha a pagar» — philosophou do lado o Hippolyto, que não perdia o sestro de metter a sua colherada sempre que tinha na ponta da lingua um dictado.

— «Dizes bem, rapaz» — e o tio Victorino sorriu satisfeito — «Isso é preceito que não falha. Vela por elle

«... o alto Deus que para longe guarda
o castigo d'aquelle que o merece.»

O Nico caminhava poucos passos adiante.

Ouvindo tudo, ficou-lhe desejo de trincar o abelhudo do Hippolyto. Havia de dar-lhe uma ensinadela. Grandissimo atrevido!

— «São muito interessantes estes pequenos da Frederica!» — apreciou alambicadamente D. Clemencia.

— «Muito. Muito!» — approvou, sincero, o tio Victorino.

— «A Bertha é insipidasita... mas boa pequena... Ganhava muito se não fosse tão acanhada...»

— «N'uma rapariga a timidez não é defeito» — emendou o tio Victorino.

— «Vamos lá!... Tudo na conta... A irmã é mais esperta...»

— «E' um azougue.»

— «Tem aquelle pessimo costume de dar sentenças... A culpa tambem é dos paes... Que ás vezes custa muito ter mão... Pelos meus eu sei» — e D. Clemencia erguia ao ceo um olhar de martyr resignado.

— «Estes pequenos da minha sobrinha não custam nada a aturar» — insistiu o tio Victorino um tanto impaciente — «São umas creanças encantadoras.»

— «Pois são» — conveiu, abeatada, D. Clemencia — «Tem as suas cousas de creanças... mas isso todos... E são amigos... Que o Fôfo e a Manuela vamos lá... estão sempre em despiques um com o outro.»

— « Não acho isso, minha senhora, não acho. »

— « Ai, estão... E' porque V. Ex.^a não repara... »

— « Não reparo eu n'outra cousa, está bom! »

— « Pois então é que os pequenos têm estado mais commedidos na sua presença... Isto de creanças, afinal, é tudo o mesmo... »

— « Também discordo, minha senhora... Ha creanças que me encantam e ha outras que me agoniam, que me põem doente... Em tudo ha differenças. »

Talvez de proposito, o tio Victorino de- teve-se a olhar a via ferrea que decorria perto.

Entretanto D. Clemencia, muito desde- nhosa, ao ouvido da Ismenia Lacerda:— « O velhote é um ratão!... Já notou o tom ca- thedratico em que elle fala ás vezes? Até parece verso. »

— « E' verdade... E' um original! » — e a D. Ismenia assestou inexoravelmente sobre o tio Victorino o *lorgnon* de tartaruga.

A Bertha, a Manuela, o Fôfo e a Graça concertaram entre si, ao chegar, começar o programma da tarde pelo *jogo dos quatro cantinhos*.

Faltava porém o quinto jogador. O Nico

estava ainda pouco para carreiras; a Clarisse escusava-se, com ares senhoris, enfatiados.

Foi uma algararra, um alarido indescritível, quando o tio Victorino resolveu a dificuldade, declarando que iria elle proprio jogar os quatro cantinhos. E durante um bom quarto de hora a gargalhada de grandes e pequenos retiniu incessante com o estridor da franca alegria, enquanto o velho, com agilidade de moço, corria porfiando em levar a melhor aos contendores.

— « V. Ex.^a parece gostar muito de creanças » — observou adocicadamente a Ismenia Lacerda.

— « Muito, minha senhora, muito » — acudiu espontaneo o tio Victorino, limpando o suor da fronte — « Flôres, versos e creanças... São os tres encantos da vida... »

— « Gostando assim de creanças, não sei como V. Ex.^a não tomou estado... como se não casou. »

O tio Victorino ficou um tanto embaraçado.

— « Isso, minha senhora, é... é sempre um tanto difficil... »

— « Difficil! Não me parece... »

— « E', é... que mulheres... e V. Ex.^a desculpe... não são exactamente nem versos, nem flôres, nem creanças... »

— « Sim, sim... isso lá! » — e a D. Isme-

nia, a variar de assumpto — «O dia está muito quente, mas corre certa viração.»

— «O sol queima» — disse Vicente da Camara — «mas aqui á sombra está bom.»

— «Filho... Nico... ó *Iquinho*... não ponhas a cabeça ao sol, filho» — recomendava, toda cuidados, D. Clemencia.

— «Deve fazer aqui muita falta um extenso passeio arborisado» — sentenciou o Gaudencio Vidal com empertigada auctoridade — «Para isso nada como as praias de França!»

O tio Victorino, que em moço percorrera a Europa, e conhecia o que havia lá e cá, acudiu em defeza de Ancora e outras praias do norte de Portugal.

— «Como natureza» — sustentou elle — «pouco temos que invejar aos estranhos... Que, quanto ao mais tambem... muitas vezes, são mais as vozes que as nozes... Patriotismo é o que mais mingúa por cá... isso sim... N'isso todos os de fóra nos levam hoje a palma.»

As Lacerdas trocaram com o primo Gaudencio um olhar motejador, acompanhado de sorrisos sublinhados.

Tudo passou despercebidamente para o tio Victorino, agora todo attento á occupação com que o Hippolyto, a distancia, preenchia o seu tempo vago.

Curioso, approximou-se do pequeno. O

Nico seguiu-lhe os passos e olhava muito desdenhoso.

— «E' o jôgo das *cinco pedrinhas*, sabe?»
— explicou o Hyppolyto, notando a atenção do tio Victorino.

— «Creio que até em rapaz o joguei... Mas onde vae isso!... Espera lá, pequeno: Faze lá todo o jôgo, de seu principio...»

— «Todo o jôgo? ... Não tem nada... E' assim» — e o Hippolyto, reunindo na mão as cinco pedras, atirava-as conjunctamente ao ar.

— «Espera lá... Jogamos uma partida» — e o Nico, sentando-se abruptamente no chão apoderou-se das pedras — «Começo eu.»

— «Nada, não senhor.» — contraveiu o tio Victorino — «Começar dá uma grande vantagem... D'isso ainda eu me lembro... Devem tirar á sorte...»

— «Qual! Deixe lá!» — acudiu o Hippolyto — «Eu dou a dianteira ao menino Frederico... Vá lá... A' vontadinha!... Eu, de toda a maneira, sempre hei-de ganhar...»

— «Ora essa! Alto lá... Isso, veremos» — e o Nico com arrogancia vascolejava na mão as pedras.

— «Isso, ganho.» — reforçou tranquillamente o Hippolyto — «Eu sempre ganho cá aos rapazes e mais elles sabem da coisa...»

— «E eu não sei!... Olha o asno!»

— « Bem, bem. Vamos ao que importa »
— interveiu o tio Victorino — « Comecem lá. »

O Nico começou. Levava arrebato ma-
vorcio. Com o arrebatado dos movimentos
logo perdeu á segunda marca.

— « Diabo! Não sei quem me tocou no
braço... Para a outra vez, *hadem-se* afastar
todos.

— « *Adem*, amigo, é um passaro de pode-
rosas azas » — não pôde deixar de dizer
sorrindo o tio Victorino — « *Hão-de, hão-de*
é que é portuguez. »

— « Bem sei... Enganei-me » — disse o
Nico muito vermelho — « Estava a pensar
n'outra coisa. »

— « Pois, meu caro... quem foi classificado
distincto em Portuguez tem responsabilida-
des... que

«... o nome illustre a um certo amor obriga
e faz a quem o tem amado e caro »

O Nico deixou vêr um sorriso amarello e,
voltando-se desabridamente para o Hippo-
lito cujos olhos estavam pregados no tio
Victorino: — « Vá... ficaste agora pasma-
do... Quem joga não guarda cabras... »

— « Prompto, prompto... » — e o Hip-
polyto serenamente começava.

Umás após outras, seguiam sem interru-

ção as marcas do jogo. O Hippolyto não vacillava, não perdia uma peça. Parecia que cada pedra obedecia a uma attracção que a conduzia rigorosamente, mathematicamente, ao seu destino. Semelhante precisão desafiava repetidos applausos dos espectadores que eram agora todos os do grupo.

O Nico impava de raiva.

— «Fóra, fóra... Isso agora foi trapaça...» — gritou elle, dando ao Hippolyto um rude encontrão que lhe fez largar todas as pedras.

— «Trapaça!» — e o Hippolyto olhava anciado para o tio Victorino — «Trapaça!»

— «Trapaça, sim senhor... Foi arrastado... Pensas que eu não vi?»

O Hippolyto teve um estremecimento. Nervosamente cerrou os dois punhos. Depois, com as lagrimas quasi a saltarem-lhe: — «O' sr. Victorino... olhe que não foi tal trapaça... Aquillo que elle era capaz de fazer cuida então...» — e atalhou-se opprimido.

O tio Victorino não perdera a mais insignificante minucia d'aquella scena.

— «Dizes bem, pequeno» — approvou elle com a voz um tanto alterada — «Dizes bem

«Que onde reina a malicia está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.»

A adesão do tio Victorino soltou abundantes as lagrimas do Hippolyto. Elle então, a querer disfarçar, muito engasgado: — «Pois tá visto... Quem mal usa mal cuida.»

A instinctiva perspicacia com que o Hippolyto interpretava á letra as maximas camoneanas, accommodando-lhes espontaneamente uma sentença popular, impressionava cada vez mais o tio Victorino. E essa ignota ligação entre a alma popular e a alma da poesia, revelava-se-lhe, como nunca, enternecedoramente.

Passando a mão rapidamente nos olhos, que uma passageira commoção viera humedecer, o tio Victorino, agora conhecedor da superioridade do Hippolyto no duello travado, disse de bom humor: «Vá lá, comece-se de novo a partida.»

— «Mas, ó sr. Victorino, olhe que eu não perdi nem fiz trapaça» — protestou ainda o Hippolyto.

— «Não senhor, não perdeu» — confirmaram todos em volta.

— «Nada, não valeu. Começa-se outra vez» — sustentou com arrogancia o Nico.

— «Deixa lá, rapaz» — exhortou o tio Victorino, dirigindo-se ao Hippolyto — «Estavas no teu direito, mas enfim... deixa lá... Começa outra vez a partida» — e piscando-lhe o olho com malícia:

- O forte muitas vezes
- Não mostra quanto póde : e com razão ;
- Que é fraqueza entre ovelhas ser leão •

« Não serei eu que te ajude; que

• Fraqueza é dar ajuda ao mais potente »

— e sorria, franzindo muito o nariz e tregueitando dos labios.

— « Pois vá lá isso... Então comece o menino Frederico » — e o Hippolyto estendia-se no chão, cravando no adversario um firme olhar vulpino.

Sem a minima alteração, repetiu-se a scena anterior. A' segunda puxada o Nico perdia, exclamando uma dissonante praga que provocou em D. Clemencia o seu usual, estirado e emphatico — « Oh! me-ni-no! »

Sem uma palavra, o Hippolyto sentou-se muito direito, tomou as pedras e lançou-as airoosamente ao ar. Então no meio de applausos repetidos, sem um momento perder a rigorosa segurança que dava áquelle singelissimo jôgo popular um quê de torneio artistico, o Hippolyto levou enfiadas todas as marcas, da primeira á ultima, terminando em triumpho no meio de uma fremente salva de palmas.

— « Já vê que eu não tinha precisão de

fazer trapaça» — disse ao Nico o vencedor, olhando-o com ar de desprezo.

O Nico encolheu os hombros, n'um trejeito de duvida. Estava fulo.

Então o tio Victorino approximou-se-lhe; e, com solemnidade comica, erguendo inflexivel-o indicador:

- « E se inda te parece falsidade
- « Cuida bem na razão que está provada,
- « Que com claro juizo póde vêr-se;
- « Que facil é a verdade de entender-se. »

A Graça acercou-se; e, fazendo o gesto correspondente ás palavras: « Surriada, que perdeste! »

— « Ora! grande *perca!* » — desdenhou o Nico, voltando costas á irmã e á boa linguagem portugueza.

— « *Perca* é tolice, não é? » — segredou a Manuela ao ouvido da Bertha.

— « E de marca, minha flôr » — acudiu o tio Victorino que ouvira a consulta — « *Perda* quiz o estudante dizer » — e, ao ouvido de Manuela — « Se o sabichão voltar com aquella, ensina-lhe que *perca* é um peixe de agua dôce. »

— « Um peixe? »

— « E? »

— « Muita paciencia tem V. Ex.^a para as

creanças!» — observou, do alto da sua desdenhosa importancia, o Gaudencio Vidal.

— «Gosto . . . sempre gostei muito de creanças» — confirmou enternecido o tio Victorino. E, sorrindo para o grupo infantil: «É o caso é que ellas tambem não desgostam de mim.»

Aquelle espontaneo sorriso dos pequenos, que lhe respondeu, embebido de sympathia e attracção, valia para o tio Victorino incomparavelmente mais do que os tregeitosos, affectados comprimentos dos grandes.

— «Almas puras» — resumiu elle — «vindas directamente das mãos de Deus.»

— «Que viração tão agradável, não acham?» — fez notar languidamente D. Clemencia — «Ninguem dirá o calor que está lá fóra!»

— «Mas lá para verduras de arvoredos ao pé do mar, mattas que é mesmo um regalo, só no estrangeiro» — sentenciou a Victoria Lacerda muito dengosa — «Nada como Dieppe, por exemplo!»

— «Dieppe, minha senhora!» — contraveiu Vicente da Camara — «Justamente Dieppe . . .»

— «Ai, não faça caso!» — acudiu a Ismenia Lacerda um tanto corada — «A mana Victoria decerto queria dizer Arcachon . . . Ahi é que nós estivemos por ultimo.»

— «Sim, sim, menina; dizes bem» — apressou-se a emendar a mais velha das Lacerdas, muito confusa — «Arcachon . . . Isto quem viaja muito . . . Até chega a confundir os sitios . . .»

— «Para isso são bons os apontamentos de viagem» — lembrou Vicente da Camara, não conseguindo de todo encobrir o sorriso que lhe despontava nos labios.

— «Pois sim» — objectou muito animada a Victoria Lacerda — «mas ou bem que a gente anda a viajar para se divertir ou bem para se maçar . . . Eu cá gosto de ver; agora andar a seccar-me com escripturação, isso é que não. . . As maçadas estão prohibidas.»

— «O' D. Victoria . . . Arcachon é Hespanha, ou já é em França?» — perguntou D. Frederica que uma só vez fôra a Paris procurar mestra para as filhas, e possuia os mais resumidos conhecimentos de geographia. A D. Victoria meditou em vão. A memoria não lhe deu, para o caso, nada, absolutamente nada.

— «Olhe, minha querida amiga . . . para lhe dizer a verdade, não lhe posso responder . . . Essas cousas de paizes passam-me muito . . . Quem tem tudo isso na ponta da lingua é ali o primo Gaudencio . . . Aquillo tem memoria! . . . Olhe que sabe os *Badé-*

cas todos de cór . . . O' primo, faz favor? . . . Elle Arcachon onde fica? E' na Hespanha? ou é em França?»

— «Jesus, minha prima, que sacrilegio!»
— exclamou, n'um largo esbracejar de asombro, o Gaudencio Vidal — «Arcachon!»
— «Querem vér que não é n'um lugar nem no outro!» — e a Victoria Lacerda desatou a rir escancaradamente — «Suissa, ia apostar . . . Isto a minha cabeça! . . .»

— «Jesus, minha prima . . . Arcachon! . . . França . . . departamento da Gironda . . . praia esplendorosa . . . deleitosa estancia balnear . . . delicia das delicias! . . .» — e o Gaudencio Vidal todo se pavoneava dizendo aquellas banalidades.

Uma trombeta de caça, estridulamente soprada por Vicente da Camara, deu o ajustado signal para o *lunch*.

Os pequenos riram estrondosamente, os grandes taparam os ouvidos com muitos modilhos e tregeitos, e todos rodearam os cestos que o Hippolyto approximou expeditamente.



VII

Depois do «lunch»

AGORA é que eu os levo bem!» — dizia ao cabo de meia hora o Hippolyto, tomando o peso aos cestos quasi de todo esvaziados — «Dividiu-se o peso. Eu cá é que vou mais leve.»

— «O que havemos nós de fazer agora?»

— perguntou a Manuela que não gostava de perder tempo, sobretudo quando pudesse aproveitá-lo brincando.

— «Contem historias, casos» — lembrou o tio Victorino.

— «Casos!»

— «Sim . . . Pode cada um contar qualquer cousa que lhe lembre . . . um caso que lhe acontecesse.»

— «Ora! eu cá não sei nada . . .»

— «Esta cabecinha! Sempre ha-de querer saber tudo antes de pensar . . . Não póde ser.»

— «Não sei, não. Não sou capaz . . .»

— «Vamos lá a fazer isso» — disse a Bertha já muito interessada — «Quem ha de começar?»

— «Eu cá, não» — declarou o Nico, muito amuado, porque a D. Clemencia cumprira o preceito do caldo de gallinha não lhe consentindo que tomasse outro *lunch*.

— «O melhor é tirar á sorte» — alvitrou o tio Victorino.

— «Sim, sim. Mas como ha de ser?»

— «Faz-se uma especie de cabra-cega» — a idéa era da Manuela — «Tapam-se os olhos á Graça e ella agarra a pessoa que ha de contar uma historia.» O processo foi julgado optimo. O Fôfo muito electrizado, dava saltos de arlequim, enquanto o tio Victorino puxava do seu lenço muito branco, e com elle vendava os olhos da Graça.

— «Não aperte muito» — pedia ella com a voz doce que tinha só para o tio Victorino.

— «Não aperto, deixa estar, minha melindrosa . . . Mau! . . . Para baixo com essa mão . . . Quero isto bem tapado . . . Bem . . . troquem lá os seus logares sem falar . . . Eu depois solto a cabrinha cega . . .»

— «E o sr. Victorino? . . . o sr. Victorino não entra?» — perguntou vivamente o Hippolyto.

— «Não entro . . . Mas o remedio que tenho é contar um caso . . . mesmo sem ser apanhado.»

A Graça já grazinava que se aviassem. Não podia estar tanto tempo com os olhos tapados. Credo!

— «Bem, bem, não vale zangar . . . Um, dois, tres . . .» — e o tio Victorino deixá-va-a partir correndo.

A Graça parou de repente, estendendo os braços que não encontraram presa. A condição do jogo era que todos conservassem firmes os seus logares, ninguem se mexesse. A pequena escutou muito attenta. Nada ouvindo que lhe fosse indício, rompeu para um lado ao acaso e foi agarrar com immensa força a mão da pobre *miss* Spriggings, vermelha como concha de lagosta.

A grande vozeria dos pequenos augmentava a confusão da pobre *miss*.

O tio Victorino mal reparara ainda na ingleza. Olhou-a agora com indagadora attenção.

Não era o typo vulgar da mestra estrangeira. Era uma velhita á roda dos sessenta annos, de pelle já enrugada mas ainda, a espaços, transparente.

Os bandós lisos do cabello grisalho alourado, o olhar azul pallido, o traje aceiado e composto, a mansidão timida das maneiras davam a *miss* Spriggings um aspecto que não tinha absolutamente nada de desagradavel.

Da breve inspecção o tio Victorino concluiu não haver a menor razão apparente para que a D. Clemencia Peres tratasse por cima do hombro, como fazia, a pessoa a quem dera encargo de educar-lhe a filha.

Miss Spriggings escusava-se aos rigores da sorte, alegando a sua difficuldade de exprimir-se em portuguez. Mas todos lhe pediam, todos supplicavam que, apesar de tudo, *contasse*.

Com um sorriso resignado, complacente, a *miss* Spriggings annuiu por fim.

Safam-lhe com grande esforço as palavras. Mas, vencendo denodadamente as difficuldades, ella levou de fio a pavio a sua historia.

«Vâ-u cunntáarr uma caso, muito drôle, ingreçado, que a mim contecê-u antes de virr pârr S. Mertinho. Andava no rua Nôva de Carme e incontra senhor que abraça minhe pessoa. Fiquê-i muito surpresa. Não conhecia senhor que abraçô-u. Tudo de uma vez, ê-u lembráarr quê era mister Maguelhães, un discipula mê-u, de muito anno en Ma-

dêra. Senhor Maguelhães teve muita prazêarr de vêarr minhe pessoa. Invitou pârr jentáarr no *saturday*—parece-me quê é sabbado— ás cinque hores, pârr introduzirr mulheir sua. Quesou anno pessado.

Escrevê-u adresse en mê-u... livro de al-gibêra. *Saturday*... sabbado... poz vestido melhorr e vou a case senhor Maguelhães, un quarto de hore pârr as cinque. Madame Maguelhães diz que sê-u marida sairr logo depois de jentáarr. Que elle ha-de estáar cun multe pena de não me vêar. Fiquê-i pouca tempo e sai. Pensê-i que senhor Maguelhães me tê-ar esquecido *all together*. Em case já tinham jentado mâas madame Peres fez favôrr de mandarr arrenjarr qualquerr côse pârr min.»

A narração, singelamente feita pela *miss* Spriggings, deu bom riso a todos. E a D. Clemência confirmou o caso com a descripção do improvisado *menu* com que tinha suavisado á *miss* Spriggings o calote do antigo discipulo, tão generoso de expansivos abraços como pecco de memoria.

— « Bom, bom, agora outra vez » — dizia já a Manoela que se pellava por historias — « Agora quem deve atar o lenço na Graça é a *miss* Spriggings, e assim já o tio Victorino fica livre para entrar tambem. »

— « Sim senhora, diz lá muito bem » —

approvou alegremente o velho. E começou a procurar lugar muito longe da Graça em carreiras que punham em frouxos de riso toda a pequenada.

— « *One... two... three...* » — Quando a *miss* Spriggings soltou o ultimo monosyllabo, já a Graça se lhe tinha escapado da mão.

— « O tio Victorino... o tio Victorino » — gritou ella, doida de alegria, arrancando o lenço dos olhos logo que teve bem segura a aba do casaco do velho.

— « O tio Victorino! » — repetiu D. Clemencia, muito agastada — « Graça, que modos são esses de falar? A menina deve dizer — *o senhor Sequeira.* »

— « Pelo amor de Deus, minha senhora! » — interveiu pressuroso o tio Victorino — « Pelo amor de Deus! » — E affagando os aneis revoltos da Graça: — « Trata-me como quizeres, endiabrada... Queres-me para tio? »

— « Quem me dera! » — exclamou a pequena toda em excitações de jubilo.

— « Pois está dito... Serei tambem teu tio... E para começar... ora toma » — e fingia dar-lhe uma forte palmatoada.

— « Assim é que V. Ex.^a os perde » — ponderou, muito delambida, D. Clemencia.

— « Não é com isto que elles se perdem »

—tranquillisou com intenção o tio Victorino. Depois, tomando attitude repousada: — « Ora, com todos os santos, o que hei de eu contar? »

— « Seja o que fôr, tio. »

— « Ah! já sei... Vou contar-lhes um caso que se deu comigo e que é, na sua simplicidade, muito eloquente... Aqui ha uns annos, n'uma tarde de inverno, saía eu da Universidade com algum appetite á sôpa. Ia cá a matutar com os meus botões sobre o que a Monica me teria feito para o jantar, quando me chega aos ouvidos uma algazarra atroadora. Olhei. Deparou-se-me um quadro abjecto... Uma pobre velha, tropega, cega, maltrapilha, tateando o caminho alagado com a fragil canna a que se abordoava, pretendia atravessar a rua. Uma endemoninhada chusma de garotos impedia-lh'o, no meio de gargalhadas alvares, puxando-lhe ora o lenço ora a saia esfrangalhada, em meio de apupos e vaias estridentes. Poucos passos me separavam do espectaculo nefando. Brandia já a minha bengala para correr a matula infrene, quando de uma mercearia fronteira vejo sair um rapazola, especie de marçano, e com uma longa e grossa vara investir para o grupo. Fazendo com a arma um gyro ameaçador, que tinha seu quê de artistico, o valente pôz em fuga todo o ba-

talhão de *gavroches*. Depois, tomando a velha pela mão, conduziu-a sã e salva para fóra do alcance do inimigo. Confesso que senti orvalharem-se-me os olhos. Aquelle remate fez-me bem; lavou-me a alma. Ha momentos em que a gente — até sem dar por isso — precisa tanto de alguma cousa que a con-grace com a humanidade! Dei ainda uns passos em direcção para casa. Ha muito anno que a Monica me ralha sempre que eu faço esperar o jantar... Mas, a breve trecho, parei... O meu espirito não estava tranquillo. Uma obrigação impunha-se-me; no vago, a principio; claramente por fim. Era a consciencia a lembrar-me

«... a virtude louvada vive e crece
« E o louvor altos feitos persuade.»

Eu que, casualmente, tivera olhos n'aquelle espectaculo, devia alguma cousa ao mocinho inulto que me dera tão forte impressão. Devia-lhe, pelo menos, o meu elogio,

« Que doce é o louvor e a justa gloria
« Dos proprios feitos quando são soados.»

Acerquei-me ligeiro. Já o rapazote vinha de volta.

— «Boas tardes, amigo.»

— «O que ha de querer, meu freguez?»

— tornou-me elle, vivo, prazenteiro. Era mo-
cinho de uns quatorze annos, atarracado, ty-
po grosseiro, voz aspera, feições boçaes. Per-
dia em ser visto de perto. Mas lá dentro de-
via de haver ouro de lei — essa ía eu jurar.

— « O que eu quero? Dizer a vocemecê
que muito gostei de lhe vêr fazer cousa tão
bem feita. »

— « Pois que fiz eu? » — e arregalava-me
enormemente os olhos redondos. O espanto
era grande.

— « Varreste-me aquella corja, rapaz. Não
foi pouco. »

— « Lá por isso » — tornou-me elle com
decisão — « toda a vez que aqui os tope, fa-
ço o mesmo. Andam-me cá sempre a furtar
as nozes e as castanhas piladas... Se eu não
punha a velhota longe, era empalmação
certa... »

Eu esmoreci. « Julgava » — disse-lhe —
« que tinhas feito tudo isso por dó da vélhi-
ta... »

— « A velha! Porquê? Ella não é minha
avó... » — e acompanhava o dito de um rir
deslavado, bestial, inconsciente.

— « Todos sômos irmãos perante a des-
graça » — retorqui-lhe severamente. — « A
cegueira é mal que póde chegar a todos. »

— « Isso lá é assim » — affirmou o rapaz
com indifferença; e foi pôr-se a moer café e

a assobiar. Voltei-lhe as costas sem sequer dar boas tardes. Já passava muito da minha hora de jantar.»

— «E a Monica?» — perguntou a rir D. Frederica — «Havia de estar desesperada...»

— «Ora! Pregou-me um foguete real apenas cheguei a casa... Mas vamos á historia... Passaram-se semanas... Um dia, já esquecido do caso, encontro, a certa distancia do local, a mesma velha, acompanhada carinhosamente pelo marçano boçal. Depois, com dias de intervallo, o mesmo encontro; depois, outra e outra vez ainda. Uma manhã entrei na mercearia a comprar phosphoros. O olhar do marçano, cruzando-se com o meu, pareceu-me mais intelligente.

— «Tenho-te visto uns dias por outros... com a velhita» — disse-lhe, temeroso de nova desillusão.

— «E' para ir ao hospital» — explicou singelamente. — «A ceguinha agora vae ás consultas... Aquillo ali á porta é uma confusão de mil demonios.»

— «E tu então vaes valer-lhe n'essas difficuldades?» — perguntei-lhe enternecido. A consciencia dizia-me que eu tinha contribuido para aquillo.

— «A mim que me custa?» — justificou elle sem o menor azedume.

— « Praticas uma boa acção, pequeno . . . Nem só o dinheiro é esmola » — e procurava no meu espirito cousas elogiosas, para dizer compreensivelmente ao rapaz, mais confiante do que nunca n'esta maxima d'aquelle sublime engenho :

« Quem valorosas obras exereita,
« Louvor alheio muito o esperta e incita »

— « Isso a mim é que não me custa nada » — confirmou o rapazola. E depois, com certo desplante: « Tomára eu até nem aqui pôr os pés na loja ! »

A este dito fiquei curioso. Trocámos explicações. Elle era orphão de pae e mãe. Almejava por aprender o officio paterno, marceneria. Mas o tio, merceeiro, só lhe protegia a orphandade a troco de serviços prestados na loja a aviar freguezes. A tendencia hereditaria para a serra e para o martello já tinham valido ao bom do Torquato uma formidavel carga de pau.

Protestei a Torquato que seria marceneiro, consoante seu gosto; e puz-me á espera do tio e tutor, um alentado bruta-montes, que vivia exuberantemente, em mangas de camisa, regalando o estomago insaciavel com o melhor que havia na loja.

Preoccupava-me já a especie de protecção

que daria ao rapaz... Se até me vinha á idéa adoptal-o por filho!... Foi uma cousa que sempre me andou na cabeça... O physico do rapaz é que não era muito attrahente...»

— «Crédo, tio! Que responsabilidade!» — ponderou D. Frederica, muito grave.

— «Nunca me metteram medo responsabilidades, sobrinha... Se a vida não serve para se tomarem responsabilidades, então para que diabo é que ella serve?» — e o tio Victorino falava com a firmeza de quem tem a maior confiança no seu argumento.

— «Muito arriscado, adoptar filhos estranhos!» — sentenciou, fleumatico, Vicente da Camara.

— «Meu caro, quem se não arriscou não perdeu nem ganhou» — tornou-lhe decidido o tio Victorino. — «A vida é uma loteria... Tambem para não arriscar nada... Eu cá não chamo isso viver.»

— «Quem não arrisca não petisca» — disse a meia voz o Hyppolito, fazendo sorrir o tio Victorino.

— «Eu cá, Deus me livre!» — declarou resoluta a D. Victoria Lacerda.

— «Nem para ganhar o céu!» — echoou em tom reforçado a mana Ismenia. — «E o primo? O que diz lá o primo Gaudencio?»

O primo Gaudencio Vidal entendia que

os trabalhos eram, para todos, certos na vida, e que procural-os uma pessoa por suas mãos era rematada tolice. Declarava-o cheio de circumspecta importancia, anediando pa-chorrentamente o bigode envernizado.

— «E' uma grande pensão, isso é!» — concordou emphaticamente a D. Clemencia Peres — «Se até os nossos filhos custam a aturar, o que não será com os filhos postiços!»

— «Pois eu, minha senhora, ainda não perdi de todo a esperanza de ligar a mim um d'esses taes filhos postiços... já que não tenho outros...» — e o tio Victorino sorria benevolo áquella idéa de uma paternidade que elle andava forjando lá consigo.

— «Ora, tio!... na sua idade!» — reprovou muito séria D. Frederica.

— «Boa maneira de chamar-me velho!... E esta!» — O tio Victorino fingia-se formalizado.

— «Chama-se isso não qucrer viver descansado.»

— «Mas quem é que vive descansado, so-brinha?... Quem?... Só se fôr algum refinado egoista... Ao menos viver para fazer alguma cousa...»

— «E o pago, tio?... Ólhe que é bem máu ás vezes...»

— «Ora, o pago!... o pago!... O caso é

fazer o bem... De retribuição, tudo o que vier é favor...

— «Mas, tio» — interrompeu Vicente da Camara — «acabe lá a sua historia... Que foi feito do seu marçano?»

— «O que foi feito do palerma do Torquato?... Isso são contos largos... O fim do rapaz não prestou... Fiz d'elle o marce-neiro que desejava ser... e afinal perdeu-se... Deixou-se desencaminhar por um malandrim de marca que se lhe dava por amigo... Jogava tudo... Ouvi que até ladrão se fez...»

— «Vê o senhor?» — fez notar Vicente da Camara — «Era torto de todo.»

— «Leviano, inexperiente» — emendou pezaroso o tio Victorino. — «Os maus amigos são muitas vezes a ruina. E' mais que certo que

... um fraco amor os fortes enfraquece

— «Quem a má sombra se deita, má sombra o cobre» — commentou do lado o Hippolyto, que não perdia uma só das palavras do tio Victorino. — «Foi, com'ó outro que diz, dar um ponta-pé na fortuna.»

— «Verduras da pouca idade» — tornou-lhe maguado o velho. — «Pouco tempo levou a virar-se de todo o rapaz!»

— «Diz-me com quem lidas, dir-te-ei as manhas que tens» — explicou o Hippolyto, sempre maniaco por ditados — «Por isso eu, companhias . . . Mais vale só!»

— «Dizes bem, rapaz.»

— «E ainda o tio pensa em metter-se n'outra!» — notou acerbamente D. Frederica.

— «Pois eu! . . .» — e o tio Victorino sorria tranquillamente, como quem segue firme o seu caminho, indifferente a suggestões —

«A gente em certa idade não tem emenda, o que é» — E já tinha vendado os olhos Graça para continuarem o jôgo.

A pequena ia a tocar no Nico quando elle lhe furtou o corpo.

— «Isso não vale» — gritaram logo uns poucos.

— «Mexer é que não.»

Mas o tio Victorino chamou á ordem, aconselhando que se não fizesse caso d'aquella pequena fraude. Era pouca cousa para tamanhos escarceus.

A Graça dirigia-se com o passo muito cauteloso para a D. Ismenia Lacerda, que sem ousar mudar de logar, toda se remexia nervosa, sob a imminente perspectiva que a aterrava. De repente, a pequena mudou de rumo. E n'uma carreira inflexivel, foi travar do braço do Hippolyto, descuidado, a consideravel distancia do grupo.

O Hippolyto deixara-se agarrar sem a menor resistencia ou tentativa de lôgro. Mas declarou, singelo, que não sabia, que não tinha que contar.

— «Qualquer cousa, rapaz» — animou o tio Victorino — «Fala-nos do mar... Qualquer episodio de pesca... D'isso sabes tu muito mais do que qualquer de nós...»

O Hippolyto meditava.

— «Se quizerem, conto eu» — acudiu com arrogancia o Nico — «Historias não me faltam.»

— «Lá chegará sua vez» — interveiu o tio Victorino.

— «Assim *tênhamos* tempo!» — volveu de mau humor e peor grammatica o Nico. — «D'aqui a nada vae a gente mas é para casa...»

— «Vou contar uma passagem, mas não é do mar» — declarou socegradamente o Hippolyto.

— «E' coisa cá da terra.»

— «Pois venha lá isso» — e o olhar intelligente do tio Victorino luzia de curiosidade.

O Hippolyto começou sem preambulos.

— «Foi isto ha-de haver ahi uns tres annos... Quando ali o sr. Vicente e mais as senhoras tinham ido lá fóra por via de trazerem a mestra franceza... N'esse anno nem chegaram cá a vir... Estavam ahi cheias to-

das essas casas . . . Havia ahi dias que o Ribas a dar banhos nem se tirava da agua. Um bello dia appareceram ahi dois gajos de má cata-dura. E pegaram a prantar papeis pelas es-quinhas . . . cartazes, ou lá como é que se lhe chama. Era gatafunho para aqui, gatafunho para ali, e ao meio, dois gallos pintados em menção de se bicarem, e muita patarata es-cripta por baixo. Logo os gajos começaram a levantar na praia uma barraca, a modo de coisa de theatro, e á frente prantaram-lhe, em letrões que se viam de Selir, *Combate de gallos*. A gente cá nunca tinha ouvido falar em semelhante coisa . . . Andava ahi tudo ac-ceso por via de saber o que aquillo vinha a ser.

O sr. dr. Silvestre que ahi estava a banhos e sabia da coisa a preceito é que veiu a di-zer. Tirou-se dos seus cuidados e explicou tudo ao Ribas. Foi quando se soube ahi no povo da grandecissima pouca vergonha que aquillo era. Punham-se dois gallos com o peito depennado, um na frente do outro. De-pois, toca a vêr qual dá mais bicarada . . . Os malandros que estão a olhar para aquillo fa-zem apostas de dinheiro, que ahi é que está o grande segredo da tramoia. O Ribas ficou fulo. Que uma pouca vergonha assim nem se devia de consentir. Mas os gajos traziam uma licença passada lá não sei por quem, e andavam ahi todos anchos á espera do do-

mingo, que era o dia marcado para o pagode. Os banhistas não gostavam d'aquillo; alguns estavam desesperados. Combinaram nem pôr lá os pés. Elles então puzeram aquillo muito barato por via de lá chamar o povinho. Havia até premios. O diacho a quatro! Despovoou-se ahi toda a redondeza. Veiu gente de Famalicão, de Pataias, de Alfazeirão, de Selir, até de Caldas . . . Ora agora vamos lá a vêr como era aquella jiga-joga. Os animalinhos, já se deixa ver, meios depennados, logo que começavam bicada d'aqui, bicada d'ali, ficavam que era uma lastima. O sangue era ás bicas. Até lhe saltavam fóra os olhos . . . A poder de soffrimento é que os pobres dos bichos caiam no chão . . . Aquillo diz que até mettia nojo. O povo saiu de lá desesperado. A gente cá gosta dos animaes e não póde vêr a bem uma coisa d'aquellas. Até me contaram que os banhistas já não falavam senão no modo e na maneira de pôr cobro a semelhante maroteira. Já havia tal que promettia falar ao sr. administrador para pedir providencias . . . O mais fino é que não foi preciso nada d'isso. Ahi por noite velha, escuro como breu, levantaram se ahi uns poucos do povo — a coisa já tinha ficado tramada — foram-se á tal barraca, e, ás machadadas, fizeram-na em cavacos. Na manhã seguinte as gajos abalaram para Caldas,

muito caladinhos, e é que ninguem mais os tornou a cá vêr... Acabou-se d'uma vez com a tratantada que foi um regalo...»

— «Pois, sim senhores» — elogiou o tio Victorino — «arranjaste uma historia interessante a valer... Não me admira nada d'isso rapaz, que aqui ha um tempito, em Lisboa, tambem a pretexto de beneficencia se pretendeu introduzir o bestial divertimento, hoje prohibido em toda a terra civilisada... Não me recordo exactamente do sitio, mas foi n'uma feira, valha a verdade... Tambem construíram barraca e deram um espectáculo... que o atrevimento e a ausencia de escrupulos para muito chegam... mas tambem essa foi demolida... pelas machadadas da opinião publica. A auctoridade a final prohibiu o espectáculo. Era por onde devia ter começado.»

— «O' primo, não foi em Bordeus que nós vimos um combate de gallos?» — perguntou delambida a D. Ismenia Lacerda, com ares solemnes de quem tinha visto muito mundo.

— «Já lhe digo que não, minha senhora» — acudiu vermelho o tio Victorino. — «Em França nunca houve esse estúpido divertimento.»

— «Ai, sim, sim» — emendou um pouco rósada a Lacerda — «Bordeus já é França... Esta minha memoria!»

O Gaudencio Vidal torcia o bigode com impaciencia, e houve por bem não interferir.

— «Quem será agora?» — acudiu a Manuela, a quem aquella discussão não interessava, e que já estava vendando os olhos á Graça.

Foi a propria Manuela quem a sorte marcou d'esta vez. Ella riu muito, um pouco turbada.

— «Ora, não me dá cuidado» — disse, a desmentir, como podia, as apparencias — «Conto um caso que li n'um jornal francez da M.^{lle} Delbeuf. Foi n'uma terra da provincia, em França; não me lembra o nome... Um homem estava-se a confessar e viu que o padre tinha, a um lado do confessorio, uma caixa de rapé muito rica, de prata lavrada. Estendeu a mão e metteu a caixa na algibeira, enquanto o padre lhe dizia que confessasse todos os seus peccados se queria ser perdoado... Elle então disse: «Meu padre, já uma vez furtei uma caixa de rapé, muito rica.» — «Foi um grande peccado» — disse o padre. O homem então fez uma cara de arrependimento e disse: «Estou muito afflicto... Não quero conservar mais a caixa... Peço-lhe que a acceite, meu padre.» O confessor ficou todo zangado com aquella ideia e disse ao homem que de modo nenhum acceitava a caixa, e que isso não remediava

nada. Depois perguntou-lhe se elle sabia onde estava o dono da caixa. O ladrão respondeu que sim, que sabia perfeitamente. Então o padre disse que estava tudo arranjado; que fosse elle entregar a caixa ao dono, que Nosso Senhor, assim, perdoava-lhe o peccado.

O homemzinho respondeu que isso já elle tinha feito; mas que o dono, por mais que elle pedisse, não tinha querido acceitar a caixa. «Então homem, tudo muda de figura» — disse o padre. — «Fique você com a caixa. Visto que já confessou humildemente o seu peccado e que o dono lhe perdoou o furto, também Deus lhe perdoará.»

Quando o padre depois deu por falta da sua caixa, com que cara havia de ficar! Coitadinho! Ficou a chuchar no dedo.» —

Desafiou estrondosos applausos a narração da Manuela, saboreada pelos grandes como pelos pequenos. A algazarra subiu de ponto quando a Graça, outra vez de olhos vendados, foi agarrar-se com quanta força tinha ao braço do Nico que d'esta vez não conseguiu escapar-lhe.

— «Credo! Que brutalidade!» — protestava elle com energico acompanhamento de repellões. Nada abatia agora o jubilo da Graça, que foi pôr-se a fazer-lhe surriada de longe, sem se importar com as agoniadas

admoestações da *miss* Spriggings, que supplicava, muito envergonhada: « Oh! . . . Pray, dear . . . Don't . . . Don't do it . . . »

O Nico, depois de alguma indecisão, declarou que ia contar uma esplendida partida que elle e uns condiscipulos tinham feito por vingança no collegio, retalhando a canivete a tela de um quadro antigo, muito estimado do director, representando uma qualquer passagem da historia sagrada. Parecia-lhe que era . . . *Jesus, no monte Sinai, entregando a Moysés as taboas de Pythagoras.*

— « As taboas . . . ? » — perguntou assombrado o tio Victorino, julgando ter ouvido mal. »

— « De Pythagoras » — repetiu em tom muito alto o Nico, que tinha a mais impaciente e indelicada embirração á surdez.

Houve um fremito nos assistentes.

— « As taboas de Pythagoras, no monte Sinai, nas mãos de Jesus . . . Oh! menino! . . . essa não lembra . . . » — E o tio Victorino atalhava o riso, encontrando no seu o olhar anciado de D. Clemencia.

— « Outra cousa . . . outra cousa . . . Isso não » — interveiu nervosa D. Frederica. E lançava um olhar severo ás filhas, que estavam rindo á socapa.

O Nico procurou aproveitar a saída airosa que lhe era offerecida.

— « Bem... bem... Lá vae outra então... E' uma partida que eu e mais uns poucos fizemos a um corcunda lá no collegio. *Haviam* lá muitos que não podiam soffrer o tal corcunda, porque os mestres, com dó ou lá o que era, sempre lhe punham boas notas. A gente n'aquelle dia sabia que elle havia de ser chamado, porque era uma especie de exame trimensal. Se o typo tivesse sorte, era capaz de passar adiante de todos e ficava sendo o primeiro da classe... Ninguem queria essa. Tratou-se de fazer com que elle não pudesse responder á lição. N'aquelle tempo o *lunch* que davam á gente era leite. O pobre diabo era muito guloso. Uns tres cedemos-lhe o nosso assucar, de modo que o leite d'elle ficou que nem mel. O que elle não sabia era que lhe tinhamos baldeado para dentro uma enorme data de magnesia. E com a gulodice do assucar, lá foi tudo engolido de uma vez... Depois é que foram ellas... A' hora da lição o pobre do marreca não pôde estar na aula, porque... porque tinha de estar n'outra parte. »

Os pequenos desataram em gargalhada unissona, em quanto D. Clemencia, muito vermelha: « Jesus, filho, que inconveniencia! Agora ires contar uma coisa d'essas! diante de pessoas de respeito!... Um rapaz assim!... V. Ex.^{as} pelo amor de Deus, des-

culpem... E' ainda muito creança, este meu filho!...»

Todos, mais ou menos, disseram as delicadezas que o caso pedia, a socegar D. Clemencia.

Depois o tio Victorino, muito sério: «E a final o rapazito deu ou não deu a lição? Passou ou não passou adiante dos outros?»

— «Passar, passou elle» — esclareceu o Nico despeitado. E muito azedo. — «O mestre era marau velho... Desconfiou da marosca e chamou-o outra vez no fim de todos. Ficámos mamados.»

— «Por onde mais uma vez se prova» — sentenciou, alegre, o tio Victorino —

«Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o ceu deseja»

O Nico, um tanto enfiado, mordeu os labios.

— «A gente cá tambem costuma a dizer» — intrometteu o Hippolyto — «*Nunca o invejoso medrou nem quem a par d'elle morou.*»

— «Mettes muito a tempo os teus dictados, rapaz» — elogiou, prazenteiro, o tio Victorino.

O Nico empallideceu mais, de zanga.

A Graça, olhos vendados, já estava prompta a recommençar. Estrepitosas gargalhadas,

porque ella foi, com quanta força tinha, agarrar-se de novo ao braço do tio Victorino, descuidado.

— «Nada, não senhora» — protestou elle a rir — «Eu cá já dei o meu contingente... Siga, siga, sua marotinha... Vá bater a outra porta» — e fugia-lhe com grande gaudío da pequenada, que já em tudo lhe achava graça.

Agora o colhido foi Vicente da Camara.

— «Estou arranjado!» — dizia elle, fingendo-se afflicto. — «Eu que nunca tive o menor geito por historias!... Só se quizerem a da Carochinha... Essa ainda talvez me lembre...»

Choveram protestos.

— «Agora a da Carochinha!»

— «Muito obrigado!»

— «Então! Não querem lá vér!»

— «Ora tambem!»

— «Pois não! Já se vê!»

— «Ora que sempre é!»

— «Essa é que não, papá... Que tal está!»

Era um motim em fórma. Verdadeira algaravia, que fez sorrir um sujeito idoso, de chapéu de palha e fato de cotim, que adiante atravessava a linha ferrea.

A' saudação que elle enviou ao grupo respondeu cordial Vicente da Camara: «Boas

tardes, senhor Melicio . . . Em busca de fresco? »

— « E' verdade . . . E desenferrujar as pernas . . . »

— « A familia bem? »

— « Graças a Deus, tudo rijo. »

— « Quantos netos, já? »

— « Com o que nasceu a semana passada perfiz dezoito. »

— « Boa continha! »

— « Cuidados! »

— « Tambem dão gosto »

— « Lá tenho eu um garoto, filho da minha mais nova, que vae ainda fazer os quatro annos e está um figurão! Aquillo ha-de ser! . . . Adeus, Hippolyto . . . nem te via . . . »

— « Boas tardes, senhor Melicio » — e o Hippolyto punha-se de pé.

— « Como vae a avó? »

— « Aquillo vae na mesma . . . Obrigado, senhor Melicio . . . »

— « Aparece, rapaz . . . Lá em casa têm andado a juntar umas coisitas para a avó. »

— « Muito obrigado, senhor Melicio . . . Logo, ou amanhã chego lá . . . »

— « Muito boas tardes, minhas senhoras. »

— E para Vicente da Camara, apontando o bando dos pequenos. « Todos seus? »

— « Nada. Só aquellas duas e aquelle figu-

rão que ali anda atrás das borboletas. Nunca pôde estar quieto.»

— «E' a idade... Deus lh'os crie para bem.»

— «Obrigado.»

O Melicio cortejou ainda, distribuindo ás creanças um olhar de quem é avô, e affastou-se com o seu passo rheumatico de velho.

— «Com effeito! Dezoito netos!» — commentou em largos mencies de cabeça a D. Victoria Lacerda. — «Crédo! antes o celibato toda a vida!... Mais depressa uma pessoa deixar-se ficar como está!...»

— «Então, papá, e a historia?» — lembrou a Manuela, a cortar divagações philosophicas.

— «A historia?... Pois, já sei... Vou contar-lhes a historia d'este homem...»

— «D'este velhote?» — desdenhou a D. Ismenia, franzindo muito o nariz.

— «D'este velhote... Tem uma historia curiosissima... Até edificante... Contou-m'a o padre Justino ha um bom par de annos... Grande exemplo, este homem!... Exemplo de que nunca se deve desanimar ou fraquejar, por maiores que sejam as contrariedades da vida...»

— «Pois está de vêr» — approvou energico o tio Victorino. — «Quem se appare-

lhar para a vida como quem vae para uma festa, está aviado... As contrariedades e desgostos a todos hão-de chegar.

«Onde pôde acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme e se indigne o ceu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?»

Mas n'uma hora muda o vento... O essencial é não perder a esperança... Amanhã nunca é igual a hoje...

— «Prova-o bem a historia d'este Melicio, que hoje gosa o que pôde chamar-se uma velhice abençoada.» — E Vicente da Camara proseguiu direito na sua narrativa.

— «Em rapaz foi muito pobre. Fez o serviço militar e voltou para S. Martinho porque tinha aqui uma rapariga de quem gostava muito. A credito adquiriu um barco e deu-se á vida aventureira do pescador. Casaram. Um dia de festa saiu um rancho a barra, não para pesca, mas para folgar. Partida alegre de rapazes e raparigas, com acompanhamento de guitarras e cantares folgazãos. Subito, armou-se lá fóra tempestade. Virou-se o barco. As mulheres morreram todas. Dois homens tambem. O Melicio, viuvo, divagou dias inteiros por essas rochas como doido. Queria ao menos que lhe apparecesse

o corpo da mulher. D'ali ficou-lhe uma tristeza soturna. Não falava a ninguém. Um dia viram-no atravessar a povoação de espingarda ao hombro. Ia caçar — explicava aos curiosos que o interpellavam, com razão admirados, porque o Melicio nunca fôra caçador. Ia matar-se — confessou elle mais tarde. Via negro o futuro. Faltava-lhe incentivo para tudo. Perdera todo o seu bem; já não tinha que fazer no mundo.

Ahi não sei onde. topa com uma criança fugindo espavorida. Perseguiu-a um cão de aspecto hediondo, e gente pavida que berava: *E' damnado... E' damnado.* O Melicio fez pontaria e o animal raivoso caíu.

Então uma mulher, allucinada, agarrou-se ao Melicio chorando, beijando-lhe as mãos. E dizia-lhe cousas assim: *Você foi Deus, homem... foi Deus que me salvou o filho.*

Elle caíu em si e desatou a chorar. Isto me contou o padre Justino, a chorar também. D'ahi a uns dias o Melicio partia para o Brasil. Annos depois voltou rico, casou com uma rapariga da terra, de quem teve muitos filhos, hoje todos estabelecidos e casados, e agora vive a sua velhice muito descaçada n'aquelle *chalet* amarello que conhecem á entrada da povoação e que é um dos melhores de S. Martinho... E ahi está a minha historia... »

— « Sim senhor . . . Bella historia ! » —
 festejou, commovido, o tio Victorino — « Se
 isto fosse um concurso e tivessemos um pre-
 mio, era de direito para você, Vicente. E
 cá me está lembrando o meu Camões, que
 para tudo tem boa lição e conselho :

« Depois de procellosa tempestade
 Nocturna prece e sibilante vento,
 Traz a manhã serena claridade,
 Esperança de porto e salvamento. »

E ainda mais.

« Que assim vae alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
 Quem viu sempre um estado deleitoso ?
 Ou quem viu em Fortuna haver firmeza ?

— « 'Tá visto. » — Concordou expedito o
 Hippolyto. — « Não ha bem que sempre dure
 nem mal que sempre ature . . . Eu ás vezes
 digo isto á avó . . . »

— « Dizes-lhe isso, rapaz . . . ? » — pergun-
 tou o tio Victorino, fuzilando-lhe no olhar
 uma estranho scintillação.

— « Eu cá digo . . . Em ella se me pondo
 lá com choros . . . »

— « Dizes-lhe isso ? ! . . . Bem hajas tu, ra-
 paz . . . E Deus te ajude ! »

— « Vamos a ver quem vae agora » —

lembrou a Manuela, já prompta a atar novamente o lenço nos olhos da Graça.

— « Agora vamos mas é chegando-nos » — disse D. Clemencia levantando-se — « O jantar já chama por nós. » — E explicava que as Lacerdas queriam voltar cedo para as Caldas porque promettia aquella ser noite de grande animação no club, com uma *troupe* de guitarristas expressamente vinda de Lisboa, e sortes de prestidigitação feitas por um qualquer maravilhoso ambulante com nome arrevesado que custava a reter.

Quando os Camara chegaram a casa, D. Felisberta também tinha a sua historia para contar, historia contemporanea, palpitante, cujos agentes eram de todos conhecidos.

Entre o *Tris*, o gato de Bertha, e o *Malandro*, o cão do patrão Gil, armara-se bulha ferrenha.

O *Tris* estava ainda cabisbaixo, correspondendo mal ás compensadoras festas da dona, muito arrependida de o não ter deixado fechado, como a Manuela previdentemente aconselhara.

Bob, o terra-nova, portara-se á altura da sua reputação de juizo.

VIII

No « Pharol »

Ovaticinio do Hippolyto realisou-se á letra, sómente com vinte e quatro horas de atraso.

O sabbado veiu, desde madrugada, com chuva torrencial que espadanava no caes, variando-o de pó e de gente.

Trovões longinquos denunciavam a intensidade electrica d'aquella borrasca.

Devotamente, a D. Felisberta resava a *Magnifica*, invocando S.^{ta} Barbara e S. Jeronymo.

D. Frederica lamentava a circumstancia de ter o marido impreferivelmente de ir a Lisboa n'aquelle dia.

O tio Victorino, muito bem refestelado na

sua poltrona, regalava-se com as suas pape-ladas e o seu Camões.

Desconsolados, os pequenos estudavam lições, sem a menor esperança de passeio que lhes alegrasse a tarde.

— « O que vale é estar vento » — lembrou a Manuela — « A avó sempre diz que, quando ha vento, passa a chuva mais depressa... Que maçada!... Podia-se tão bem ir hoje ao *Facho!* »

— « Lá vento, está » — confirmou o Fôfo, olhando desconsolado através dos vidros — « Vae tudo pelo ar... Safa!... »

— « Só cá por uma cousa é que eu esti-meí vêr o dia assim » — declarou a Manuela, rindo maliciosa.

— « Estimou!... Estimou! » — estranhou o Fôfo, incredulo.

— « O Nico estava para ir hoje ás Caldas passar o dia com as sr.^{tas} Lacerdas... Não sabe? »

— « É verdade... Bem feito!... » — e o Fôfo batia palmas, n'uma grande expansão de alegria. — « Ora chucha que é canna dôce! A esta hora está elle fumando... »

— « E a D. Clemencia a fazer-lhe muitas festas, para consolar o seu *Iquinho!*... Aquillo ha-de ser bonito! Desesperado por, que não pôde ir ás Caldas... a Caldas, co-

mo se diz cá em S. Martinho» — notou a Manuela que tinha excellente ouvido.

— «Então cá dizem *ir a Caldas?*» — perguntou o Fôfo que não tinha audição para semelhantes minuciosidades.

— «Dizem, sim.»

— «Ora!... Isso é o mesmo.»

— «Não é tal o mesmo.»

— «Os meninos fazem-me o favor de se calar?» — intimou a Bertha, muito agastada

— «A dizerem tolices, nem estudam nem me deixam estudar... Hão-de ficar boas, essas copias!»

— «A minha está quasi prompta» — declarou triumphante a Manuela.

— «O' mana, olhe que eu deitei um borrão» — communicou decidido o Fôfo — Agora veja lá, em quanto é tempo... Não queira depois que eu copie tudo outra vez... Olhe... Veja... Decida lá, ande» — e levantava exageradamente o caderno, a toda a altura dos braços.

— «Se é só isso, pode continuar» — sentenciou a Bertha com ares de austero juiz.

— «Veja lá bem... Em quanto eu tenho só tres linhas é que é dizer...»

— «Sim... anda... podes continuar» — confirmou a Bertha muito enfadada — «O que tu queres é pretexto para falar... Não é outra cousa...»

— « Ainda em cima!... Deixe estar!... Pois agora não torno a dizer nada sem acabar a copia. »

— « Devéras? Ora vejam lá!... Se fores capaz, ganhas um vintem. »

— « Sêrio? » — perguntou excitado o Fôfo. A Berta fez que sim, com a cabeça. « E quem é que me dá o vintem? »

— « Quem?... Dou eu... Ora essa! »

— « A menina!... A menina não tem vintem nenhum? »

— « Não tenho?!... Então!... E os dois mil réis que o papá me deu no dia dos meus annos? »

— « Mesmo a menina vae trocal-os para me dar um vintem! N'essa não caio eu. »

— « Ou peço ao papá. »

— « Então, sim... Elle a si dá-lhe tudo. »

— « O vintem sempre ha de apparecer... Esteja o menino calado e verá no fim da copia... Quero fazer isto bem feito e, com a tagarelice, não me deixam. »

— « Isso que é? » — indagou o Manuela. E desdenhosa pelo valor do trabalho — « Eu faço idéa! »

— « E' uma descripção do *pic-nic* de hontem. »

— « Quem lhe mandou fazer isso? » — perguntou vivamente o Fôfo. »

— « Foi o tio Victorino. »

— «Então o tio agora também é mestre?»

— «Tomara eu!» — declarou com intimativa a Bertha. »

— «Quem me dera!» — obtemperou a Manuela, saltando na cadeira. »

— «Eu cá antes o quero para brincar» — confessou o Fôfo.

— «Elle quando está a ensinar é quasi como quando está a brincar» — disse vivamente a Berta. — «Assim é que eu gosto... Não é nada como a M.^{elle} Delbeuf.»

— «Olha agora a comparação!» — zombou a Manuela. — «Agora comparar o tio com a M.^{elle} Delbeuf!» — e logo n'outro tom, com mais calor — «Olhem lá... Olhem que eu hoje vou pedir á mamã que me deixe ficar ao pé do tio Victorino ao jantar...»

— «Olha lá!» — accudiu, invejoso, o Fôfo — «Pois eu hei de ficar amanhã.»

— «Póde ficar ao almoço...»

— «Sempre a menina é muito esperta!... Não quero, que o almoço é mais pequeno...»

— «Bem, bem... acabem com isso» — «Eu quero escrever.»

— «Agora vou estar calado, calado» — prometeu convicto, o Adolfo.

— «Sempre quero ver isso... Olhe que não ha de abrir a bôca.»

— « Pois sim ... Mas posso espirrar e tossir e assoar-me. »

— « Sim, sim ... De mais a mais o menino hontem constipou-se. »

— « Pois é por isso que eu digo... » — e o Fôfo punha em pratica uma formidavel assoadela preventiva.

— « Bem... Então vá... Todos calados agora... » — e a Bertha mergulhava-se na sua *composição*, que muito desejava fazer a contento do tio Victorino.

O Fôfo agora parecia outro. Seguia ligeiro a copia, sem interrupção. Só de uma vez, enxotando impaciente as moscas teimosas, rompera, n'um forte arremesso:

— « Oh! senhores! ». Mas a Bertha não dera pela transgressão e a Manuela, generosamente, fizera vista grossa. Passou.

De repente, porém, o Fôfo, ouvindo o conhecido pregão *Eh! carapau de corrida*: « Olhe, mana... lá vae carapau... Já comprou para o *Tris?* »

As duas pequenas largaram a rir desapoderadamente.

Grande desgosto para o Fôfo quando percebeu que tinha perdido a aposta.

Aquelle vintem fazia-lhe immensa falta.

Andava a *juntar* para substituir a pá que quebrara na praia dias antes. Mas resolveu logo fazer-se forte; levar o seu mal de cá-

ra alegre. Occorria-lhe que talvez a avó, com o *colla-tudo*, pudesse concertar-lhe a pá velha; talvez.

E deliberou continuar a copia como se nada fosse.

Pelas quatro horas cessou a chuva. Só o vento ficara bramindo raivoso.

O poente, desanuviado, promettia um pôr de sol deslumbrante.

Doidos de alegria, os pequenos obtiveram licença para ir com o tio Victorino até ao *Pharol*.

Providos de galochas e capas de inverno, luctando bravamente contra aquelle vento, seria delicioso — achavam.

Aquelle passeio através de uma verdadeira tempestade sem perigos parecia a todos encantador. Bella occasião iam ter para desopprimidas gargalhadas!

Só a Clarisse preferiu ficar, porque — explicava — o vento desfazia-lhe o penteado e punha-lhe a cara vermelha como a da *miss Spriggings* quando se zangava com a Graça. De mais a mais era a noite em que D. Frederica promettera leval-a ao club. Com o vento e a humidade ficaria com o cabello desfrizado.

E tambem não lhe importava. Já tinha ido tantas vezes ao *Pharol*!

— «E' bem tola!» — concluia mysterio-

samente, ao ouvido do Fôfo, a Manuela, que não tinha paciência para aquelles ares assenhorados, pretenciosos, da Clarisse.—« Deus queira que logo chova agua a potes!... Sempre quero ver como Sua Excellencia se arranja com o penteado! »

Foram por Santo Antonio para voltar por Valle de Guisos.

Abrigados como para viagem á Suissa. Só o tio Victorino regeitara obstinadamente o sobretudo com que a D. Felisberta o viera perseguindo até á porta.

— « Roupá demasiada, mana, para o que serve é só para augmentar a carga e estafar uma pessoa... Nada, nada... Quero-me leve » — e lá foi todo lepido, sem abrigo, a saltar as pôças, contente.

Uma ascensão rapida de poucos minutos levou o rancho á pitoresca capellinha de Santo Antonio, em plena rocha, dominando extensamente o mar largo.

O oceano! Supremo fascinação!

O tio Victorino parou extasiado, de braços abertos. O oceano revoltó, taciturno, magestoso!

— « Ó tio, metta-se para aqui para a capella » — gritavam-lhe lá de dentro os pequenos a quem o grandioso espectáculo da natureza parecia interessar muito menos do

que os episodios jocosos suscitados pela ventania.

— « Tio, olhe que lhe vae pelo ar o chapéu. »

— « Deixem-me, rapazes... Quero vêr isto... Isto é soberbo!... »

— « Mas fica sem chapéu... »

— « A mim que me importa?... Vou para casa descarapuçado... Não seria a primeira vez... Já de uma occasião... » — O actual enlevo dos olhos não lhe deixou fio de idéa para continuar a historia.

Ao fim de tempo o velho annuiu a entrar na capella em cujas paredes, algum dia brancas, a inspiração poetica e prosaica de successivas gerações imprimira a lapis mais ou menos gloriosos vestigios.

— « Isto é um peccado, filhos... Lêr taes banalidades em quanto lá fóra a natureza é aquillo! » — e apontava com enthusiasmo o mar alteroso. — « Vá, rapazes, ao *Pharol*. »

Os tres cederam promptamente á exhortação.

Eis agora todos quatro, cortando para a esquerda, pela estreita vereda, conducente aos rochedos marginaes, a cuja sopé, lá em baixo, as ondas espadanam e rugem furiosas.

Houve um momento de deslumbramento para o tio Victorino — « Ah! diabretes... es-

perem, esperem ahí... Deixem-me vêr isto» — e circumvagando a vista — «Um, dois, tres, quatro e cinco.» — Eram como pequenos lagos que lhe appareciam formados illusoriamente pelo relevo caprichoso das rochas, que, a espaços, interceptam a lisa toalha azul da bahia ou a revolta planícis taciturna do oceano.

— «Não corram assim... Ah! canalha!» — gritava o tio Victorino, a custo fazendo-se ouvir sobre as furiosas rajadas de vento impregnadas dos brados e gargalhadas dos pequenos.

— «Olá... Tomem tento... Não vá algum rolar lá a baixo... O vento puxa rijo e isto aqui é serio.»

— «Deixe estar, tio... Não caímos.»

— «Ora, espera.. Lá muito ao longe... Para o lado do *Facho*... Vocês não vêem?... Parece alguém a acenar...»

A Bertha, muito atrapalhada com a capa que se levantava constantemente, a envolver-lhe a cabeça, cegando-a, declarou que não via nada. «Hi Jesus, credô!» — dizia, dando mil voltas a compor o vestido e a capa e a segurar o chapéu.

— «Vejo eu» — gritou a Manuela — «Vejo muito bem... Sabe quem é? E' o Hippolyto a acenar com o barrete...»

— «Olha que não é, pequena... Vê lá

bem... Estes meus olhos já vão a fazer mau serviço... Ora vê lá...»

— « Ora se é! »

— « E', é » — confirmou o Fôfo que também tinha bom olho.

— « Capaz de se despedaçar por ahí... »

— reflectiu solícito o velho, um pouco em tom de interrogação.

— « Isso sim, tio! » — tranquillizou a Manuela. — « Olha quem!... Elle, quando era pequeno, andava por ahí ás cabras... Sabe de tudo isto tão bem como ellas. »

— « E parece mesmo um cabrito, o diacho do rapaz, parece. »

Com poucos passos mais acharam-se no *Pharol*, na fimbria do rochedo perpendicularmente superior á barra da bahia

Era arrebatador! Um scenario de magia!

A lucta com o vento para segurarem as capas e chapéus continuava divertindo immensamente os dois mais pequenos.

Só a Bertha, commovida, emmudecera apoiando-se, a scismar, contra uma aresta viva do rochedo.

O tio Victorino estava inteiramente absorto. Semelhante espectáculo em S. Martinho era-lhe, além de tudo, surpresa. Bem-dita a hora em que resolvera vir de Coimbra!

D'aqui, a bahia serena, calma como um lago, azul com um ceu portuguez de maio;

subtil no balouçar quasi imperceptível dos barcos, como mãe a embalar, entre carinhos, o filhito meio adormecido já: além, a poucos metros, o oceano revolto, espadanando contra as rochas, alevantando-se em catadupas de espuma alvissima, saccudindo-se esbracejante e como alvoroçado em entusiasticas acclamações ao astro faiscante que descia rapido, dando áquelle quadro o mais fantastico fundo que pudesse conceber a ardente imaginação de um peninsular.

— «Bello, bello, bellissimo!» — gaguejava o tio Victorino, nervoso, excitado.

— «O tio até parece que está o chorar» — notou-lhe a Manuela, admirada.

— «Pois então, pequena! . . . Vêm lagrimas á gente diante de um cousa d'estas! Aqui não entrou mão de homem, não... Isto assim tão grandioso... abala tudo cá dentro.»

— «Ora vivam! Muito boas tardes!» — saudou radioso o Hippolyto, barrete na mão.

— «Põe a carapuça, rapaz» — rabujou o tio Victorino. — «Chegas, a suar como uma panella em cachão, e toca a pôr a cabecinha ao vento!... Cabeça de vento é que tu me tens, anda lá...»

— «A gente está acostumada...» — murmurou entarameladamente o Hippolyto. E encaixou o barrete até ás orelhas, muito envergonhado d'aquelles cuidados que pela

primeira vez tinham por elle. — «Lá porque faz um ventinho...»

— «Um ventinho!... Um vendaval desfeito, pálerma» — e o velho fungava zangado.

— «Ora!» — concluiu o Hippolyto encolhendo os hombros. — «Tambem o vento é que nos põe ahí esse mar lindo como elle agora está... Até cresce vontade a uma pessoa de se atirar a elle... Caramba!» — e os olhos do pequeno brilhavam estranhamente.

— «Tu então gostas muito d'isto?» — perguntou vibrante o tio Victorino.

— «Se eu gosto!... Pudéra!... Quando eu era petiz, logo a avó me trazia para aqui, para as rochas, para vêr o temporal... A avó perdia-se pelo mar... Coitadita! Agora nem já isto vê... Quando ouve o tempo assim, até se põe a chorar, só de se lembrar. Olhe, olhe... esta agora... que linda!... Eia, co' a breca!... D'aqui a pouco parece que chegam cá a riba!»

— «Com effeito! Bella cousa!... Onde mora a tua avó, rapaz?»

— «A avó... onde mora?»

— «Sim, a avó... Tu... onde é que tu moras?»

— «A gente mora ali ao cabo de cima da praça... É um quarto alugado... ao Zé da ti'Anna.»

O tio Victorino mergulhou muito tempo a vista no soberbo golfão que lhe estava frente.

Depois, de repente :

— « Amanhã vou ver a tua avó. »

— « O sr. Victorino vae lá ver a avó? ! »

— « Vou, sim... Porque te espantas? »

— « E' que a gente... Elle, em lh'o eu dizendo... sim ella... até é capaz de se prantear a dançar... »

— « A dançar! »

— « Fica mais contente!... »

— « Bem se importa ella!... A tua avó não me conhece. »

— « Isso lá não tira... Cá eu conto-lhe tudo, á avó... Inda honte á noute ella se fartou de estar a rezar pelo sr. Victorino... »

— « Por mim!... Estás tolo, rapaz... »

— « Então!... Olhe, olhe... Co'os diachos!... Caramba!... Isto é que são ondas... Uma assim é que a gente não apanha ha mais que tempos... »

— « Esplendido!... esplendido!... Quem ha de poder arrancar-se d'aqui!... E o maroto do sol a fugir!... Olha lá, pequeno... Mas então a avó?... Porque é que ella reza por mim, não me dirás? »

O Hippolyto ficou um instante perplexo. Depois, decidido : — « E' que eu digo-lhe as cousas, e ella então... Ella não faz senão

batalhar-me que seja muito amigo do sr. Victorino . . . que não seja ingrato . . . »

— « Ingrato ! »

— « Inda honte m'ò disse mais de quantas vezes . . . »

— « E tu ? . . . fazes-lhe a vontade ? »

— « Eu ? » — e o Hippolyto parava como envergonhado. — « Eu cá . . . Sim, depois da avó . . . é logo o sr. Victorino. »

— « Mas tu só me conheces ha dois dias. »

— « Isso não tira » — e gracejando para dizer o que a sério tinha acanhamento de confessar, ò Hippolyto, batendo no peito : — « Cá o rapaz nunca teve quem o tratasse tão bem . . . — e logo, a disfarçar : « Eia ! c'òs diachos ! . . . Esta foi fina ! E' como as claras batidas que lá se fazem em casa, não é, ò menina Manuela ? »

— « Para comer, gosto mais das outras » — confessou a Manuela a rir.

— « O' tio » — lembrou timidamente Bertha — « olhe que está a escurecer muito e o caminho para baixo não é dos melhores. »

— « Tens razão, minha D. Ajuizada . . . Custa a largar isto, custa . . . mas que remedio ? . . . »

— « Eu vou adiante que conheço melhor o caminho » — offereceu solícito o Hippolyto.

— « Vá ; então, passa lá á frente » — e o

tio Victorino dava-lhe alegremente um carôlo, por certo dôce ao pequeno como um beijo materno, porque logo elle se pôz a andar adiante, sorrindo lá comsigo como creança que sente perto carinhos de mãe.

O caminho foi agora menos ruidoso do que o fôra á ida.

O vento abrandara. Valle de Guisos é escarpado e agreste

Cada um tinha que olhar por onde punha os pés. Poucas palavras se trocaram.

Só o tio Victorino, ao chegar á porta de casa, lembrou ao Hippolyto: «Então, dize á avó que amanhã passo por lá.»

Como uma setta. o Hippolyto partiu ao longo do caes.

Ao mesmo tempo, entrando em casa, a Manuela dizia com auctoridade ao ouvido do Fôfo: «Olhe que eu heje fico ao pé do tio Victorino ao jantar, não se esqueça . . . Já pedi á mamá.»

E elle, todo desempenado: «Pois sim . . . E amanhã hei-de ser eu.»



IX

Ao serão

TODA a tarde a Clarisse tomára o maior cuidado em não chegar á janella para que o vento, pouco attencioso, lhe não desfrisasse o cabello.

Quando os pequenos voltaram com o tio Victorino para jantar, já ella se vestira esmeradamente para a noute. Assim — pensara talvez — mais certo teria que a D. Frederica, a despeito de chuva ou vento, cumprisse a promessa, havia tanto feita, de leval-a uma noute ao club.

Longuissimas lhe tinham parecido as horas d'aquelle dia, na concentrada expectativa do momento em que entraria na sala do

club de S. Martinho, acontecimento que — esperava — marcaria época na sua vida.

D. Frederica sorria, maternal, áquelle entusiasmo que muito bem comprehendia.

O que ella estranhava era que *as suas* não tivessem as mesmas tendencias.

A Bertha, sobretudo! Fossem lá falar-lhe em ir ao club! capaz de chorar, até.

Durante o jantar, o tio Victorino deu largas á sua admiração pelo quadro patenteado no passeio d'aquella tarde.

— «Cousa mais bella!... Quando mais não fosse, valia-me a pena ter cá vindo só para este gosto...»

— «Só para isso!... Muito amavel, sim senhor, tio!» — notou, um pouco acre, D. Frederica.

— «Eu disse *quando mais não fosse*, menina... Não me inverta o sentido do discurso como se faz na politica... Então!... Verdade, verdade... dou por muito bem empregada esta viajata... Tenho por cá encontrado muita cousa boa... muita cousa agradável...»

— «Ora!... muita!... — duvidou D. Frederica.

— «Muita, sim... Muita.»

— «Por exemplo, tio.»

— «Por exemplo?... Esse mocinho... esse Hippolyto... Uma joia de creança.»

— « O Hippolyto?!... Coitadito!... Não parece mau pequeno, não. »

— « Ha ali panno para muita obra, lhe digo eu... Aquelle podia ir longe, olá! »

— « O tio tambem!... vae logo ás ultimas... »

— « As cousas quando se mettem pelos olhos!... »

— « O tio sabe lá! »

— « Sim... » — interveiu muito ponderada D. Felisberta... — « Nem sempre é bom levarmo-nos das primeiras impressões... O mano, nos seus enthusiasmos... permitta que lhe diga... é muitas vezes exagerado... »

— « A verdade nunca uma pessoa deve ter duvida em dizel-a... Fique sabendo, mana, que a unica

« ... victoria verdadeira

E' saber ter justiça nua e inteira. »

— « Sim, sim... Mas o mano todo se leva das primeiras impressões... Isso é bom para a gente môça... Cá nós, os velhos, devemos de ser mais prudentes... »

— « E n'este mundo o que mais se vê » — apoiou D. Frederica — « *é por fóra cordas de viola por dentro pão bolorento.* »

— « Menina, todos nós temos o nosso bocado de bolôr, deixe lá... E, cá para mim,

sempre me quiz parecer que esse bolôr vae ainda mais aos grandes que aos pequenos da terra... Perfeições, ninguem as encontra no mundo... A verdadeira virtude e sabedoria dos velhos é a tolerancia... Ainda é o melhor a que podemos mirar com o progresso da idade.

«D'est' arte se esclarece o entendimento
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento
O baixo trato humano embaraçado.»

E' cá o meu systema. E' d'elle que tenho tirado bom humor e paciencia para esta laideira por onde desço.

— «Não ha responder-lhe. O mano tem bom troco para tudo.»

— «Não sou eu... E' elle... E' o grande Camões» — e o tio Victorino, contente, anediava a calva. Depois, em tom mais vivo: «O rapazito vale... vale muito... olá!»

— «Perdem-se muito, em certa idade, os que pareciam melhores» — ponderou com frieza D. Frederica.

— «Falta de protecção e conselho, quantas vezes!» — reflectiu sisudo o tio Victorino — «Criam-se tantos ao Deus dará!»

— «Este, por exêmplo.» — obtemperou, sem sombra de carinho, D. Frederica — «Este rapaz... o que o espera no futuro?»

— « Isso lá, sobrinha . . . quem sabe? O futuro pertence a Deus. »

— « O' sr.^a D. Frederica » — lembrou Clarisse, mal contendo já a impaciencia — « A que horas se costuma entrar para o club. »

— « Muito tarde, minha filha . . . E' pessimo costume que têm . . . Antes das nove não está lá ninguem . . . E' verdade, e o tio? não nos acompanha? »

— « Eu?! Por quem é, menina! . . . Victorino Amandio da Costa Sequeira n'um club! . . . Isso bradava aos ceus! »

— « Pois olhe, não se passa lá nada mal . . . Ha sempre excellente musica . . . »

— « Não duvido . . . mas . . . E o luar? . . . e a brisa maritima a entrar-nos pelos pulmões cá fóra? . . . Pelo amor de Deus, sobrinha! Não lhe digo mais nada. »

— « E tu, Bertha? . . . Dou-te licença, se quizeres acompanhar a tua amiga. »

— « Eu, mamã! . . . Se a mamã não se importasse » — e a Bertha atalhava-se timida.

— « Dou apenas licença . . . Faze como gostares . . . »

— « Então . . . antes quero ficar . . . O tio fica, não fica? »

— « Sim, minha flôr . . . »

— « Ora! então divirto-me muito mais em casa. »

— « Ora aqui está uma fineza para deixar um homem todo rendido » — e o tio Victorino, que se levantara a passear o café, beijava com estrondo as duas faces coradas da Bertha.

— « Parece incrível, Bertha! — estranhou a Clarisse.

— « Eu cá dou razão á mana » — intrometteu-se muito decidida a Manuela — « Não tem comparação nenhuma... Em casa o tio inventa brincadeiras e conta cousas... E no club?... que graça tem aquillo?... Uma maçada! Crédo! »

— « O tio dá confiança demais a estes pequenos » — reflectiu muito grave D. Frederica. — « Elles então abusam... Olhe, se o maçarem muito, feche-se no seu quarto. »

— « Qual maçar! Fazem-me novo, a mim tambem... Se a noute vier boa, sentamos lá fóra a fazer companhia á lua que bem o merece... Se chover, passamos o serão juntos, em casa... Estão pelo ajuste?... »

— « Sim, sim, » — approvaram os dois mais moços. A Bertha meneava a cabeça sorrindo com agradecimento.

O ceu limpava todo.

Transparente, o luar pousava sobre a bahia, poetizando o desgracioso alinhamento das casas no caes.

Pouco depois das oito horas, D. Frederica

partira para o club, não podendo já soffrer a impaciencia da Clarisse que ao sair, radiante, dizia ainda: «Parece incrível Bertha!»

— «Abre o chapeu de chuva por causa dos frisados» — gritara-lhe, travêssa, a Manuela, quando ella já ia longe

O tio Victorino sentara-se em extatica admiração n'um dos bancos fóra da porta.

Não tardou que se lhe acercassem os pequenos.

D. Felisberta, a conselho do rheumatismo, fazia parte do grupo, dentro de casa, apoiada ao peitoril da janella.

— «Crédo!» — exclamou ella, sorvendo regaladamente uma forte pitada — «Nunca largam o tio!... Tambem é de mais!.. Não sei o que o mano tem consigo que tanto enfeitça esses pequenos! São maçadores!»

— «Deixe-os lá, mana... Nunca me enfadam creanças bem educadas... Duas vezes somos meninos... Eu já estou n'isso.»

— «O tio que invente uma cousa para nos divertir» — pediu a Manuela bocejando.

— «Invente! Essa não é má!... Não é mais senão inventar!.. Invente vocemecê.»

— «Sim, sim, tiosinho.» — supplicou o Adolfo em tom melifluo.

— «Se o tio quizer, logo inventa qualquer cousa» — affirmou a Bertha, com muita

convicção. E, auctoritaria, para os pequenos: « Callem-se ... Deixem-no pensar. »

— « Pois está dito ... Inventam-se uma coisa » — e o tio Victorino, já electrizado, como se tambem elle fosse criança: « Vae cada um de vocemecês dizer-me o que acha que seja o peor acto que pôde praticar-se ... a cousa mais mal feita que pôde haver ... No fim, dou premio á resposta que valer mais ... »

— « Pois sim ... Vá lá ... »

— « Sim, sim ... Eu gosto d'isso ... »

— « E' muito engraçado ... Vamos lá ... »

— « Pensem ... e levante o braço o que estiver apto a responder: »

Occorreu uma interrupção.

A *miss* Spriggings voltando de um longo passeio com *water-proof* e galochas, pedia que lhe tomassem, por um pouco, conta na Graça enquanto ella chegava a ter um *chat* com a *miss* Squeers, mestra em casa das sr.^{as} Maldonados. E lá foi calcurriando, feliz por se libertar uns minutos do diabrete que lhe atormentava os dias.

— « Então Graça, quantas maldades fizeste já hoje? » — indagou, no seu tom bondoso, D. Felisberta.

A pequena reflectiu um momento, muito sisuda. Depois, com sinceridade: « Hoje ainda não fiz senão duas. »

— « Viva, viva!... Então o que foram essas duas? vamos lá a saber. »

— « Dei uma bofetada no Nico e escondi os olhos da *miss* Spriggings, que teve de jantar sem saber o que estava a comer... E eu a regalar-me e a rir-me cá por dentro! »

Todo o auditorio riu *para fóra* sem poder conter-se.

— « Na verdade, muito mal feito! » — censurou, já muito seria, D. Felisberta. — « Dar uma bofetada no mano! Feia acção! »

— « E elle tambem para que escondeu a colleira do *Barbichas*? Era bem feito que elle o arranhasse todo!... E depois para que atirou com a minha boneca ao chão? »

— « Lá estava a mamã para o castigar... »

— « A mamã! ella nunca bate no Nico! »

— « Pode dar-lhe uma reprehensão... »

— « E elle importa-se bem!... faz a sua para diante... »

— « E que te fez a pobre da *miss* Spriggings, ó Graça? » — quiz, maliciosa, saber a Manuela.

— « O que me fez? Deu-me uma pagina do *spelling-lesson*... e, como eu não a sabia, disse que eu não havia de comer sobremesa... Se eu pudesse, havia mas era de lhe deitar uma mosca no arroz-dôce d'ella. Sem olhos ella não a via e zás... ia tudo para

baixo » — e a Graça fazia comicamente menção de engolir.

— « Para que é que a minha filha ha de ser assim másinha? » — perguntou D. Felisberta a corrigir a gargalhada com que os netos acolheram a confissão da Graça.

— « Quem ganhou foi o Nico que papou o meu quinhão. »

— « Elle a final não foi ás Caldas? » — indagou a Manuela.

— « Pois, não... Até me regalei. »

— « Ora espera... Quem é que alem está? » — dizia entretanto o tio Victorino, afirmando-se para o lado do caes. — « Chega-te, rapaz. Não pagas nada... »

— « Boas noites » — saúdou o Hippolyto, aproximando-se, barrete na mão.

— « Está-se aqui n'uma brincadeira » — explicou-lhe benevolmente o tio Victorino

— « Podes tambem dar a tua sentença... »

Trata-se aqui de saber qual é o peor acto que um homem pode praticar... a cousa

mais indigna que um homem póde fazer... »

Ha premio para quem responder melhor... »

E' um concurso... uma especie de desafio. »

— « Então o que é o premio? » — quiz logo saber a Graça.

— « Isso é que ainda se não sabe » — in-

formou sorrindo o tio Victorino — « Quem tiver que dizer levanta o braço. »

— «O tio tambem ha-de entrar» — alvitrou a Bertha.

— «Nada, nada... Eu cá sou o juiz e o dador do premio... Tenho que ficar de fóra.»

— «Mas a avó ha de entrar» — pediu a Manuela.

— «Pois está visto... Todos menos eu»
— «E o tio Victorino passava em revista o grupo.

A Manuela ergueu o braço:

— «Bravo, bravo!» — applaudiu o tio Victorino que apreciava muito os conceitos repentistas — «Vamos lá a saber o que me diz a nossa doutora.»

— «A cousa mais mal feita é mentir» — declarou a pequena com desembaraço.

— «Pois, sim senhor... Gosto da escolha» — approvou, satisfeito, o juiz. — «Tem vossa mercê razão. O mentiroso é um ente abjecto... A mentira macula o character e a reputação... Grandes males se têm originado da mentira!»

— «Quantos e quantos!» — encareceu D. Felisberta, erguendo muito os sobrolhos.

A Bertha, timidamente, levantara o braço:

— «Bem, diga lá» — animou o tio Victorino, todo sorrisos.

— «Falar demais é muito mau» — disse

ella a medo — «A's vezes por uma palavra...» — e atalhava-se acanhada.

— «Diz muito bem... diz muito bem» — acclamou, contente, o tio Victorino — «Nem outra cousa era de esperar da minha D. Ajuizada... Muito tem sempre que emendar na vida todo aquelle

«...a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia.»

— «A gente cá diz assim» — lembrou logo o Hippolyto — «*Mais vale calar que mal falar...* E é bem certo... E inda se diz de outro modo. *O calado é o melhor.*»

— «E' o caso, rapaz» — conveiu energico o tio Victorino — «Depois de as palavras partirem pela boca fóra, é que já não ha quem lhes tenha mão... Dão depressa volta ao mundo.»

— «Isso é que ellas dão... A avó não se farta de me recommendar — «Com o *não sei* acaba tudo, rapaz.»

— «E diz bem tua avó, pequeno .. Olha lá, tu deste-lhe o meu recado?»

— «'tá visto que já dei... E quer vocecê saber? logo se prantou a chorar...»

— «Coitada! ... Bem, agora quem é que dá a lei?»

— «Eu cá já levantei o braço duas vezes»

—acudiu a Graça muito formalisada — «Ninguém fez caso!»

— «Anda lá, minha pátétinha... Estava-se tratando de outra cousa» — e o tio Victorino fazia-lhe uma caricia que logo teve o condão de abrandar a intratável férasinha.

— «Cá estou todo ouvidos... Vamos lá...»

— «A cousa mais mal feita é levantar a mão» — disse a Graça muito espivitada.

— «Dizes bem, menina, dizes bem» — approvou intencionalmente D. Felisberta.

— «Esta é como frei Thomaz» — commentou de lado a Manuela.

Nova interrupção com a chegada do Nico.

— «Temos o caldo entornado» — murmurou entre dentes o tio Victorino.

— «Oh! Tu por aqui!» — estranhou a Bertha, curiosa — «Cuidei que estavas no club...»

— «Tenho lá estado até agora... Que estopada!»

— «Então não está lá muita gente?»

— «Não está ninguém.»

— «Cantaram?»

— «Se eu lhe digo que não está lá ninguém!... Está a velhada... Os outros foram todos para Santo Antonio vêr a lua.»

— «Então lá está aborrecido?»

— «Delicioso!... Umas velhotas, como estatuas, sentadas á roda da sala... Tres ou

quatro raparigas que dançam umas com as outras, e disse...»

— «E a Clarisse?»

— «A Clarisse lá está... De vez em quando boceja e olha para a porta, onde estão empilhados garôtos, a espreitar... Linda cousa!»

— «Devias tu dançar com a Clarisse» — observou a Manuela, maliciosa.

— «Eu! Vade retro!... De mais a mais com o fedôr de petroleo que lá está hoje na sala... Passei as palhetas» — e o Nico espreguiçava-se malcreadamente.

— «A mamã já lhe tem dito muita vez que isso não se faz diante de gente» — lembrou, toda arrebitada, a Graça.

— «Pena não ter aqui cinco réis!» — tornou-lhe o irmão, muito enfasiado. — «Olhe a menina que, se se faz fina, eu chego-lhe... Metta-se comigo e verá.»

— «Sim?» — desdenhou a Graça, fazendo uma horrenda careta — «Pois venha para cá...»

— «Pschiu! sua tagarella» — commandou zangado o tio Victorino — «Escute... Deixe ouvir isto, que é tão lindo, tão portu-guez!»

Era um bando de rapazes que passava ao longo do caes, tocando plangentemente á viola o fado do Hylario.

Estudantes, vindos talvez das Caldas em serenata.

Aquella toada melancholica e dôce augmentava estranhamente o encanto da noute formosissima.

Affectados pela mesma suggestão, todos guardavam silencio. Só a Bertha murmurou baixinho: « Que pena não cantarem! »

Mas logo o tio Victorino fez severamente: « Pschiu! »

Uma voz vibrante de sentimento, de mocidade, de esperanças, adejava já poeticamente ao longo da bahia:

« Eu nunca, de pequenino
Tive receio ao papão;
A mãe, através do p'rito,
Levava-me pela mão.

Rapazola já crescido,
Em toda a tristeza vã,
Sempre a velarem por mim,
Os olhos meigos da irmã.

Homem feito, eu nunca ás penas
Da vida me entreguei;
Que todo o mal eu esquecia
Co'a mulher que tanto amei.

Ninguém diga, por pedante,
Que bem á vida não quer;
A vida é um paraíso
Obra-prima da mulher. »

Não se distinguiam já as palavras; mas a toada percebia-se ainda ao longe, doce, sentimental, dolente.

— «Bella idade!» — murmurou concentrado o tio Victorino. E, em tom de funda melancholia: «Fizeram-me saudade... A modo que fiquei a sentir-me invejoso!»

— «Eu é que digo outra vez... eu outra vez» — reclamou a Graça, agitando no ar os dois braços.

— «Outra vez! Vocemecê já falou.»

— «Sim, sim... Outra vez» — supplicou ella.

Foi concedido o favor.

— «A cousa mais feia que ha» — começou logo a Graça em impetuosa torrente — «é ser guloso, é comer de mais, é dar beliscões, é ser medroso, é atirar com as bonecas ao chão...»

— «Tá, tá, tá...» — interveiu o tio Victorino — «Alto lá!... Isso é quantidade de mais... Ora metta lá a viola no sacco que já disse da sua justiça.»

A Graça, apesar de ser o caso com o tio Victorino, ficou um tanto trombuda.

— «A ingratidão e desobediencia para os paes» — começou com calor a D. Felisberta — «é, quanto a mim, do peor que se pôde

praticar... Quantas desgraças d'ahi podem resultar!»

— «Infundas!» — obtemperou o tio Victorino. — «Quasi sempre são castigados os maus filhos.»

— «Elle até ha um dictado para dizer isso» — lembrou o Hippolyto.

— «Ha, ha» — concordou o tio Victorino a chamar a si a memoria — «Ora espera... Como é elle?»

— «É assim» — acudiu prompto o Hippolyto — «*Filho és e pae serás; assim como fores assim acharás.*»

— «Isso mesmo... E cá o meu poeta tambem discretêa sobre o caso, quando fala de Affonso Henriques:

« Porém vencido de ira o entendimento
A mãe em ferros asperos atava.
Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos paes se deve!»

— «Como o mano tem *Os Lusíadas* na cabeça!» — considerou pausadamente D. Felisberta.

— «Pois se aquillo entra para a cabeça sem a gente dar por isso!... sem a gente ser havido nem achado!»

Voltava a *miss Spriggings* a buscar a Graça.

Não encontrara a *miss* Squeers porque estava no club — cuidava.

A pequena declarou logo peremptoriamente que não arredava pé d'ali sem estar concluido o jogo.

A *miss* Spriggings lembrou timidamente que M.^{me} Peres poderia não gostar.

A Graça refutou com arrogancia o argumento, não restando á ingleza melhor cousa a fazer do que acceitar a cadeira que D. Felisberta amavelmente lhe offerecia.

Esclarecida ácerca da marcha do jogo a *miss* Spriggings declarou sem rodeios: — «E-u cunsidero mandriice peor acta pode-se preticá-ar. Industria livra gente de todas vicios.»

— «Muito bem... Muitissimo bem» — elogiou com calor o tio Victorino. — «Nada como pômos em nosso sentido que tudo poderemos conseguir pelo trabalho, pelo esforço... Bem se farta de o aconselhar o meu poeta:

«Impossibilidades não faças;
Que quem quiz sempre pôde; e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos.»

— «Já se deixa vêr» — concordou com vigor o Hippolyto. — «Querer é poder.»

— «É o caso, rapaz...

«O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possível tem por grande».

Ha difficuldades? ha obstaculos a vencer?
Embora! Semprê assim foi e será na miseravel vida humana...

«Porém não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito»

— «Pois 'tá claro» — appoiou com deliberação o Hippolyto. — «Nunca se pescaram trutas a bragas enxutas.»

— «Justo... justo... Isso mesmo. O esforço pôde muito. O essencial é não se deitar a gente a dormir.

«... ó vós que, as famas estimaes
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertaes já do somno do ocio ignaro.»

— «Mas, todo!... O mano tem o *Camões* todo na cabeça.»

— «Oxalá! Mas não tenho, não tenho... Só dos *Lusiadas* disse um grande espirito que o poema tinha um enorme senão -- não ser ou tão grande que nunca se acabasse de

ler, ou tão pequeno que se pudesse reter de cór.»

O Fôfo tinha erguidos no ar os dois braços, e ao mesmo tempo batia com os pés para chamar a atenção.

— «Que impaciencias essas!» — notou, rindo, o tio Victorino. — «Vá lá, vá lá... Diga o que tem que dizer...»

— «A cousa mais mal feita é roubar...» — declarou sem hesitação o Fôfo. — «Um ladrão é um homem muito mau.»

O tio Victorino meneou duvidosamente a cabeça.

— «Ha ahí suas cousas a observar; amigo» — disse, com um veu de melancholia no rosto. — «Roubar é, sim, um acto condemnavel... Isso não tem duvida... Mas pôde o ladrão não ser um muito mau homem... Ha circumstancias terriveis!

*«... o grande aperto em gente inda que honrosa,
A's vezes leis magnanimas quebranta.»*

Roubar é acto de fraqueza, mas pôde não ser acto de perversidade... Rouba-se ás vezes, em lucta com a consciencia, para matar a fome a filhos pequenos... Tristezas maximas da vida!»

— «Coitadinhos!» — murmurou timida-

mente Bertha com os olhos a luzirem de commoção.

— «A occasião faz o ladrão — lá isso é bem certo!» — commentou muito serio o Hippolyto.

— «Já cá tardava o Zé dos Anexins» — chasqueou o Nico — «Para cada caso sua sentença... Forte segarrega!»

— «O peor ladrão não é de certo o de pé descalço» — continuou o tio Victorino absorto — «Esse, muitas vezes, não passa de um desgraçado... Peior mil vezes é o *ladrão de gravata lavada*... o que gosa largamente da consideração social, e d'ella usa e abusa para encher sem pejo as algibeiras... Homem honrado, character honesto, só é o que ama o trabalho, comprehendendo-lhe a nobreza independente, e se contenta de tirar d'elle uma mediania adequada.

D'est'arte o peito um calo honroso cria
Desprezador das honras e dinheiro;
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, é não virtude justa e dura.»

— «Decididamente, o mano tem *Os Lusíadas* de cór... Uma memoria assim!» — e a D. Felisberta olhava maravilhada o irmão.

— «Pois para o caso ainda cá tenho mais, mana Felisberta, ainda não acabei» — e o velho anediava a calva, muito contente, continuando em tom solemne:

«Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-as sem as ter
Que possuil-as sem as merecer.»

— «Decididamente... o mano é *Os Lusíadas* em carne e osso.

— «Principalmente em osso, mana» — retrucou galhofeiro o velho. E, arregaçando as mangas a descobrir os pulsos descarnados — «Faça-se justiça ao meu esqueleto!»

O Nico tinha já o seu braço no ar, arreganhando um risinho mau.

— «Sim senhor, diga lá» — convidou desconfiado o tio Victorino. E pensava talvez consigo — *O que sairá d'ali?*

— «A peor cousa» — disse, nervoso, o Nico, olhando em cheio para o Hippolyto — «a peor praga que ha é uma pessoa não conhecer o seu logar... a sua posição... Cada um na sua classe... gente do povo com gente do povo...» — e fazia petulantemente menção de cofiar o bigode ainda não nascido.

O tio Victorino fizera-se vermelho como lagosta.

— «Diz bem, menino, diz bem» — conveiu elle, agitado — «Olhe que é mesmo assim... Os que o acaso da fortuna collocou um pouco acima, quasi sempre desconhecem a sua missão de benevolencia, de delicadeza, de bondade para os *inferiores*, tanta vez mais dignos do que elles em nobreza de coração... Sempre assim foi!... Já o era no tempo em que o grande Camões escrevia:

«... aquelles que devem á pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam sómente mandos e riqueza
Simulando justiça e integridade.»

Por isso elle tambem clamava:

«... dae na paz as leis iguaes, constantes
Que aos grandes não dem o dos pequenos.»

— «Tinha razão, carradas de razão o Camões» — approvou D. Felisberta, sorvendo deleitosamente a sua pitada de meio grosso.

— «Dizia muito bem.»

— «Sempre o rico e poderoso tendeu a vexar o pequeno e humilde» — reforçou o velho, todo electrizado com o apoio da irmã

— «Por isso o meu poeta protestava n'um desabafo :

«Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto e grave veiu,
 Por contentar o rei no officio novo
 A despir e roubar o pobre povo.»

Aquillo era alma para todas as delicadezas do sentir».

O Nico sentia-se chato.

Fôra buscar lá e saíra tosquiado.

O Hippolyto, rosto voltado para a bahia, contemplava extatico às scintillações da agua levemente balouçada.

— «Os do povo tambem são ingratos e traidores» — intrometteu ainda o Nico, um tanto a medo. — «A gente vae a tratá-los com amizade e logo reviram o dente.»

— «E' que *os laes do povo*» — acudiu muito irritado o tio Victorino — «não são afinal tão tolos como muita gente cuida... Já perceberam que são tanto mais enganados e avexados quanto mais simples e confiantes se mostram... Os que alardêam de amigos do povo é que muita vez se revelam traidores...»

«Que inimiga não ha mais dura e fera
 Como a virtude falsa da sincera.»

e, voltando-se já mais calmo, para o lado do Hippolyto: «E lá tu, ó rapaz... que dizes tu?»

— «Eu?... Eu cá não digo nada... Pois que hei de eu dizer?» — e o Hippolyto encolhia os hombros com indifferença.

— «Então não sabes dizer qual é o acto que mais envergonha um homem?!»

— «Isso sei, sim senhor... Cuidei que era outra coisa...»

— «Então se sabes... se tinhas que dizer... porque não levantaste já o teu braço?... Essa é galante!»

— «Eu... É porque...» — e o Hippolyto atalhou-se embaraçado — «Os meninos ainda não tinham dito todos...»

— «Tá, tá, tá... Fóra com a tolice!... No jogo não ha essas cõrtezas, fica lá sabendo... Quem tem trunfo puxa da carta e arrecada a vasa... Vá, diga lá, seu... mestre de ceremonias.»

O Hippolyto perfilou-se, em attitude que tinha seu quê de marcial. E, com um gesto airoso, galhardo, do braço direito: «A peor acção para um homem é maltratar uma mulher.»

Houve um silencio.

O tio Victorino fixara no pequeno um surprehendido olhar embebido em funda ternura.

O suave perfil do Hippolyto debuxando-se gentil na atmosphera limpida, docemente impregnada de luar, estaria talvez n'aquelle momento symbolisando aos seus olhos o antigo cavalheirismo portuguez dos tempos garbosos de Magriço.

— «Bravo, meu rapaz, bravo!» — applaudiu o velho muito commovido. — «Isso que disseste é bello e é, além do mais, portuguez de lei . . . Ardia o meu poeta n'esse fogo, quando, revoltado:

«Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?»

O Hippolyto meneou muito a cabeça, como quem comprehendia e approvava. E logo singelamente: «A avó lá sempre me disse: *não batas na mulher nem com uma flôr.*»

— «Bonito preceito esse, rapaz! . . . Parece caído da bocca de Jesus» — e o tio Victorino, agitando-se nervoso:—«Olha que a tua avó, vou vê-la amanhã. . . Não te esqueças. . . Has de cá vir para me ensinar a casa.»

— «A que horas, sr. Victorino?» — indagou vivamente o Hippolyto.

— «Melhor cedo, por causa do calor... Ah! por volta das sete... E, olha lá, rapaz... ganhaste o premio, tu.»

— «Eu!... ganhei!... Por tão pouca coisa?!...»

— «Não tanto como te parece, homem de Deus» — e o tio Victorino fungava de um modo que era só d'elle, em certas disposições de humor.

— «E então o que é o premio, tio?» — perguntaram a um tempo a Manuela e o Fôfo.»

— «O premio?... O premio... talvez seja um passeio» — e o tio Victorino ria com gosto da surpresa pintada no rosto dos pequenos.

Um passeio ao Hippolyto! — não entendiam.

— «Um passeio... Pois então!» — e o tio Victorino ria sempre — «Tu entendes, pequeno?»

O Hippolyto abriu muito os seus grandes olhos claros e fieis. E um pouco envergonhado: «Eu não, sr. Victorino».

— «Homem... por exemplo, um passeio a Coimbra... á minha casa... Que achas?»

— e o velho espreitava contente o effeito da revelação.

Um relampago de alegria passara na physionomia intelligente do Hippolyto. Depois abatido, com a voz sumida: «E a avó?»

Fez-se um silencio.

O tio Victorino ia falar quando se approximaram D. Frederica e Clarisse. Esta, de muito mau humor, não deu palavra.

A Manuela, — sempre havia de fazer das suas! — declamou logo em tom malicioso este conceito popular :

— «*Para onde vaes, Maria?* — *P'rá romaria, p'rá romaria*» — aqui dava á voz e á expressão da physionomia o tom da mais viva alegria.

— «*D'onde vens, Maria!*» — *Da romaria, da romaria*» — Aqui o tom era plangente, abatido, choroso.

— «Ora! sempre gostei de vêr como era.» — declarou frenetica a Clarisse, com um longo bocejo — «Assim já faço idéa.»

O tio Victorino estava de pé. E, com a mão no ar, solemnemente :

«Já n'isto punha a noute o usado atalho
A's humanas canceiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados.»

Desfez-se immediatamente o grupo, accetando todos de bom grado a próvida receita.

Em casa da avó

O Hippolyto madrugou. Pelas seis horas já elle estava, como cão fiel, estirado em frente á janella do tio Victorino. Teria sequer dormido a noute? Tambem, ás seis e meia estava corrida a vidraça.

— «Ora viva quem foi pontual!» — saúdou, ainda a esfregar os olhos, o tio Victorino — «Bons dias, rapaz.»

— «Muito bons dias» — correspondeu o Hippolyto, perfilando-se e sacando do barrete — «Antes eu esperasse qu'ó senhor Victorino.»

— «Então a avó?»

— «A avó? . . . a avó está lá.»

— «Bem... bem... Então vamos a isso... Ora espera... para não estar a fazer bulha...» — e o velho passava, ligeiro, a perna pelo peitoril da janella.

— «E' mais lesto que quantos rapazes!...» — observou, sinceramente elogioso, o Hippolyto.

— «Isso foi, pequeno... Agora já não presto para nada... D'aqui a pouco preciso é de quem me ampare... E' quando os filhos fazem falta... na velhice... Ora, vamos lá.»

Puzeram-se os dois a caminhar em silencio.

Depois o Hippolyto, chicoteando a estrada com a varinha que levava na mão: — «O sr. Victorino nunca teve... O sr. Victorino nunca foi casado?»

— «Nunca, rapaz.»

Alguns passos ávante em silencio. Chegavam á *loja nova*.

— «Agora é por aqui arriba» — ensinou o Hippolyto, cortando á esquerda, calçada acima.

— «De vagar, de vagar» — recommendou o tio Victorino, moderando o passo. — «Isto é ir para o céu... Deitam-se os bofes pela bocca fóra...»

A meio da ladeira o Hippolyto de repente:

— «Então o sr. Victorino lá na sua casa está sósinho? . . . não tem lá ninguém?»

— «Tenho uma creada . . . a minha Monica . . . Uma creada, rapaz, como não ha segunda . . . Excellente cozinheira! . . . Boa comida, sem estes apimentados, sem estas molhângas indigestas que por aqui usam . . . Até já trago o estomago nem sei bem como . . . Sempre é creada que já tem de casa . . . ora espera, meu Victorino . . . tem de casa . . . ha de andar por seus vinte e sete annos . . .»

— «Caramba!» — encareceu o Hippolyto.
— «Isso é que é! . . . Vinte e sete annos! A bem dizer a vida de uma pessoa . . . Estas familias que por aqui vêm é que todos os annos trazem criadagem nova . . . Porque será, ó sr. Victorino?»

— «Queixas de um e outro lado, rapaz . . . mas estou que a maior culpa ainda é dos amos . . . Os servos não são cousas; são gente . . . E' simples de entender mas nem todos o entendem . . . Mas isto então ainda é lá muito longe, rapaz?»

— «Não senhor, sr. Victorino . . . E' já ali, ao cabo de cima do mercado . . . logo para diante da igreja.»

De repente o Hippolyto parou. E muito emphatico:

— «Ella, a tal Monica sempre lhe ha de

querer muito ao sr. Victorino... Ha já tanto anno!»

O tio Victorino inconscientemente tambem parára.

— «Lá querer-me, quer ella... Aquillo cuidadosa até ali!... Nada me ha de faltar... nada.»

— «E' quasi familia...»

— «Seu bocado differente, pequeno... Para dar uma palavra não serve... Pobre da Monica! Estupida, estupida... estupida como uma porta...»

— «Estupida! Isso é o diacho!»

— «E bem diacho, rapaz!... E' como estar a gente só... Para companhia, pequeno, quer-se caco, comprehensão... é preciso alma... N'este sentido, ainda melhor companhia me faz o meu *Fau*» — e, enternecendo o olhar, o velho murmurou para o lado — «Tenho saudades d'elle!»

— «Quem é?» — indagou, curioso, o Hippolyto.

— «E' um de quatro patas... Um cão de S. Bernardo... um amigo, emfim...»

O Hippolyto tinha o olhar muito acceso, mostrando entender.

De repente, estendendo o braço todo:

— «Olhe, não vê o sr. Victorino onde está aquelle gato á porta?... com as orelhas cortadas?... Fizeram-lhe aquella quando eu era

petiz; senão, mais devagar. Pois é ali mesmo... Aquella portita escura... Um gato preto...»

— «Não sei... não vejo... Ah! sim... agora... E' teu o gato?»

— «E' o *Pintasilgo*... Era da mãe... Agora acompanha a avó... Inda é o que vale... A's duas por tres, salta-lhe para o collo... Eu pouco lá estou... E no inverno dá calor á avó... cuida que não?»

Chegavam.

— «O' avó... avó...» — berrou o Hippolyto — «Cá está aquelle senhor.» — e corria para dentro do casebre, escuro, sem janella, mal recebendo o ar pela meia porta aberta.

O tio Victorino penetrou confrangido n'aquelle tugurio, alimentado pelo debil braço do Hippolyto.

Entrando em casa, o pequeno arremessara para o lado o barrete.

O tio Victorino seguiu-o, tirando tambem o chapéu, e dizendo prazenteiro, a encobrir a triste commoção que o dominava: «Ora viva... viva! lá a senhora... Como se chama vocemecê?» — e batia amigavelmente no hombro da velhinha que se erguera a saudal-o.

— «Leonarda da Purificação, uma creada de *voscellencia*» — informou, procurando res-

peitosamente a correcção das syllabas a tremula creatura.

— «Sente-se, sr.^a Leonarda . . . deixe-se estar . . . Já sei que não vê quasi nada . . .»

— «Lá para grandes apuros, isso não, não vejo, meu senhor . . . Agora p'r'ó perto, graças a Deus . . . A *voscellencia* inda eu o vejo muito bem . . . Com sua licença . . .» — e a velhinha retomava logar no seu banco mal seguro

O Hippolyto, sorrindo, fazia com o dedo um energico signal negativo.

Aquillo não era assim. A avó é que tinha lá aquella mania, coitada! Por cousa nenhuma d'esta vida queria confessar a cegueira.

O tio Victorino quedou-se um momento a observar a lugubre quadra. Difficil fixar no espirito as minucias d'aquelle mobiliario.

Uma unica enxerga, mal envolta n'uma manta esburacada e escura; duas cadeiras trôpegas, apoiadas á parede para lograrem equilibrio; um pote; uma bilha sem gargalo; meia duzia de cacos dispersos, absolutamente desharmonicos entre si; pendentos da parede, um espelhito rachado, um ramo de louro, um molho de orégos, e uma concha de marisco vermelho — o chamado *burro*; junto do fogareiro mal seguro um prato com espinhas, decerto propriedade do *Pintasilgo*; sobre um papel de jornal umas lascas de ba-

calhau crú, duas batatas descascadas, já enegrecidas, e meio pão; para outro lado, no chão, uma candeia de vidros quebrados e sujos; na hobreira da porta uma minúscula gaiola com um grillo negro e feio, entretido a roer, muito guloso, uma viçosa folha de alface; junto da velha Leonarda o cesto da meia, contendo, além do trabalho feito pelo tacto, um frangalho vermelho a servir de lenço, e um chumbosinho de rapé, a maior vangloria do neto laborioso. O todo impregnado de um forte cheiro de alfazema queimada.

— «Pois o rheumatico é o que m'a mim rala mais, meu rico senhor» — e a fingir um alcance de vista de que não gosava — «*Voscellencia* está em pé? . . .»

— «Cá me sento» — e o tio Victorino, cautelosamente, tomou uma das cadeiras enfermas — «Pois, sr.^a Leonarda, antes de me ir embora, quiz vir vel-a . . . quiz conhecel-a.»

— «Já voscellencia fala em se ir?» — e toda a velhota era um alvoroço — «Inda a bem dizermos que chegou . . . Ora seja pelo amor de Deus!»

— «Já cá estou ha cinco dias . . . E não me dou bem muito tempo fóra da minha casa» . . .

— «Mas que grande pena, meu rico senhor! . . . Logo uma assim!»

— «Não me dou . . . Não me dou com os

comeres... ando mal de estomago... Hoje lagosta, amanhã pimentos... Não me entendendo com isto... A gente velha, em se tirando dos seus habitos, está perdida.»

— «Mas Voscellencia ir-se já! Nem sei o que m'isto parece» — e a Leonarda meneiava a cabeça inconsolavel — «Olha o meu chopito as maguas que vae ter!»

— «N'outras condições talvez ainda me demorasse» — justificou o tio Victorino como para si — «mas não me sinto bem... não estou bem... Muita bulha!... impossivel ler socegado um bocado!... Vida só de mandriíce por tres dias lá vae, mas depois...»

— «O meu *Himpolyto*, só as maguas que elle vae ter!... Se elle inté parecia obra de feitiço... um amor como elle logo creou a Voscellencia!»

O tio Victorino olhou na direcção da porta para onde se desviara o Hippolyto.

De cara para fóra, o pequeno parecia todo attento á labutação do *Pintasilgo* que do outro lado da rua, fazia esmeradamente as suas abloções, ao sol.

— «E olhe Voscellencia que este meu rapaz sempre, de pequenino, foi muito exquisito... Não gosta, a dizermos muito, de ninguem... parece que nem engraça com as pessoas. E' uma coisa por demais... Inté já para ahí pegaram a chamar-lhe *O Bicho*...»

Elle para d'onde se miscou?... O' rapaz, não é certo que elles te chamavam para ahi *O Bicho?*»

O Hippolyto voltou-se com arrego. Apesar da pouca luz, parecia ao tio Victorino que elle tinha os olhos vermelhos.

— «Desde que d'uma occasião esmurracei as ventas a dois» — disse o Hippolyto com a voz alterada, de muito mau humor — «logo se acabou co'a gracinha do *Bicho*... Voltem para cá com o *Bicho* que eu os ensinarêi.»

— «Vê Voscellencia da sorte que elle é?» — exclamou lamurienta a Leonarda — «E' isto... Mais ruim!»

— «Uma pessoa tem o seu nome» — sustentou desempenado o Hippolyto — «não é p'ra lhe andarem com alcunhas... Eu cá puzeram-me Hippolyto... Quem o não quizer saber por bem, aprende á força.»

— «Tem este ruim costume, de andar sempre a disputar... ao bofetão...» — lamentou, em voz de carpideira, a velha.

— «Deixe lá, senhora!» — appoiou, de bom humor, o tio Victorino, que estivera muito attento a estudar a physionomia de Hippolyto — «Deixe lá, que um bom sopapo não deixa ás vezes de vir a pêlo.»

— «Mas o meu medo, meu rico senhor, é que d'alguma vez lhe vão ao pello a elle tambem... E' atrevido que é uma coisa...

Que lá com sua licença, cagarola, também o eu não quero... Mas o mofino atira-se que é uma cousa... Bota-se á frente dos mais taludados... D'aonde eu cá estou sempre entre a cruz e a caldeirinha em cuidar que elle me chega a casa com a cabeça partida... Eu, assim com pouca vista dos olhos, e sem ter quem m'o ganhe!... Sem este cachopito o que haverá de ser de mim?... Credo! Até peço a Nossa Senhora que me leve mas é para si... Eu para que é que sirvo?... Sem este diabo d'esta velha inté o rapaz me ia por esse mundo tratar da vida... que isto cá n'esta terra é tudo miseria... Anda-me por 'hi... nem sei como... á conta de Deus... Um qualquer *home* deve de ter modo de vida... Mas a gente os dois... o que havemos de fazer?» — e a Leonarda puxava do trapo vermelho, a limpar ao mesmo tempo os olhos e o nariz.

O Hippolyto voltara para a porta, dando costas á scena, algo dramatica, passada dentro dos seus humildes penates.

Levava agora repetidamente aos olhos a manga da camisa n'um movimento muito lento, interpretado pelo tio Victorino, enternecido quasi até as lagrimas.

A avó não o podia ver. Mas adivinhavalle talvez aquella afflicção, porque accrescentou, com a voz intercortada: «Elle lá

não quer ouvir isto... mas melhor para elle isso era... Eu, com'assim, já vivi a minha conta... Só cá estou para pensão e trabalhos...»

O Hippolyto saiu á rua. Foi pôr-se ao pé do *Pintasilgo*, de costas para a casa. Não intentou por certo afagar o animal porque, quando elle, confiante, se atirou a espreguiçar-se-lhe ás pernas, foi repellido com um arremesso que parecia desaffectedo, embora talvez só fosse revoltada amargura.

— «Elle p'ra d'onde é que foi?» — indagou, em voz sumida, a velha, a piscar muito os olhos na direcção da porta.

— «Foi ahi para fóra.» — informou com a voz pouco clara o tio Victorino. Depois, erguendo-se abruptamente, e, acercando-se da Leonarda, disse-lhe, nervoso, em segredo, umas cousas que pareceram fazer-lhe a ella effeito de repetidos choques electricos.

Afinal, toda a tremer, beijando sofregamente a mão do tio Victorino que a não recolheu a tempo: «Oh! meu senhor... meu rico senhor!... o que me diz Voscellencia?... Que eu inté nem sei se ouvi bem...»

— «Ouviu, ouviu» — confirmou logo o tio Victorino furtando a mão — «Agora o que se quer é silencio, percebe?... Não quero que diga nada ao pequeno por em quanto; entendeu?... Hei de por cá voltar sem

elle... para conversarmos... talvez amanhã...»

— «Oh! meu rico senhor... Eu cá nem sei o que hei de dizer... Se inté me parece isto a modo um sonho!...»

— «Pois faça de conta que foi sonho e nem palavra ao rapaz... Ando cá n'uns estudos...»

— «Voscellencia é que manda.»

— «Veja lá!»

— «Ora essa, meu, rico senhor... Não ha-de ter razão...» — e com imponente solemnidade — «Inté lhe faço o juramento pela alminha da minha Jerólina... da mãe d'elle... que, se Voscellencia a conhecesse... nanja por ser filha... mas aquillo era mesmo... Que tambem cá o meu Himpolyto, de condição não é ruim... Eu adiante d'elle é que me ponho a dizer... Elle inda anda lá por longe... não esteja elle para ahí a ouvir-me?»

— Nada, está fóra, de volta com o gato.»

— «Pois aquelle bocado de gente é o que m'a mim tem valido n'este mundo... De dentro é bom, mesmo bom... Tem lá mesmo aquella propensão de puxar p'ra familia» — e a Leonarda largara a chorar sem saber porquê.»

— «Adeus, sr.^a Leonarda... Até mais ver...»

— «Meu rico senhor... Quem póde é que lhe ha de dar o pago...»

— «Bem, bem... Olhe que o rapaz diz que vocemecê lhe está sempre a recommendar que *o calado é o melhor.*»

— «Bem entendo, meu senhor, bem no entendo... Fique Voscellencia descançado.»

— «Adeus» — E, saindo a porta o tio Victorino — «Adeus, rapaz... Até logo.»

O Hippolyto voltou-se. Tinha os olhos inchados, sanguineos.

— «O sr. Victorino não quer hoje ir de bote?» — perguntou elle a disfarce.

— «Nada... Acho que vamos hoje ás Caldas... á fabrica...»

— «A' fabrica do Bordallo?»

— «Sim... á do Bordallo... Tu já lá foste?»

— «Eu?! E o bago?... Eu cá nunca vi nada... Ando com os olhos tapados...»

— «Pois gostava de lá te levar...»

— «A mim, sr. Victorino?!»

— «A ti, sim» — e o tio Victorino media rigorosamente o pequeno, dos pés á cabeça

— «Olha lá, tu não tens outro fato?»

— «Tenho só outras calças... Mas, essas... inda são peiores que estas...»

— «Aqui em S. Martinho ha-de haver um alfaiate» — disse, secco, o tio Victorino.»

— «Ha o Moreira.» — Traduzia-se na res-

posta um vivo alvoroço. — «E' verdade, e tambem ha logo ali o *Carócha* . . .»

— «Qual é o melhor?»

— «O melhor! . . . Isso agora é que eu não sei.»

— «Bem . . . Vem d'ahi . . . Vamos lá ao tal *Carócha*.»

— «E' já ali.»

— «Então, anda . . . Mexe-te . . . Estás á modo apalermado, rapaz!»

E lá foram os dois sem mais palavra.

O Hippolyto trocava as pernas; parecia aturdido. Até, quando chegou á porta do *Carócha*, enfiou avidamente pela escada, esquecendo de todo a recommendação da avó, zelosa em repetir-lhe sempre que deixasse passar adiante as pessoas de respeito.

A' saida da casa do *Carócha* foram direitos ao sapateiro que, por fortuna, tinha umas botas de vitella justamente á medida do freguez.

Em tudo isto o Hippolyto ia como somnambulo, sem sequer encontrar uma palavra de vulgar agradecimento que dissesse ao tio Victorino.

XI

Excursão ao Facho

VICENTE da Camara voltára de Lisboa no comboio da meia noite.

Ao almoço toda a familia, reunida, discutia a projectada ida ás Caldas.

A tomar em conta a expansiva animação dos pequenos, quem cuidaria estar presente aquelle mesmo tio Victorino de que, poucos dias antes, tanto se temiam todos?

Na discussão, o tio Victorino estava agora em grande minoria.

Quasi todos opinavam por que se aproveitasse o dia sombrio na ida ás Caldas. Tinham tempo de ir á missa em S. Martinho, e partir em seguida.

O tio Victorino preferia que se fosse ao

Facho. Ficasse a excursão ás Caldas para o dia seguinte. Razões, não as adduzia. Mas o desejo d'elle evidentemente era esse.

Decidiu o prelio D. Felisberta que se desprazia de vêr contrariar o irmão. O rheumatismo estava-a impecendo muito n'aquella manhã — confessou. Talvez que ao outro dia estivesse mais apta para acompanhar airoosamente o rancho, visto não quererem prescindir da sua companhia.

— «Mas a mamã, tambem, não tem quasi nada que andar» — ponderou ainda Vicente da Camara — «Na estação das Caldas tomamos carruagens e não as tornamos a largar.»

— «Pois sim, menino... E andar por lá?... na fabrica e na matta?... Isso não é nada?»

— «Está decidido» — accudiu um pouco secco, o tio Victorino — «Fica para amanhã... ou depois... Hoje vamos ao *Facho*.

Ninguem mais ousou oppor-se. E o velho, talvez para de todo cortar a discussão, saiu ao caes, dizendo que ia estender as pernas.

As senhoras foram vestir-se para a missa.

Pelo tio Victorino passou o Hippolyto, servindo de *cicerone* a uma familia que demandava casa.

O pequeno deteve-se um momento, em quanto o rancho entrava no predio do patrão Roque.

— «O sr. Victorino não quer que lhe leve nada á estação, logo?» — perguntou elle triste.

— «A' estação! Para quê?»

— «Então não diz que ia ás Caldas?»

— «Ah! não... A's Caldas não vamos hoje... Esta tarde vamos ao *Facho*... Olha lá... has-de ir vêr se o homem... o tal Carócho, ou Carócha, ou o que é... te dá o fato prompto amanhã.»

— «O meu fato?»

— «Sim, o teu fato... Se o tiveres prompto, levo-te ás Caldas...»

— «A mim!» — Era tamanho o espanto que o tio Victorino não pôde deixar de sorrir.

— «A ti, sim... E' o premio que ganhas-te... Não te prometti um passeio?»

O pequeno estava estarrecido de goso. Não tinha uma palavra para dizer.

A familia banhista saía da casa do patrão Roque com a physionomia desdenhosa de quem promette consideravel abatimento na renda.

— «Olha lá, pequeno» — gritou o chefe da familia, um gordalhudo muito cheio de gestos e de suor — «vamos para ahi a ver outra... Esta... não convem.»

Partindo, o Hippolyto saiu da momentanea nudez, para gritar ao tio Victorino: «O peor é se o Carócha nan no dá!»

Livre dos forasteiros, o Hippolyto dirigiu-se correndo a casa do Carócha.

Era domingo: quem sabia até se estariam a trabalhar!

O Hippolyto nunca tinha mandado fazer fato. Ignorava completamente os hábitos do Carócha.

Encontrou mestre e officiaes diligentemente á costura. Humilde, encostado ao humbral, torcendo o barrete nas mãos, o Hippolyto não atinava com o principio do eloquente discurso que desejava fazer ao Carócha.

— «Que queres tu, rapaz?» — perguntou-lhe de fera catadura o alfaiate.

— «Eu» — gaguejou o pequeno muito tímido — «vinha cá por via de saber... sim... lá da parte do sr. Victorino...»

— «Qual sr. Victorino?»

— «Aquelle que esteve cá inda agora.»

— «Mas então o que é que quer esse sr. Victorino?»

— «Quer que o meu fato esteja prompto amanhã.»

— «Olha a pressa do rapaz! Não querem lá vêr o melro!»

Gargalhada geral dos officiaes. O mestre fazia côro e sobresaía aos demais na galhofa.

O Hippolyto abandonou a attitude humilde. Perfilou-se

— «Está prompto, se puder estar» — declarou, emfim, o Carócha muito mal assombrado. — «Ha cá muita obra de mais pôlpa... Ninguem vae perder a noite por causa do teu fato... Olha o fidalguinho!...»

O Hippolyto estremeceu, empallidecendo. Depois com desembaraço: «Olhe, eu cá d'isso não quero saber... Entendam-se com o sr. Victorino que foi quem me cá mandou... Elle é que não é para graças» — e virou costas, mettendo escada abaixo a assobiar o fado.

Chegado á rua, as lagrimas saltaram-lhe.

Não ir ás Caldas por causa do Carócha! Oh! como elle detestava o Carócha!

Deu-lhe lá dentro uma furia. Deitou a correr e só parou á janella do tio Victorino. Voltava a cara pelo caminho para que o não visse chorando a gente que saía da missa.

A janella estava entreaberta. Dentro, o tio Victorino, com a cabeça apoiada ás mãos, estava todo mergulhado na leitura de um grosso volume.

O Hippolyto quedou-se um instante indeciso.

Após, tomando coragem: «Pschiu! pschiu!»

O tio Victorino levantou a cabeça sobresaltado:

«Ah! és tu? Não esperava... O que é?»

— «Olhe que eu não vou tal ás Caldas.»

Na voz do Hippolyto havia o tom dolorido, melindroso, da criança mimenta que faz queixa.

— «Não vaes! Ora essa!»

— «Não... Elles lá não me querem dar o fato... Fazem troça de mim» — e o Hippolyto deitava a correr, envergonhado das lagrimas que agora lhe vinham grossas e repetidas.

— «Olha, olha lá» — gritou o tio Victorino correndo á janella. — «O' rapaz, ouve... espera... O demonico do pequeno!... leva azas... O fedelho é os meus peccados!» — E o velho, depois de fechar cuidadosamente o livro, punha o chapéu, dirigindo-se ligeirô á povoação.

Pelas tres horas e meia o rancho partia todo para o *Facho* á excepção de D. Felisberta a quem o rheumatismo vedava caminhadas de semelhante calibre.

Aos Camaras tinham-se aggregado a D. Clemencia Peres, o Nico e a Graça.

A' *miss* Spriggings obtivera sueto para um passeio em bote com a *miss* Squeers e as sr.^{as} Maldonadas.

Ao fim de breve e alegre ascensão estava o nosso grupo na pittoresca capellinha de Santo Antonio.

O mar, taciturno, rugia lá em baixo, espadanando nas rochas.

— «Isto é sempre bellissimo!» — exclamou de braços abertos, o tio Victorino. — «Grandioso!... Imponente!... Ora espera...» — e punha as duas mãos em pala sobre os olhos. — «Vejam onde o mofarrico do rapaz se me foi pôr!... Se d'ali dava um tombo...» — e acenava com o lenço ao Hippolyto que, lá de muito longe, n'um pico aguçado da rocha, agitava os dois braços, saudando.

— «Que é?» — indagou, de testa accentuadamente franzida, D. Frederica.

— «E' o rapazito... o Hippolyto» — explicou com um sorriso paternal o tio Victorino. — «Já elle lá vem a correr para cá...»

— «Crédo!» — commentou, agastada, D. Frederica. — «Tambem é demais!... O rapaz agora parece a nossa sombra!... Não era assim d'antes... Não se mettia tanto... mas agora... deu n'isto... Para onde quer que vamos é sabido que o sr. Hippolyto lá está...»

— «E onde vem a estar o mal d'isso?» — perguntou, carrancudo, o tio Victorino.

— «O mal?... Sempre é um rapaz ordinario, um rapaz da rua... em contacto constante com os meus filhos... Não é das cousas mais agradaveis...»

No tom de voz de D. Frederica havia uma vivacidade desusada.

— «Pois, sobrinho... não é d'aquelle contacto que lhes ha de vir nenhum mal aos seus filhos... Por essa, fico eu...»

— «Com que certeza o tio affirma isso!... O que nós sabemos é que elle é um rapaz da rua... sem educação...»

— «A natureza, menina, suppre muitas vezes bem a educação... Corações ha que nascem finos... A perola é tão fina na sua concha primitiva!... Outros... vêm a este mundo, em berço de ouro lavrado, irremediavelmente grosseiros... Ha de tudo isso...»

Todos os companheiros que se tinham adiantado pelo caminho do *Facho*, esperavam agora os dois retardatarios.

Vicente da Camara, voltando uns passos, fazia notar ao tio como se distinguiam nitidas as Berlengas.

Com aquelle derivativo da paisagem se encerrara a discussão de tio e sobrinha. Mas o velho conservou na physionomia uma expressão de magua, claramente manifesta a D. Frederica, já, por multiplas razões, pesada de o ter contrariado.

O Hippolyto viera saltando pelas rochas até reunir-se ao grupo, que saudara todo festeiro.

— «Vem connosco, rapaz... Vamos até ao *Facho*.»

Este expediente do tio escandalisou muito D. Frederica.

Um tal convite, depois da conversa precedente, tinha visos de provocação.

Ralentando o passo, ficou um-pouco atrás. E, logo que a D. Clemencia veio juntar-se-lhe, desabafou.

Não podia com aquelles excessos a que a extrema bondade levava sempre o tio. Ella tambem se interessava pela gente do povo, mas de outro modo. Gostava de ordem; de conservar cada um no seu logar.

E contava, muito abespinhada, e com algum augmento, a materia do dialogo pouco antes havida com o tio.

Era completo no assumpto o accordo das duas amigas.

A D. Clemencia até já recommendara severamente ao Nico que se não chegasse muito para o Hippolyto. Lembravam-lhe piolhos. E tinha a estes insectos uma repugnancia de agoniar-se toda, só com o pensamento.

Mas, a este respeito, a D. Frederica tranquilisou. Aquella familia da Leonarda fôra sempre muito limpa. O rapaz, então, não se passava dia que não tomasse um prolongado banho na bahia.

— «Por esse caminho fóra é que anda o *Californio*» — disse a rir o Hippolyto, apontando para uma vereda á direita. — «Eu cá ... Bem me capacito eu! ...»

— Mas, a final, que asneira é essa de *Californio*, ou lá como vocês lhe chamam — quiz saber, muito interessado, o tio Victorino.

Vicente da Camara explicou. — «E' a alma de um proprietario da terra, dono ahi de umas fazendas. O povo crê que elle sae ao caminho, perseguindo os passeantes. Diz-se que grita e suspira quando o chamam.

— «O' Nico» — acudiu a Manuela — «tu és capaz de ir sósinho por esse caminho fóra e sair-nos lá adiante do lado do casal?»

— «Para quê? Para cançar as pernas?» — soltou-lhe elle de muito mau humor. — «Maçadas estão *prohibidas*.»

— «Aliás, *prohibidas*» — emendou o tio Victorino ao ouvido da Manuela que lhe ia pendurada no braço.

— «Elle tem é medo» — interpretou sem contemplações a Graça. — «Para cá vens tu de carrinho.»

— «Deveras?» — perguntou-lhe o irmão fulo. — «E a menina ia?... Vá lá experimente...»

— «Eu cá sou pequena.»

— «Ah! é pequena!... Só não é pequena

para metter o bedelho onde não é chamada.»

— «Sim? Então chame lá o Californio, se é capaz... Isso não cança as pernas... Vá... ande.»

— «Olhe, sabe que mais? Vá pentear macacos.»

— «Vá você.»

— «Meninos, então!» — accudiu muito afflicta D. Clemencia. — «Não me parecem senão garotos da rua... Onde elles aprendem estas maneiras!»

— «E' a tal cousa!» — murmurou entre dentes D. Frederica, cautelosa porque o tio estava perto.

Ouviria elle? Talvez, porque um sorriso ironico lhe passava nos labios quando, virando-se para o Hippolyto, disse:

— «Tu então, rapaz, não tens medo ao Californio?»

— «Eu! Medo! Cá o rapaz não tem d'isso... Quer o senhor Victorino vê?... Eu até chamo por elle... O' Californio! O' patife de Californio!» — e o Hippolyto deitou a correr pela tortuosa viella.

O Nico, ouvindo chamar o Californio, enfiara olhando em roda, inquieto. Depois, adoutorado: «O rapaz é asno! Dar uma volta escusada por mau caminho... E' tal e qual como as cabras...»

— «Safa!» — desabafou com a Manuela, sua braceira, o tio Victorino. — «O tal menino, a dar ponta-pés na grammatica, põe uma pessoa em suores!»

Foi-se levando o caminho em gargalhadas, o Fôfo e a Graça sempre em apostas de qual correria mais.

A breve trecho o Hippolyto saía-lhes ao encontro.

— «Então, rapaz, viste o defunto?» — indagou risonho o tio Victorino.

— «Não tive alma de lhe pôr a vista, ao excommungado... Forte sina a minha! Por mais que grite por elle!» — e o Hippolyto enxugava o suor abundante produzido na carreira.

— «Olhem que isto é bello... bello a valer!» — extasiava-se o tio Victorino, parando pela centesima vez, e circumvagando a vista com deleite: «Que enorme extensão de littoral portuguez se avista d'aqui!»

Em poucos minutos tinham chegado ao *Facho*, pequeno e tosco marco granitico, encimando um agudo rochedo de difficil accesso.

— «Não estar aqui vento é maravilha!» — notou Vicente da Camara. — «O tio acertou... Sempre aqui tenho estado com uma ventania de levar couro e cabello... Nunca se póde parar aqui.»

— «Pois hoje para-se muito bem» — e, confirmando o dito, o tio Victorino sentava-se desenfasiadamente na rocha, costas apoiadas ao marco. — «Ah!»

As senhoras, fatigadas da ascensão um tanto penosa, imitaram-no logo.

Os pequenos foram intimados a fazer o mesmo, não succedesse que algum n'um movimento arrebatado, fosse rolar lá a baixo.

— «Se os senhores quizessem vêr, eu descia pelas rochas até á praia» — offereceu o Hippolyto, já com o pé no ar. — «Não custa nada.»

— «Pois já se vê que não ... Olha a grande cousa!» — approvou o Nico.

— Pois, sim senhores» — accudiu, muito vivo, o tio Victorino. — «E' a cousa mais facil que ha, mas ... mas nós é que dispensamos o espectáculo» — e, directamente ao Hippolyto: «Vocemecê deixe-se estar ali socegado, que não veiu cá para quebrar a cabeça ...

— «Não quebrava grande cousa» — chasqueou o Nico.

— «Isso é que nós ainda não sabemos bem, menino» — corrigiu de sobr'olho carregado, o tio Victorino. E logo, mudando para tom prazenteiro: — «Pois senhores, nunca cuidei que S. Martinho offerecesse um panorama d'estes! Bella cousa!»

— «A praia de S. Martinho, tio» — disse, emphatico, Vicente da Camara — «é o ideal das praias... Ha muito que o digo... Não fosse isto portuguez e veriamos como teria pulado...»

— «Lá vem você com a mania da estrangeirice!... Pulado! Ora que diabo de cabriolas queria você fazer dar a isto, ó Vicente, não me dirá?» — e o tio Victorino soprava, mal humorado.

— «Ora essa! Queria *chalets*, bonitas casas, divertimentos...»

— «Ora, adeus! Logo estragavam o cunho á natureza com aformoseamentos duvidosos... Mania da terra! Lá quem diga peor de si mesmo do que a gente portugueza, isso é que não ha... E arenga-se todos os dias de patriotismo!»

— «A avó tambem sempre diz isso» — lembrou timidamente a Bertha.

— «E diz muito bem tua avó, menina... Verdadeiro patriotismo é hoje raro em portuguezes... D'ahi a maior decadencia da nação.. Bastava nós virmos de quem vimos para termos a peito zelar o nosso nome» — e, voltando-se com intimativa para o bando dos pequenos, o tio Victorino: — «Vocês rapazes, que ainda estão no principio da vida, façam por se educar na velha escola do brio portuguez. Este povo nunca teve inveja a nenhum.

«quem ha que por fama não conhece,
as obras portuguezas singulares?»

essas grandiosas obras de que o poeta escreveu:

«... de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha-de ficar inda por dizer!»

Pode alguém esquecer que foram nossos avós esses que

«... em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.»

Nossos avós de quem, com razão, pôde dizer-se:

«Vós, portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesaes.»

— «Pois sim, tio; tudo isso é verdade» — interveiu Vicente da Camara muito estimulado — «mas o tio ha de reconhecer comigo que a actual geração de portuguezes não é uma geração de fortes...»

— «Não é?» — voltou com calor o velho. Isso é que eu não sei... Sim... isso é que nós não sabemos... Considere, Vicente, que, n'outros tempos, tambem, mais de uma vez

... esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.»

Note que aqui, quando eu digo *rei*, quero dizer toda a caterva de governantes de ha annos a esta parte... Boa direcção... boa direcção é o que tem quasi sempre faltado ao nosso povo.»

— «Mas os inglezes sempre valem mais, lá isso!» — aventurou com desplante o Nico — «Eu cá por mim antes queria ser inglez.»

— «Inglez!» — e o tio Victorino tornou-se côr de lagosta — «Ora menino!... Não diga sandices.»

— «O pequeno tem cousas!» — commentou, sorrindo benevola, a D. Clemencia — «O' filhinho, mas para que querias tu ser inglez, não me dirás?»

— «Ora! A Inglaterra sempre é o paiz das libras... Hão de chegar para todos» — replicou o Nico muito antipathico.

— «Pois justamente n'esse ponto está o menino enganado» — contradictou, muito secco, o tio Victorino — «Ha lá ainda maior miseria do que cá.»

— «Eu cá o que quero ser é portuguez» declarou convictamente o Fôfo.

— «Porquê?» — perguntou-lhe o pae, sorrindo.

— «Ora! Porque sim.»

— «Isso não é razão.»

O Fôfo corou.

— «Então! não sei dizer porquê... Mas quero ser portuguez.»

— «E tu?» — interrogou vivamente o tio Victorino, dirigindo-se ao Hippolyto.

— «Eu cá gosto de ser o que sou» — declarou firme e prompto o Hippolyto, como quem dizia uma cousa que era assim e não podia ser de outro modo.

— «E tambem não sabes dizer o porquê?» — indagou, meneando muito a cabeça, o velho.

— «Porquê?... Então! sempre a gente se ha de entender melhor co'os da sua terra... O pae já de cá era... a avó tambem... E, depois, uma pessoa é a modo como os gattos... cria amor aos sitios...»

— «Assim é, rapaz... Explicas bem a cousa... Isso que tu sentes é o que se chama *patriotismo, amor da patria*... E' o mais nobre e mais natural sentimento dos homens... Este grande homem... este Cãmões de quem me has ter ouvido falar, não foi assim tão grande senão por ter sido o maior patriota de todos os tempos... O sofrimento nunca diminuiu n'elle o amor á pa-

tria, e d'esse sentimento é que lhe saiu ser o maior poeta do mundo.»

O tio Victorino, entusiasmado, falava talvez mais para os grandes que para os pequenos, ou, melhor ainda, falava para si proprio; mas o Hippolyto tinha os seus grandes olhos fitos n'elle, como hypnotizado.

O tio Victorino proseguiu:

«Esta é a ditosa patria minha amada;
A' qual se o ceu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acahe-se esta luz ali comigo.»

E mais.

«Mas se a Fortuna tanto me sublima
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então vercis o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.»

Sempre o amor da patria a accender-lhe a inspiração. Grande alma! Peregrino sentir! E não é lá dizer que tivesse o espirito repleto de illusões a respeito das cousas e dos homens... Ao contrario, ao contrario:

«O favor com que mais se accende o engenho
Não n'ó dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.»

Nunca mirou a galardão e recompensa... Alteava-se-lhe o sentir muito acima d'essas algêmas.»

— «O' tio, o Camões era militar, não era?» — perguntou o Fôfo, muito energico.

— Pois então! N'aquelle tempo todos eram militares... Era a epocha da conquista pelas armas.»

— «Tambem eu hei de ser militar» — protestou o Fôfo, todo electrizado.»

— «Militar! Para quê?» — quiz logo saber o tio Victorino.

— «Ora! Para ir para a guerra e ganhar muitas batalhas...»

— «Tá, tá, tá!... Isso já lá vae, senhor Pimpão... O tempo das guerras já passou...»

— «Já passou!» — repetiu o Nico incredulo.

— «Já, sim senhor... Das guerras gloriosas, já passou... Agora, caminha-se para a paz... para uma epocha em que todos os povos se hão de considerar irmãos...»

— «Ainda tem que dar» — reflectiu, descrente, Vicente da Camara.

— «Não tanto como lhe parece...» — sustentou energico o tio Victorino. — «A guerra é resto de selvageria que tende a desaparecer.»

— «Mas que ainda ha de por muito tem-

po campear no mundo» — porfiou, convencido, Vicente da Camara.

— «Pois, meu amigo, acredite que rotina e ambição, tudo isso ha de ser emfim vencido pelo direito e pela justiça... Guerra entre duas nações civilisadas, conscientes, é a maior das infamias... Consente-se que dois homens se esfaqueiem quando estão em desaccordo? Não. Com maior razão se deve prohibir a guerra, negando-lhe o direito... Felizmente, para lá vamos... Já não é tão pouco o que têm conseguido, em todo o mundo, os *amigos da paz*, homens e mulheres, com as suas bemditas associações em favor do desarmamento e da arbitragem...»

— «O' tio, o que quer dizer *arbitragem*?» — perguntou, muito interessada, a Bertha.

— «*Arbitragem* é o systema mediante o qual, sempre que se levante uma questão entre dois povos, em lugar de elles se irem destruir na guerra, como barbaros, essa questão se resolve serenamente, por meio de um tribunal que delibera de accordo com a justiça e sem derrame de sangue. Tal qual se faz na contestação entre individuos.»

— «Que bom que era, tio!» — exclamou entusiasmada a Bertha — «Não haver guerras! que bom!»

— «E' esse o ideal, minha flôr» — disse o tio Victorino, sorrindo amavelmente á pe-

quena — «Metta-se vocemecê n'isso que emprega bem o seu tempo... Olhe, nos paizes mais avançados, as senhoras estão todas á frente d'esse grandioso movimento pacifico... E bem o devem estar! Para ellas sempre a guerra foi o maior flagello... Pintou-o com mão de mestre a baroneza de Suttner, no seu bellissimo livro *Abaixo as armas!*... E tambem assim o entendia o nosso Camões... Vejam lá isto:

«Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.»

— «Admiravel!» — commentou, entre elogiosa e sarcastica, D. Frederica — «Lá como o tio, não creio que ninguem mais saiba *Os Lusíadas!*... Talvez não haja outro portuguez no caso.»

— «Lá por essa, modestia á parte, tambem eu estou» — obtemperou galhofeiro o velho — «Mas olhe, menina, que a culpa não é nem minha nem de Camões.»

— «Mas, ó tio» — tornou timidamente Bertha, a quem o assumpto estava interes-

sando muitissimo — «Sendo prohibido fazer guerra, então já não eram precisos os militares; pois não?»

— «Ora ahi está o que se chama entender bem uma questão!» — appreciou, muito satisfeito, o tio Victorino. — «Está claro que não. Olha a duvida!... Os exercitos, tão dispendiosos, não eram precisos para nada... E logo muitos milhões ficavam livres para a agricultura, para as industrias, para escolas, para todas as cousas que constituem a verdadeira civilisação... a verdadeira força das nações...»

— «Mas então o tio» — atalhou, com calor, Vicente da Camara — «é por exemplo, indifferente ás nossas modernas glorias em Africa? aos brilhantes feitos com que os nossos soldados convenceram a pretalhada africana de que não eramos *gallinhas*, como por lá nos chamavam?»

— «Isso é caso áparte... Com selvagens nem sempre se pode tratar como com civilisados, infelizmente... Henrique Couceiro, Freire de Andrade, Mousinho, Vieira da Rocha e outros, são heroes de bravura que nos trazem á lembrança contos maravilhosos de antigos tempos... Mas nem por isso é menos verdade que essas proprias guerras coloniaes são uma desgraça, embora por emquanto inevitavel, desgraça a que a

civilisação invasora ha de ir diminuindo a intensidade... Ora espere, você» — e o tio Victorino procurava entre os varios papeis contidos na carteira usada e volumosa — «Talvez me ficasse na outra carteira, em Coimbra... Queria mostrar-lhe um testemunho de valor... uma passagem que copiei d'esse livro de raro merecimento, escripto pelo commissario regio a quem Portugal tanto deve, e sob cujos auspicios se feriram as batalhas que tanto o enthusiasmam a você... Ah! cá está... Ora ainda bem!... Copiei isto por curiosidade» — e o tio Victorino desdobrava nervoso uma extensa tira de papel: «Ora escute-me lá isto — *Voltei do Incomati descontente com a humanidade, aborrecido de mim mesmo, a considerar nos estragos e nas calamidades da guerra. A pacificação da Magaia e da Zichacha, afinal, era o despovoamento! Na realidade só estava submettido o chão, que se deixava pisar pelos nossos pés; só estava socegado o arvoredó quando o não agitava o vento... E por aqui fóra continúa a desencantada descripção... Depois, no fim: — Brilhante resultado, em verdade, de tantos esforços e sacrificios! Estava a vêr-se n'elle quanto as espingardas são má ferramenta de colonisação. Acudiam-me á mente, e ainda mais ao sentimento, suggestões de misericordia... E era este o mesmo*

homem que, escravo do dever, ordenava febrilmente todas as batalhas, inspirando *Marraquene, Manjacase, Coolela, Magul...* Mais longe ainda lhe citarei este brado: ... *o pesar de não ter governado Moçambique n'uma epocha em que a minha missão fosse crear e não destruir. Crear, crear é o unico acto do poder humano que enche a alma de regosijos e ufantias, sem resaihos amargos. Isto é que é entender e sentir*» — e o tio Victorino, dobrando cuidadosamente, devotamente, o seu papellino, mettia-o de novo na carteira.

— «E' do livro do Antonio Ennes, não?»

— perguntou, interessado, Vicente da Camara — «O tio tem-no cá?»

— «Olé!... Lá está no meu quarto...»

— «Ha de emprestar-m'o.»

— «Logo que chegarmos a casa... Leia-o, leia-o... E' o que eu chamo *um livro de luz*.

— «Eu cá tinha pena se se acabassem os soldados» — informou o Fôfo, já mal-contente do silencio que fôra obrigado a guardar. — «E' tão bonito vêr uma parada!»

— «Mas só por isso, meu amigo» — tornou-lhe o tio Victorino, sereno — «não vale a pena empatar milhões e contrariar tantas vontades que devem ser livres.»

— «Bellas utopias!» — ponderou, desistente, Vicente da Camara.

— «Todas as grandiosas idéas inovadoras assim foram primeiro consideradas» — retrucou, sem ceder terreno, o tio Victorino. — «E no fim? Implantam-se e florescem...

— «E se nós fossemos agora descendo?» — consultou D. Frederica. — «E' muito interessante o debate... mas não gosto de fazer a mamã esperar pelo jantar.»

Levantou-se prompto o acampamento. E logo começou a retirada, alegre, toda cortada de incidentes jocosos.

— «O tio, muita vontade deve levar ao jantar!» — observou Vicente da Camara. — «Não almoçou nada.»

— «Pois não tenho vontade... não tenho... Estou sem appetite... Parece que o estomago se me não dá com estes ares.»

— «A's vezes é a agua» — lembrou Vicente da Camara.

— «A agua, Vicente! Que idéa!» — contrariou D. Frederica, muito molestada. — «Mando-a vir do Manco... E' melhor que a de Famalicão...»

— «E' o estomago que me anda estranho, o velhaco» — explicou, sem explicar nada, tio Victorino.

— «Diga o tio que já são saudades da sua Monica, ande lá» — gracejou D. Frederica.

— «Olhe, menina... lá dar-me com os comeres d'ella, isso me dou eu... Já me sabe das baldas a velhota...»

Depois do jantar, já noite, quando o Hippolyto lhe appareceu perto da janella, o tio Victorino emprasou-o a ir de manhã cedo até ao *Facho*, procurar-lhe um lenço que por lá lhe ficara.

A pena do pequeno era que a noite nublada, escura como um prego, lhe não permittisse desempenhar immediatamente a commissão.

Fazer ir o Hippolyto ao *Facho*, por causa de um lenço perdido! Mesquinhez do tio Victorino? Ou outra razão o moveria?

O certo é que, logo de manhã, aproveitando a ausencia do pequeno, elle começou o seu dia fazendo uma longa visita á velha Leonarda.



XII

Preliminares de partida

QUANDO o Hippolyto, pelas 10 horas, veio informar de que por lá andara no *Facho* toda a manhã sem nada encontrar, o tio Victorino tinha a janella fechada.

Disseram-lhe á porta que elle estava deitado com febre.

O Hippolyto foi logo a correr ter com a avó. Levava um grande aperto no coração.

Entrou em casa gritando: «Não sabe, avó? O senhor está doente na cama... Ainda o não vi hoje.»

— «Estás doido, pequeno! Agora doente!»

— «Está, sim senhor... foi lá mesmo que m'o disseram» — e o Hippolyto arrepellava-se nervoso.

Porque lhe não diria a Leonarda, a so-

cegal-o, que *o senhor* estivera com ella largo tempo de manhã? Protesto que fizera?

— «Isso não ha de ser nada» — consolou ella, percebendo que o pequeno choramin-gava — «Estes calores apalpam muito uma pessoa... Deixa lá, rapaz... *O senhor* é muito bom, e Deus Nosso Senhor ha de guardal-o do mal.»

— «Isso lá não tira... Tambem a mãe era boa e... foi-se andando em oito dias...»

A Leonarda não retrucou e poz-se a resar Padre-Nossos.

O Hippolyto comeu á pressa o quinhão de açorda que o esperava, já frio, porque o ultimo resto de lume se apagara.

Ao lado, o Pintasilgo roía em cru uns peixitos que o dono lhe trouxera. Ao grillo tambem não faltara a folha de alface quotidiana. Era completo o banquete. — «Até logo, avó» — disse o Hippolyto, apenas acabou de comer.

— «Tu onde é que vaes, rapaz? — indagou a velha, interrompendo a resa.

— «Eu?... eu chego lá a saber do senhor.»

— «Pois vae, vae... Nossa Senhora te acompanhe!»

Quando o Hippolyto passou, o Carócha estava á janella.

— «Olha lá... olha que o fato está prompto... Já te passaram as pressas?... Anda

lá, que ainda te valeu aquelle senhor cá vir hontem... Se não fosse isso, não o apanhavas... Elle para que diacho é que quer o fato hoje por força, não me dirás?... Quer te levar a alguma bôda? Que diacho!...

— «Ah! está prompto?» — disse com indifferença o Hippolyto. — «Então logo cá venho por elle» — e seguiu caminho muito cabisbaixo.

Em casa dos Camaras, ao almoço a que o tio Victorino não assistiu porque uma repentina febre o prostrara, não se falou senão no velho hospede.

D. Frederica, pela sua parte, recommendava rigorosamente que, se o tio falasse em partir, ninguém procurasse contrariar-lhe a deliberação.

Era sempre de uma enorme responsabilidade — ponderava — receber em casa pessoas de avançada idade, que muito mal se encontraram sempre, separadas dos seus habitos, das suas commodidades, das suas caturrices.

Estava-lhe dando muita inquietação ver o tio assim doente.

Receava já muito vêr a sua casa invadida por uma torturada crise de doença, que muito viria affectal-a a ella propria, tão carecida de repouso, de paz de espirito.

D. Felisberta, com obstinado silencio, mostrava bem claro não ser participante d'aquellas idéas.

Os pequenos comiam sem falar, entristecidos por aquella perspectiva de tão depressa e imprevisivelmente se separarem do tio.

— «Mas pôde ser que o tio a final se não queira ir embora» — lembrou timidamente Bertha.

— «Está claro que, se elle não quizer, ninguem o manda embora» — acudiu com exagerada vivacidade D. Frederica. — «Mas os meninos que se não mettam em coisas que não são para a sua idade.»

A Bertha, corada, abaixou os olhos onde duas lagrimas não tardaram a apontar.

— «Aquillo é estomago» — explicou D. Felisberta com manifesta impaciencia. — «Aquillo vem a passar.»

— «Devia-se-lhe dar só gallinha» — lembrou, espevitada, a Manuela.

— «Já está um caldo ao lume» — informou a avó sorrindo-lhe.

— «Leite tambem é bom» — lembrou o Fôfo solícito. — «Leite não faz mal.»

— «O tio é como a avó . . . Não gosta de leite» — acudiu, toda officiosa, a Manuela. E depois de meditar uns segundos — «Antes fazer-lhe geleia . . . Isso é que é bom!»

— «Pschiul!» — intimou, muito secca, a D. Frederica — «Não falem tão alto que incommodam o tio... Muito amigos d'elle, mas lá d'isso não se lembram!»

— «Querem vossês andar um bocado na bahia?» — propôz de repente Vicente da Camara — «E' a maneira de não estarem aqui a fazer bulha.»

— «Pois sim, leva-os; leva-os» — approvou logo D. Frederica. E, muito grave para os pequenos: — «Então vejam lá... Agora não se esqueçam... Se o tio se quizer ir embora, não comecem a importunal-o com pedidos.»

— «Deixa lá os pequenos» — acudiu, agastado, Vicente da Camara — «Aquillo não vae ser nada... O velhote é rijo... Logo já está bom... Vá... Se querem vão pôr os chapéus enquanto eu trato do bote... O Hippolyto não deixará de andar por ahí.»

— «Não tens nada mais certo» — assentiu D. Frederica, de muito mau humor.

Effectivamente o Hippolyto estava ali mesmo, sentado no chão, encostado a uma arvore, defronte da janella do tio Victorino.

Vendo apparecer Vicente da Camara, saúdou tirando o barrete, sem se levantar.

— «Arranja lá o bote» — ordenou este — «Vamos andar um bocado na bahia.»

O Hippolyto pôz-se de pé, mas sem reve-

lar-se pressuroso em cumprir a ordem formulada.

— «O sr. Vicente quer ir para a bahia?... E se vem chuva?»

— «Qual chuva! Estás a sonhar... Está o tempo encoberto mas não dá agua...»

— «Isso é que eu não sei...»

— «Não dá, não... Anda, não te demores; vae lá buscar o bote...»

— «Quem é que vae?»

— «Eu e os meninos... Somos cinco... Anda, mexe-te.»

— «Elle, o sr. Victorino, tambem vae?»

— «Não, homem... O sr. Victorino está doente.»

— «Mas... elle então ainda não está melhor?»

— «Cuido que não... Oh! rapaz, não fiques aqui á conversa... Que secca!»

O Hippolyto lançou á janella fechada um olhar sequioso.

Depois, sem dar passo:

— «Tambem o patrão Gil nem está em casa... Elle nunca quer que eu vá no bote sem elle o saber...»

— «Ah! tu estás para fazer difficuldades?» — disse Vicente da Camara, muito enfastiado — «Pois fica-te lá com o teu bote que não preciso d'elle.»

— «E' que o patrão...»

— «Pois sim, sim... Não faltam botes em S. Martinho...»

— «Se o sr. Vicente quizesse, eu chegava ali n'um instantinho á praia a chamar o Asdrubal... O bote d'elle tambem é bom... Elle lá para remar é o que se quer...»

— «Pois sim... vae lá... Parece que te safu a sorte grande...»

— «O senhor Vicente quer-se rir...»

— «Pois tu não queres ganhar dinheiro!»

O Hippolyto partiu correndo, sem accrescentar mais palavra.

— «Vão lá entender estes diabos!» — ficou murmurando consigo Vicente da Camara — «Muita necessidade, muita choradeira... mas vae a gente a dar-lhes dinheiro a ganhar, fazem-se finos... Tudo uma sucia!»

— «O' papá» — lembrou a Bertha, que da porta presenceára quasi toda a scena — «mas elle disse que o patrão Gil é que não queria...»

— «Cantigas! Quer ir para ahi garotar» — resumiu, de mau humor, o pae.

O Hippolyto esperou de longe que o Asdrubal recebesse a bordo do *Espadarte* a tripulação que fôra propôr-lhe. Depois, vagorosamente, veio retomar a sua posição defronte da janella do tio Victorino.

Dentro de casa havia completo socego. Intimara-se rigorosamente aos creados que não perturbassem o somno da doente.

D. Felisberta, de ouvido á escuta, velava pelo estricto cumprimento d'essas ordens. Repetia ella muitas vezes que o dormir, só por si, curava muitas doenças; não conhecia melhor medicina.

Sabes tu, leitor novel, que os romancistas têm uma gasua que abre subtilmente todas as portas? Queres experimentar? Convido-te. Vem.

Não custou. Cá estamos. E elle nem deu por nós.

Maganão! Tem enganada a familia toda. Bem sentado defronte do seu Camões, escreve.

Já agora, vamos lêr-lhe por cima do hombro o que escreve.

O olho esquerdo do Camões está pregado em nós. Mas fíemos em que seja discreto. Não nos denunciará.

E' uma carta e vae no fim.

«São Martinho do Porto, segunda feira, 15, meio dia.

Senhora Monica.

Desejo que esta a encontre de saude, tão bem como o deixei.

Eu estou levado de mil diabos. Anda-me o estomago á razão de juro com as molhargas e mais mixordias d'esta cozinha de cá. Estrugidos e mais estrugidos. Não aguento isto.

Se cá me demoro mais tempo, leva-me a breca. Até já me anda a apalpar a febre.

Saio d'aqui depois de ámanha, dia 17, no comboio que parte d'esta estação pelas 11,35 da manhã, devendo chegar a Coimbra pelas 4 horas.

Tenha-me lá á chegada jantar que conforte os estomagos. Não se me ponha com as suas costumadas sovínices, que levo comigo mais algumas boccas.

Quer-se comida que dê á farta para tres.

Vae ter agora dois hospedes. Não são gente de cerimonia, mas quero-os muito bem tratados.

Prepare os dois quartos de baixo; sem grandes cousas, mas com decencia. São para pessoas de condição humilde, mas muito da minha estimação. Não preciso dizer-lhe mais nada.

A bagagem pouca mais é que a que veiu. Basta lá estar o Bruno com a carreta na estação.

Olhe que não ha nada como a nossa casa,

sr.^a Monica. Já me pula o pé para la chegar.

Seu velho amigo

Victorino Amandio da Costa Sequeira.

P. S.

A' chagada tenha-me lá preso o nosso *Yao*. Levo d'aqui um gato; e o canzanas, com a alegria de me vêr, é capaz de se lhe atirar.

O gato é preto, como vocemecê gosta. E' o presente que levo á sr.^a Monica, que tão desesperada andava com os ratos desde que morreu o nosso *Luso*.»

O tio Victorino releu com attenção, a vêr não faltasse alguma cousa; depois subscriptou, estampilhou e deu um grande suspiro de allivio, espreguiçando-se folgadamente.

— «Até parece que já estou melhor!» — disse consigo, vendo as horas — «Nada, nada. Isto aqui, não sei lá porquê, não me convem... Ora ahí está que me sabia agora bem um caldo de farinha feito pela Monica» — e lambia os beiços já menos seccos, passando a mão na testa a verificar que já não tinha febre. — «Que diabo hei de eu agora ir comer?... A Monica logo resolvia a dif-

ficuldade . . . Digam o que disserem, isso lá como a nossa casa é que não ha nada.»

Foi abrir a janella. O Hippolyto saltou logo em pé. E, com uma grande alegria a rir-lhe nos olhos: «Olha o sr. Victorino! Então nunca a doença era grande . . .»

— «Ah! estavas ahí, pequeno?» — disse o tio Victorino, contente — «Pois olha, vaes já fazer-me um serviço . . . vaes ali deitar-me está carta na caixa do correio.» — e punha a carta no peitoril da janella.

O Hippolyto enviezou o olhar, leu desconfiado o endereço. — «*Monica da Purificação* é a sua creada?» — perguntou elle em voz sumida.

— «E' . . . é a minha velhota . . . Olha lá . . . O que é feito d'esta gente cá de casa? . . . Não ouço nada . . . Parece que morreu tudo.»

— «As senhoras estão cá . . . Só o senhor Vicente é que foi com os meninos para a bahia . . .»

— «Para a bahia? . . . E então tu? . . . Não foste remar?!»

— «Eu? . . . Eu hoje não fui, não senhor . . .»

— «Óra essa! Porque é que não foste?»

O Hippolyto corou.

— «Eu? . . . Eu cá não fui, porque . . . não me queria tirar d'aqui . . . sem primeiro saber se o sr. Victorino estava melhor.»

— «Ah! foi por isso que tu não foste?» — perguntou o velho admirado.

— «Pois foi por isso, foi... O sr. Vicente até ficou assim a modo zangado...»

O tio Victorino sentiu que se lhe humedeciam os olhos.

Passando levemente dois dedos na face tisonada do Hippolyto — «Estou melhor, pequeno... Ainda não vou d'esta!... Vae-me tu lá agora deitar a carta, não se me faça elle tarde.»

— «Inda ha muito tempo» — tranquillizou o Hippolyto. Depois, com a voz a tremelicar: «E o senhor então sempre se vae?»

— «Pschiu!» — fez o tio Victorino, opondo o indicador verticalmente aos labios, e indicando mysteriosamente o interior da casa. De repente, n'outro tom: «Olha lá... tu serás capaz de me levar um recado direito, á avó?»

— «A' avó? um recado? Então não sou!»

— «Bem... então dize-lhe lá isto... que mando eu dizer — *Depois de amanhã é lua cheia.*»

— «Olhe que não é tal, sr. Victorino» — refutou vivamente o Hippolyto — «Vamos mas é para o quarto minguante.»

O tio Victorino sorriu.

— «Bem sei... mas deixa lá... Isso não faz ao caso... Chega lá á avó e dize-lhe

estas palavras . . . que mando eu dizer . . .
Depois de amanhã é lua cheia.

— «Pois sim . . . lá dizer, digo . . .» — E o Hippolyto ria sem saber de quê.

— «Então, anda, vae . . .»

— «Até logo; sr. Victorino» — e o pequeno deitou a correr, veloz como um gamo.

— «Primeiro a carta — recommendou, gritando-lhe, o tio Victorino.

— «E' já.»

O velho, recolhendo da janella, foi pedir se lhe davam alguma cousa para confortar o estomago.

Comeu, com regular appetite, um prato de canja e uma perna de gallinha.

A seguir, saiu, contra os protestos anciosos da D. Felisberta, a lembrar-lhe, solícita, que, apanhando sol, poderia peiorar.

— «Mas eu é que não o apanho, que não sou tolo» — replicava elle galhofeiro — «Agora apanhal-o! Deixo-o lá todo para quem o quizer.» — E' mais serio, convencia a irmã de que lhe era conveniente — dar duas voltas para fazer o chylo.

Foi direito á *loja nova* onde comprou alguns metros de fazenda de lã, um chale e um lenço, tudo preto. E seguiu elle mesmo, a largar tudo aquillo em casa de uma costureira que lhe indicaram como sabedora e expedita, e a quem deu encar-

go de vestir a velha Leonarda, dos pés a cabeça, dentro das subseqüentes vinte e quatro horas.

D'ahi foi ao Carócha pagar a conta do Hippolyto. Em seguida, batendo na testa, como usam fazer os esquecidos, no momento de acharem a sua falta, voltou á *loja nova* onde comprou um chapéu de palha que o Hippolyto lá iria mais tarde provar.

Ainda foi passar n'um marceneiro que lhe indicaram, encommendando com a mesma urgencia das vinte e quatro horas, uma gaiola de viagem para um gato — madeira por todos os lados menos um, destinado a rede metálica; n'uma das faces, porta fechada a cadeado. Assim — explicou elle de muito bom humor — assegurava-se ao preso luz, ar e distracção recreativa.

E voltava para casa contente, a esfregar as mãos, dizendo ás senhoras que tinha digerido bem, e pensando lá consigo, muito curioso, como a cousa se teria passado entre neto e avó.

— «Eu de que tenho medo agora é de que elle se demore» — confessou D. Frederica logo que viu o tio voltar costas — «Capaz de ter ahi alguma recaída da *influenza* que nos dê cuidados!»

— «Então! Coitado» —olveu D. Felisberta muito enternecida — «Se adoecer mais,

tratamos d'elle . . . Ao menos aqui sempre tem familia . . .»

— «A mamã fala bem! Eu cá de doenças confesso que já estou farta.»

— «Falo com o coração, filha.» — Corrigiu nervosa D. Felisberta. — «E, agora que não estão aqui os pequenos, posso dizel-o . . . O teu coração, Frederica, muitas vezes me não parece o coração . . . o coração de uma filha minha.»

Casualmente uma creada chamou D. Frederica, que logo aproveitou a occasião para sair da sala.

O Hippolyto, apenas largára a carta na caixa, tomára pela calçada, correndo sempre em direcção a casa.

Lembrára-lhe agora que, com o *susto* da carta, nem dissera ao *senhor* que lhe não tinha achado o lenço lá pelo *Facho*, embora tivesse *batido* por lá tudo e se sentisse capaz de dar pelo dito lenço os olhos da cara onde quer que o topasse.

— «Avó, avó» — gritava elle, continuando a carreira pela casa dentro até á cadeira tropega da avó: «Olhe que o *senhor* mandalhe um recado a vossemecê . . . Diz elle . . . Olhe que elle lá é que o diz . . .» — e sorria engenuamente — «que *depois de amanhã é lua cheia*. Eu tenho-me farto de rir.»

Ainda as palavras mal tinham soado. A Leonarda, erguendo-se tremula, arquejante, lançou os braços ao neto, estreitando-o a si, n'uma impetuosa convulsão de choro.

O pequeno não sabia o que cuidasse. Tudo aquillo era tão estranho!

Só decorridos uns minutos a avó pôde serenar um tanto, para explicar-lhe que aquelle *recado* era uma senha combinada para ella poder cantar-lhe tudo, de como o *bom senhor* tinha na sua tenção tomal-o como filho e leval-o para a sua companhia.

A Leonarda arengou durante toda a tarde.

O Hippolyto pouco mais fazia do que limpar as lagrimas que, de quando em quando, lhe vinham, torcendo e retorcendo, n'um movimento nervoso, o velho lenço que puxara da algibeira.

E não lhe chegava vontade de sair.

Tinha agora como uma grande vergonha de apparecer diante do *senhor*.

XIII

A fabrica do Bordallo

O ultimo dia antes da partida do tio Victorino foi consagrado á visita ás Caldas.

Quando o Hippolyto, muito antes da hora aprasada, se apresentou de fato novo, bem penteado e bem limpo, a D. Frederica, carregando muito o sobrolho, não pôde conter uma exclamação aseda.

— «Viva! Ninguem dirá que é o mesmo Hippolyto... O tio tambem, quando se mette nas cousas, é logo de ir ás ultimas!»

— «E' para que veja!» — disse o velho, contente, tomando em bem as observações da sobrinha.

E effectivamente o fato era de boa quali-

dade e ficava bem ao pequeno, a quem a natureza dera physionomia a um tempo doce, energica e vivissima.

A principio, o Hippolyto não se achava inteiramente bem e á vontade em semelhante encadernação. Mas até esse constrangimento passou depressa com a grande distracção do passeio.

Esta carinhosa protecção dispensada ao Hippolyto impacientava muito D. Frederica. Mas continha-se.

Ao almoço o tio declarara terminantemente o seu proposito de voltar para Coimbra no dia seguinte; e ella queria de todos os modos evitar ao tio qualquer má impressão da ultima hora.

Silenciosos, cabisbaixos, os pequenos não pediram ao tio que ficasse mais tempo.

Sabía elle ler n'aquelles rostinhos ensombrados o intimo pezar que os atormentava. E sorria-lhes muito, bondoso, agradecido.

A Bertha fazia até grandes esforços para que as lagrimas, que ella sentia a formarem-se lá dentro, lhe não apontassem aos olhos.

— «O tio, o que devia era ir de noute» — alvitrou, convencida a Manuela. — «Ao menos não apanhava tanto calor.»

— «Isso lá é verdade» — concordou Vicente da Camara

— «Não sou morcego, menina . . . gosto de

ir ás claras... de ver os caminhos... Então quando se viaja pela primeira vez... Fica-se sem fazer idéa de cousa nenhuma.»

— «Lá por isso» — reflectiu, com manifesta seccura, D. Frederica — «O tio tem percorrido dezenas de vezes na sua vida o caminho entre Lisboa a Coimbra...»

— «Dezenas, não direi... mas uma boa dezena de vezes, isso tenho... Agora o rapaz, coitado!...»

Atalhara-se subitamente o tio Victorino. En'outro tom, a inculcar completa despreocupação.

— «Então você, Vicente, sempre vae em bicyclete?»

— «Vou... D'aqui ás Caldas é um momento... Gosto mais.

— Quando eu fizer exame de Instrucção Primaria tambem tenho uma bicyclete» — informou electrizado o Fôfo.

Todos tinham percebido o estratagema do tio Victorino. Mas não havia agora tempo para decifrar enigmas.

D. Frederica foi, pressurosa, occupar-se dos cabazes do *lunch*, rodeada de todos os pequenos que, segundo ella, desajudavam em vez de ajudar.

Era grande o rancho que, na estação de S. Martinho, invadiu, á passagem, o comboio das Caldas: D. Felisberta, D. Frederica e a

D. Clemencia Peres, a Clarisse, os tres pequenos Camaras, o Nico e o Hippolyto, e finalmente o tio Victorino capitaneando o bando. Vicente da Camara partira adiante em bicyclete.

A Graça ficara com a Miss Spriggings, que decerto áquella hora dava males á sua vida offerecendo tudo a Deus em desconto dos seus peccados.

O trajecto foi de vinte e quatro minutos.

A D. Clemencia, em voz aflautada, intencionalmente enternecida, elogiava muito a transformação do Hippolyto que declarou miraculosa.

Em segredo porém, concordava inteiramente com a D. Frederica que, á parte, lhe fazia notar a insensatez do tio velho, levando a passear em primeira classe um rapaz de pé descalço. Até parecia loucura aquillo — commentava, preocupada.

— «Diz muito bem, muito bem» — applaudia a D. Clemencia, erguendo imprudentemente a voz no ardor do entusiasmo. — «Desculpe-me, minha amiga... mas seu tio é um excentrico... um verdadeiro original... Só, aquella do Camões!...»

— «Ainda isso não é o peor» — affirmou D. Frederica, despeitada — «Isso ao menos é inoffensivo...»

— «Isso é... Que tambem no mais...

prejuizo não ha...» — A D. Clemencia apalpava o terreno, muito curiosa de saber onde era que chegava o pensamento da amiga.

— «Ha prejuizo, ha» — sustentou, com muita vivacidade, D. Frederica. — «Deita tudo o que tem pelas mãos fóra... E já se vê que aos parentes sempre custa ver estas cousas... E' natural...»

— «Naturalissimo» — obtemperou, com maneiras abeatadas, a D. Clemencia, olhando em volta a indagar se poderiam ser ouvidas.

Não havia perigo. A carruagem era *salão* e o tio Victorino achava-se justamente no angulo opposto, em animada palestra com os pequenos. Perto, só estava D. Felisberta; mas essa meio adormecida, porque a trepidação do comboio lhe fazia sempre muito somno.

— «O que vae para estranhos antes fosse para os nossos, pois não é assim?» — perguntou, animando-se, D. Frederica.

— «Justamente... E olhe, minha amiga, que o pago d'estas generosidades com certa gentinha...»

— «Ah! é sempre fresco... não tem duvida... Vão lá falar-lhe n'isso, ao tio... Ha gente a quem a experiencia da vida não adianta nada... E' uma cousa!...»

— «E' verdade... E' um louvar a Deus!»

Tinham chegado.

Vicente da Camara já estava na estação e tivera tempo de descançar da corrida velocypedica.

Tomaram-se logo duas carruagens, onde todos se accomodaram sem aperto, indo o Hippolyto e o Fôfo na almofada.

Foram direitos á fabrica de Raphael Boddallo Pinheiro.

Era livre a entrada.

Informou um operario de que o sr. Boddallo estava para a officina.

Apeiou-se o grupo e, por meio de aprasivel arvoredado, foi-se dirigindo ao pavilhão dos productos expostos, deixando á esquerda o mimoso *chalet*, revestido de cortiça, habitação do proprietario, e que ali está a attestar-lhe o esmerado gosto, captando de improviso a sympathia e interesse do visitante.

A entrada do pavilhão parece a todos deliciosa com os seus ornatos de bella faiança, de uma polychromia estonteadora e quente.

Espalhou-se folgadamente o grupo pelo amplo pavilhão, não sabendo se mais admirar a variedade e bom gosto dos productos, se a graça intelligente da disposição, com que mão artistica armara o mais ardiloso laço á sympathia dos olhares.

O tio Victorino, desde que notou que a marca d'aquellas louças, como que o sêlo fa-

vorito e seu emblema, era a *torre de Belem*, — como elle dizia, *a poetica, a garbosa, a gentil, a genuinamente manuelina Torre de Belem* — ficou excitado, nervoso, a afirmar que «o Bordallo era artista, artista a valer... e tambem portuguez... tambem portuguez a valer.»

E explodiu d'ahi n'um grande desforço de vituperios contra as cavalgadas que tinham consentido enporcalhar-se aquella reliquia preciosa com a espectoração immunda de uma fabrica de gaz. «Cafres! Cambada, sem raspa de patriotismo!»

E fazia notar, com enternecimento, como ali os modelos eram todos portuguezes; na fórma e estylo dos vasos, no assumpto dos ornatos.

— «Trabalhando por este processo, serve-se duas vezes o paiz!» — protestava energico o velho amigo de Camões.

Os pequenos queriam comprar tudo.

A Bertha pretendia andorinhas para as paredes do seu quarto. A Manuela preferia para o mesmo effeito as cabeças de burro. O Fôfo queria um boi, um boi dos maiores que houvesse.

Vicente da Camara pôz logo de parte uma alcôfa e dois pares de abanos para papéis. D. Felisberta encantava-se sobretudo com um enorme jarrão de côres delicadas

tendo no bojo uma phenomenal abelha e um galho de hera, nascido ali, ao que parecia.

A Clarisse achava particularmente engraçado um bule pequenino, figurando uma cara estranha, que promettia expellir o conteúdo de uma chavena de chá pelo nariz, adequadamente arribitado. A D. Frederica escolhera um burrito com alforges, que destinava a carregar violetas, sua flôr predilecta. A D. Clemencia não sabia decidir-se; gostava igualmente de tudo.

O tio Victorino estava principalmente embebido nos azulejos.

O Nico deitara mão a um chapéu *Mazantini* em cuja aba havia a figuração completa de uma tourada. Na sua intransigencia tauromachica, o tio Victorino confessava, em voz precautamente baixa, — ter muita pena de que o Bordallo, — o Bordallo! — tivesse d'aquillo na fabrica.

Todos os objectos comprados, excepto os do tio Victorino, ficavam para ser encaixotados e directamente remettidos para Lisboa.

Vicente da Camara mandara pedir licença para visitar a fabrica. Fôra-lhe promptamente concedida.

Raphael Bordallo estava na officina.

Como se conhecera algum dos visitantes, incorporou-se logo ao grupo, amavelmente

explicando todo o processo do seu fabrico, apresentando até os elementos vivos de zoologia e de botânica que serviam de modelo aos seus ornatos polychromos.

As figuras humanas, de tamanho natural, destinadas ás legendarias capellas do Bus-saco, obra collossal emprehendida havia já annos, interessaram particularmente o grupo. Eram figuras vivas, com sangue, volição, movimento. O Fôfo foi dizer muito baixinho ao Hippolyto que lhe fazia medo olhar de frente aquelles *homens*.

A monumental jarra de Beethoven, toda em branco, esperando ainda os perigosos accidentes da cozedura e os delicados effeitos do colorido, foi declarada sinceramente uma maravilha.

Fazendo gentilmente até ao fim as honras da sua fabrica, Raphael Bordallo distribuiu ás senhoras e ás meninas, como recordação d'aquella visita, uns graciosissimos broches—microscopicas canastrinhas cheias de miudo peixe—galanteria de barro branco, sem pintura.

Depois de todos terem inscripto o seu nome no livro dos visitantes, Bordallo acompanhou ainda cavalheirosamente o grupo até ás carruagens, seguido dos seus cães, dos seus gatos, da sua bicharia, que vinha dar áquelle scenario encantador mais uma nota

de sympathica attracção. Trocadas affectuosas despedidas, as carruagens partiram em direcção á *malta*, onde, sob copado arvoredado, se tratou logo de utilizar o *lunch*.

Um dos cocheiros foi immediatamente expedido para a mulher do *Pedro canastreiro*, a comprar as cavacas que tinham na assembléa devotos amadores.

Reinava em todo o grupo o melhor humor.

— «Aquelle, afinal, é que é o Bordallo? o Bordallo tão falado?» — A pergunta inesperada era asnaticamente feita pelo Nico com grandes ares de desdem.

— «O proprio» — afirmou vivamente o tio Victorino. — «Pois qual?!...» — E pôde saber-se porque é que V. Senhoria faz tão extranha pergunta?»

— «E' que... muito mal estava aquelle homem!... Só aquelle balandrau branco, todo amarrotado!... Parecia um operario qualquer... Pois não é verdade, manã?» — e o Nico procurava estribar-se na indulgente opinião materna.

A D. Clemencia, um tanto enfiada, não respondeu, limitando-se a sorrir um sorriso muito amarello. E o tio Victorino, severo, reprehensivo!

— «E' um casaco de linho, sem pretensões de elegancia, proprio para o trabalho... Eis

o que é... Não se habitue, menino, a curar d'essas pequices... Casaca e gravata branca agradam-lhe mais? Pois olhe que esses refinamentos, por si sós, não honram nada um sujeito... O mundo está grandemente povoado de asnos aperaltados... Aquelle casaco amarrotado... balandrau, como lhe chama... fique o menino sabendo que é nos hombros d'aquelle homem uma farda da maior distincção... A gente que pensa e trabalha não tem vagar para excessivas preoccupações de vestuário... Deixe lá isso aos mandriões, aos nullos, que não são elles tão poucos... inçam o mundo... Convença-se d'isto, creança: nenhuma vestimenta é para honrar um homem como a farpella do trabalho... Essa é que incontestavelmente está a dizer no individuo *eu sou alguém*... E' só pela sua industria, pelo que produz, pelo seu trabalho, que uma nação hoje affirma direitos á sua existencia. Industria, agricultura, são as fontes de riqueza dos paizes... O mais é quasi tudo farelorio... lérias e pilherias...»

Este discurso do tio Victorino era fartamente acompanhado de sôpros e de gesticulação que o tornavam ainda mais expressivo.

O Nico, muito corado, não aventurava palavra.

A D. Frederica, apressou-se a intervir, no

intuito conciliador de fazer derivar o assumpto.

— «Tenho ouvido que este Bordallo forma aqui bons artistas... muito bons operarios» —affirmou ella vivamente, como se o facto lhe fosse em extremo interessante.

— «A materia prima é excellente» — justificou, nervoso o tio Victorino. — «Com portuguezes tudo se faz bem... O ponto é que a direcção seja capaz, que lá os nossos populares

«... nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portugueza, alta excellencia
Da lealdade firme e obediencia».

A D. Clemencia riu á socapa por trás do leque chinez; e cambiava um olhar cheio de compensações e de malicia, ao filho que limpava as unhas com os dentes de um garfo.

— «O tio sempre optimista!» — reflectiu sorrindo Vicente da Camara. — «Confia demasiado nos dotes da nossa gente... Não me parece que sejam lá essas cousas... E' ver o que dão de si!»

O tio Victorino sorriu, encolhendo os hombros com resignação. Depois, levantando solemnemente o braço direito.»

«Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas.

— «Pois sim» — concedeu mais grave, Vicente da Camara. — «Admittamos que isso é assim com o povo... Mas os governantes? os dirigentes?... Uma miseria... Se não atiraram já tudo isto de canellas ao ar, não é por falta de diligencia... Estranha-se então que se fale em dominação estrangeira!... e que até já haja portuguezes que a desejem!...»

— «O' Vicente» — atalhou, muito inquieta D. Frederica. — «Mas para que é agora estar a lembrar essas... essas tristezas.»

— «Tristezas, sim, menina... tristezas... Diz bem!» — approvou muito excitado o tio Victorino. — «Tudo isso é muito, muito triste... Ainda, você Vicente, me chama *portuguezes* a essa cambada!... Dominação estrangeira!... Aconteça o que acontecer, eu, pela minha parte, hei-de sempre entoar esta prece, até aos ultimos momentos da minha vida... Ainda que tenha de ficar sósi-
nho em campo... veja lá!...

«Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemaes, Gallos, Italos e Inglezes,
Possam dizer que são para mandados-
Mais que para mandar os Portuguezes.»

— e, incendiado, enxugava o suor.

— «Lá isso, tambem eu, tio... tambem eu» — appressou-se a concordar Vicente da Camara. — «Isto é só dizer o que para ahi

muita gente pensa e sente por esse paiz fóra... Desgraças successivas quebrantam muito os animos... Chega-se a comprehender que alguem sinta desejos de dar um ponta-pé em toda esta governança... Pois não é assim?»

— «Amigo» — retorquiu prompto o tio Victorino, já mais calmo. — «Os tempos não são iguaes... São muitos os fautores da nossa decadencia... Tambem isso chega a todos os povos:

«Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pesar terá firmeza
Mas o bem logo muda a natureza.»

— «Essa é que é a verdade, mano» — concordou recolhidamente D. Felisberta. — «O dia de amanhã a Deus pertence.»

— «Importando não esquecer nunca» — corrigiu o tio Victorino muito risonho — «que na adversidade é que os homens se provam... Pertinacia no esforço é que se quer... Nunca esquecer que

«... nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o leito
Segue o temor os passos da esperança.»

— «Mas tambem é muito preciso não per-

der a fé em Deus, mano» — reflectiu solem-
nemente D. Felisberta.

«Que em casos tão estranhos claramente
Mais pelça o favor de Deus que a gente.»

— «Bravo, mana Felisberta, bravo!» —
applaudiu jubiloso o velho. — «Nunca a ima-
ginei tão lida no nosso Camões... Sim se-
nhora... Bravo!... Muita alegria me dá!»

— «Pois mano... ainda serei capaz de
dizer-lhe mais... Para estas cousas de outro
tempo ainda a memoria se me não foi» — e
a velhinha, muito electrizada, cerrava os
olhos, colligindo o pensamento. Depois, com
intimativa, erguendo inflexo o indicador :

«Pouco vale coração, astucia e siso
Se lá dos ceus não vem celste aviso.»

As palmas do tio Victorino foram ruído-
samente acompanhadas por todo o grupo.

— «Então o seu poeta fala assim tanto
em Deus, tio?» — estranhou pretenciosa-
mente D. Frederica. — «Pois nos *Luziadas*
não é quasi tudo mythologia?»

— «É que tem uma cousa que vêr com a
outra?» — perguntou, muito seccado, o tio
Victorino.

— «Pois então não fala muito em Deus,

menina!» — confirmou D. Felisberta, com um grande enternecimento na voz. — «Ora essa! E, até as cousas bellas que diz!... Ora deixem vêr se me lembra...» — e, parando nas palavras, obrigada pelo emperramento da memoria:

«E. . . que . . . do ceu á terra... emfim... desceu
Por subir os mortaes... da terra... ao ceu.»

Como estas cousas nos ficam!... E n'outra passagem, quando elle diz:

«E' Deus; mas o que é Deus ninguem o entende
Que a tanto o engenho humano não se estende,»

— «Bravo, bravo, mana!... MUITISSIMO bem!» — applaudiu entusiasmado o tio Victorino. — «Vejam que belleza n'esses versos!»

— «O' tu» — continuou, muito desvanecida, a velhinha.

«O' tu, guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pôde ser guardado.»

— «O' avó, isso é muito bonito» — appreciou a Manuela, aproveitando a circumstancia de estar perto de D. Felisberta para lhe beijar ternamente a mão.

— «Isso é quasi, a bem dizer, como a avó lá põe n'outras palavras» — commentou do lado o Hippolyto. — «Ao menino e ao bór-racho põe-lhe Deus a mão por baixo.»

— «Já cá tardava o Zé dos annexins!» — chasqueou entre dentes o Nico.

Chegára o momento agitado do partir da melancia, facto sempre determinante de profunda commoção. — Primeiro acto:

— «Range . . . Ha-de ser esplendida.»

— «Vamos a vêr . . . A faca entra bem.»

— «Essa casca não falha.»

— «Madura é ella.»

— «Ah! e que vermelha!»

— «E farinhenta . . . Bem se vê!»

— «Assim é que ella é boa!»

— «Parece sorvete de morango . . .»

— «Parece é caramellos.»

— «Regala só olhar para ella.»

— «E que pevides tão pretas!»

— «Eu sei fazer uma habilidade com as pevides da melancia.»

— «Faze lá.»

— «Logo se trata d'isso . . . Primeiro, comer.»

— «Eu quero coração.»

— «E eu tambem.»

— «E para mim?»

— «Vae um bocadinho de coração para cada um.»

Faz-se a distribuição a contento de todos. — Segundo acto:

— «Ah!... Não presta mesmo para nada.»

— «E' abobora... Não sabe a nada.»

— «Quem havia de dizer?!»

— «Ih!,... parece que até amarga!»

— «E' verdade... amarga.»

— «Tão bonita!»

— «Que pena!»

— «Ora isto!»

— «Rija, rija!...»

— «Peior não ha.»

— «D'este lado até parece pôdre...»

— «Ora, não ha!»

— «Não sabem a final qual é a boa melancia?» — perguntou, de repente, o tio Victorino — «E' sempre a que não está presente... Bem faço eu que a não provo.»

Falou-se ainda algum bem e mal dos fructos da estação, discutindo-se primasias.

Depois, todo o bando se dirigiu alegremente ás carruagens que logo partiram para a *Foz do Arelho*, passeio obrigado dos excursionistas caldenses.

Vista d'aquelle lado, a lagôa de Obidos é realmente linda...

Chegados, os cocheiros entraram logo na taverna, a comprar com que desaguar o gado.

Os passeiantes dispuzeram-se a descer

á praia, onde o mar espadanava alteroso e bello.

Mas o Nico fôra espreitar á porta da taverna. E, sem querer despegar de lá, dava estrepitosas gargalhadas, fazendo còro com os populares que dentro se viam abancados.

O Fôfo pretendeu seguir-lhe os passos; mas logo se oppuzeram D. Frederica e Vicente da Camara.

Foi muito difficil para D. Clemencia fazer que o Nico desistisse do ruidoso espectaculo que tanto parecia interessal-o.

— «Nico... Iquinho» — supplicava com voz chorosa — «Crédo!... Jesus, filho!... que desatino!... Todos aqui á sua espera e o menino n'essa loucura!...» — e teve de lá ir, puxal-o por um braço.

— «O typo era tão pandego!» — dizia elle, cedendo de má vontade. E, andando, olhava ainda para trás, muito attrahido pelas gargalhadas alvares que saiam da taverna. — «Que diabo!... Quer-se ter em pé e truz!... vae outra vez de ventas ao chão... E' uma carraspana e mais alguma cousa!»

— «E é então essa a causa de toda aquella alegria?» — perguntou desprezivamente o tio Victorino. E, severissimo: «Pois semelhantes miserias são mais para chòro que para riso.»

Começaram todos a descer para a praia, bastante cabisbaixos.

— «Eu cá é cousa que não posso ver, é um bebedor» — confessou a Bertha com um expressivo gesto de repulsão.

— «Tens razão, menina» — **aprovou** muito grave o tio Victorino — «O ebrio symbolisa uma das maiores miserias do mundo... Não ha nada que annulle um homem como o excesso de bebidas alcoolicas.»

— «Diz bem, mano.» — obtemperou com calor D. Felisberta — «Perdem de todo o brio...»

— «E a saude?... Eu não conheço molestia peor que o terrivel *alcoolismo*.»

— «E' um horror» — assentiu Vicente da Camara — «Basta pensar que os filhos dos alcoolicos, quando não são de todo idiotas, são organismos sujeitos ás peiores doenças.»

— «Horriavel!... horriavel!» — lamentou muito commovido o tio Victorino — «Felizmente tem-se comprehendido isto pelo mundo fóra... As *sociedades de temperança* principalmente organisadas e constituídas por senhoras, muito têm já conseguido!»

— «Bem dita instituição!» — votou inter necida D. Felisberta.

— «Mil vezes bem dita!» — accentuou o tio Victorino. — «Então o que se tem feito

na Inglaterra e nos Estados- Unidos é realmente prodigioso!» — E dirigindo-se, muito energico, aos sobrinhos: «Nunca vocês, pequenos, riam de um ebrio... E' como se rissem de um idiota... de um doido...»

— «Tambem ha quem ria dos doidos» — disse o Hippolyto com uma visagem de reprovação — «Eu já vi.»

— «Ha, filho... Se elle até houve quem risse dos martyrios de Christo e com elles se regosijasse!... Ha gente sem coração nem consciencia, isso ha... Quem tem alma não dá risos á desgraça... Dá-lhe compaixão... e dá-lhe remedio, se póde.»

O Nico já se tinha afastado. Acocorado, andava lá muito em baixo a apanhar conchas, com os sapatos encharcados. E a D. Clemencia, toda inquietações, a gritar-lhe de cá: «Nico, Iquinho... Jesus, filho... Jesus filho!... Andas a molhar os pés... com esses sapatinhos finos!»

Quando na estação das Caldas o grupo atacou o comboio de volta para S. Martinho, lia-se em todos os rostos a satisfação deixada por um dia tão aprazivelmente passado.

Ao entrar para a carruagem, o tio Victorino comprimentara um sujeito de grave e sympathico aspecto, longas barbas pretas, e longa sobrecasaca.

— «Quem é aquelle senhor? — quiz logo saber a Manuela.

— «E' um homem distincto, o padre Lecomte.»

— «Padre! Com aquellas barbas!

— «E' que é missionario.»

A Manuela reflectiu um instante. Depois, vivamente: «O' tio, o que é um *missionario*?»

— «Pois tu não sabes o que é um missionario!» — estranhou, sorrindo, o tio Victorino, ao mesmo tempo que afagava a face corada da pequena — «Eu te explico, flor... Chamam-se *missionarios* uns homens que vão para o sertão conquistar selvagens, sem espada, sem espingarda, sem metralhadoras... Procuram muito mais convencer do que vencer, percebes?... Em linguagem mansa, explicam Deus, o dever, a bondade, as doces felicidades da *familia*... Ensinam o Evangelho, a agricultura, as industrias, o tratamento das doenças... Vivem lá, lançando sementes á terra onde parece que nasce a paz, a concordia, o amor... São os mais gloriosos exemplos de abnegação pelo proximo...»

— «E os selvagens, tio» — perguntou, muito enternecida, Bertha — «são amigos d'elles?»

— «Amigos?... alguma occasião talvez... E' muito difficil fazer-lhes comprehender a leal amizade... Muitas vezes têm elles maltrata-

do, e até assassinado missionarios que se lhes tinham dedicado com uma consagração evangelica.»

— «Coitadinhos! . . . E ganham muito, tio, para fazerem todos esses sacrificios?»

— «Ganham abundancia de penas e trabalhos . . .

«Que o bom religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende nem dinheiro.»

E não me refiro só a missionarios . . . missionarias tambem. . . Os serviços d'estas não são inferiores.»

— «Tambem mulheres, tio!»

— «Pois então! . . . Qual é a missão da bondade e amor em que as mulheres não levassem sempre a palma aos homens?» — e o tio Victorino olhava enternecido as juvenis sobrinhas.

— «Eu cá não era capaz» — declarou convictamente a Manuela.

— «Eu cá, não sei. . . Talvez fosse». . . — e a Berthã corou.

— «Tambem na familia e entre gente civilisada se pode ser bom e virtuoso» — atalhou um tanto secca D. Frederica.

— «Isso é sabido, sobrinha» — concordou vivamente o tio Victorino. — «O que é justamente preciso é que haja bons para cá e

para lá... E ha, que afinal o mundo não está tão avariado como á primeira vista parece.»

No curto trajecto da estação de S. Martinho até casa, falou-se animadamente de todos os episodios d'aquelle dia que tão gratas recordações ia deixar.

Mas ao jantar os pequenos Camaras estavam já muito tristes. Não falavam; e a Bertha tinha sempre os olhos rasos de lagrimas.

Pensavam todos na partida do tio Victorino no dia seguinte.



XIV

A partida

As onze horas da manhã já o *Tintureiro* estava com a carreta e o *Garoto* á porta dos Camaras para levar a bagagem á estação.

O tio Victorino, como á vinda, fartava-se de recommendar que lhe não dessem boleos á mala grande. Com a outra, mais sem cerimonia. Mas lá aquella, queria-a mexida com termos.

Pressa não havia nenhuma — lembrava. O comboio só passaria ás 11,35.

Quando toda a familia chegou á estação, já lá era anciosamente aguardava por um grupo bastante pittoresco. Compunham-n'o

o Hippolyto e a velha Leonarda todos engalanados, um sacco de retalhos contendo modesta provisão de roupa, e a gaiola com o gato preto, o *Pintasilgo*, que, através da grade do seu palacio, encarava sereno os acontecimentos, como se inteiramente compenetrado da dignidade da sua nova situação social.

Foi completa a surpresa das familias Camara e Peres, reunidas na estação em homenagem ao tio Victorino.

O velho não dispendeu muito da sua sciencia a explicar os factos. Não era elle senhor absolutissimo da sua vontade? unico responsavel dos seus actos? Nem o tempo chegava para largas explicações.

— «Vae o tio acarretar com tudo-isto?!» — exclamara muito aturdida D. Frederica, mal podendo crêr o que os olhos lhe mostravam.

— «Eu! Eu não acarreto nada, sobrinha... Tomára eu poder comigo!... O comboio é que aguenta a carga» — e, em tom menos faceto, o tio Victorino, esfregando as mãos: — «Foi premio que o rapaz me ganhou ahi, o outro dia... Pormetti... Tinha que cumprir... E' um passeio...»

— «Não está mau passeio!» — retorquiu ironica D. Frederica.

— «Um passeio e mais alguma cousa!»

— commentou Vicente da Camara com um sorriso um tanto amarello.

— «Sempre o mano vae tomar uma responsabilidade!» — observou, sem o menor resaibo azedo, D. Felisberta.

— «Bem me ralo eu com isso, mana!... Afinal para que é que servirá a vida, senão é para a gente tomar responsabilidade de alguma cousa?... Nunca responsabilidades me metteram medo... Para que andaremos nós cá por este mundo senão para fazer alguma cousa?»

D. Felisberta aproximou-se da velha Leonarda e foi falar-lhe com bondade, elogiando-lhe o bem posto do fato, e encarecendo, enternecida, as qualidades moraes do irmão.

— «E' um santinho... mesmo um santinho» — balbuciava a Leonarda, toda lacrimosa de commoção. — «Pois uma assim como o senhor faz cá ao meu *Himpolyto*, de o tomar para si!...» — Fosse qual fosse o effeito que esta revelação produzisse em D. Felisberta, não a quiz ella communicar a nenhum dos outros membros da familia. Foi aggregar-se ao grupo dos pequenos, que cercavam a gaiola do *Pintasilgo*.

— «Meu tio está doido varrido, minha querida» — desabafava D. Frederica ao ouvido de D. Clemencia. — «Se elle até carrega

com o gato!... Não vê aquillo... Só o tio para fazer uma d'estas!»

— «E' verdade... Agora reparo» — e a D. Clemencia abafava no lenço uma gargalhada nervosa. — «Se quer que lhe diga, nem tinha dado pelo gato... Sempre é!... Acarretar agora com um bicho d'aquelles!... magro e feio!... A minha D. Frederica desculpe, mas sempre lhe digo que um original como este seu tio, não se encontra em toda a roda do mundo... Ora o diacho do gato!»

— «Sou a primeira a conhecer, minha querida» — lamentou D. Frederica, erguendo muito os sobrolhos. — «E olhe que me faz tudo isto uma pena!»

— «Deixe, que o rapaz ha-de-lhe dar bom pago!»

— «Isso e sabido!... Mas o peor é que a lição, quando vem, vem tarde... E o prejuizo lá toca sempre a quem das tolices não teve culpa nenhuma.» — O Hippolyto tinha ido com o seu bilhete despachar o *Pinta-silgo*.

— «E elle, lá onde o levam, irá bem?» — perguntava, duvidoso, ao empregado!

— «Orã se vae! Vae como um principe.»

— «Era bom se lhe não puzessem a grade para a parede... Assim, ia vendo...»

— «Vendo o quê?»

— «Para não estranhar tanto...»

— «Isso não é comigo.» — De repente, o Hippolyto bateu na testa. Correu para o tio Victorino.

— «O' sr. Victorino... quanto falta ainda para partir?»

— «Falta um quarto. Porquê?»

— «Se o sr. Victorino me deixasse só chegar lá a casa...»

— «A' tua casa? Não tens tempo...»

— «Eu ia n'um pulo... Ainda ha tempo...»

— «Perdes o comboio...»

— «Não perco, sr. Victorino... Chego lá n'um pulo.»

— «Falta-te alguma coisa?»

— «Não senhor, mas...»

— «Bem, vae.»

O Hippolyto partiu como uma bala.

— «Os bilhetes são de 1.^a classe!» — notou ironica a D. Clemencia. — «Ai, meu Deus! Para estas cousas então é que eu não sou!»

— «O que faz este meu tio, ninguem mais faz... isso lá é que é verdade» — obtemperou, frenetica, D. Frederica.

Para todos os lados falava-se animadamente na estação.

O tio Victorino, de vez em quando, olhava inquieto para a estrada.

— «O mafarrico do pequeno!... Se elle ainda me ia perder o comboio!... Um trans-torno de mil diabos!»

— «O mano, agora, veja lá» — recomendava enternecida D. Felisberta — mande telegramma para sabermos logo como chegou.»

— «Ora, como cheguei! . . . Cheguei optimo . . . D'aqui dois passos! . . .»

— «Pois sim . . . mas mande sempre o telegramma . . . Não lhe custa nada . . .»

— «Mande, tio» — supplicou a voz maviosa de Bertha.

— «Mando, mando . . . Deixem estar que mando.»

— «O tio agora escreva para cá muito, ouviu?» — pediu, com um riso amarello, a Manuela.

— «Ora, cartas de velho!» — e o tio Victorino sorria maliciosamente. — «Cartas de velho são maçadas . . .»

— «Mas o tio . . .»

— «Não sou velho?»

— «Não é isso . . . Não é velho maçador . . . O tio bem sabe . . .»

— «O que sei eu, minha flôr?»

— «Ora! . . . Sabe . . . O tio bem sabe! . . .»

— «Sabe, sabe!» — reforçou o Fôfo a saltar nervoso. O tio Victorino muito enternecido, não pôde deixar de sorrir á ingenua difficuldade que os pequenos encontravam em protestar-lhe o seu affecto.

— «Vim arranjar um bando de amigos,

isso é que eu sei» — dizia, a esfregar as mãos commovido.

— «Isso, veiu» — confirmou espivitada a D. Frederica — «Lá habilidade como o tio tem para captivar as creanças isso é que nunca vi.»

— «Entendo-me com os pequenos quasi sempre muito melhor do que com os grandes, isso entendo... E vocemecês, não me hão-de escrever?... Sempre estou para vêr isso.»

— «Eu cá escrevo» — acudiu muito prompta a Manuela.

— «E eu tambem» — echoou a Bertha.

— «E D. Fôfo?» — perguntou o tio, extranhando-lhe o silencio.

— «Esse... desconfio» — affirmou o pae.

— «Não gosta nada de escrever. Desespera-se com os borrões que deita...»

— «Ora! Não é por isso» — balbuciou o Fôfo muito vermelho.

— «Então porque é?»

— «E'... porque não sei o que hei-de dizer» — confessou elle, ingenuo. E logo, á laia de consolação: «Mando recados nas cartas das manas.»

— «Ora muito obrigado ao seu favor... Não era pressa...»

O comboio tinha chegado.

O tio Victorino já não prestava grande

atenção aos pequenos. O sentido estava-lhe n'outra parte.

— «Peccados meus!» — murmurava consigo. — «O rapaz sem vir!... O que vale é estar atrasado o relógio da estação... Ainda temos oito minutos.»

— «Já tocou a primeira vez» — informou todo officioso o Nico. — «Eu cá sempre disse que o Hippolyto perdia o comboio... Quem... Atalhou-se, porque o Hippolyto, vermelho, alagado de suor, vinha já correndo a poucos metros da gare.

Só chegou o tempo para as últimas despedidas.

— «Boa viagem.»

— «Veja lá agora, não se esqueça de nós.»

— «Não é possível... Adeus, adeus, pequenos.»

— «Veja o tio se lá tem as correias.»

— «Está tudo... Adeus... Adeus... minhas joias... Vocemecês, muito juizinho ouviram?»

— «Sim, tio...»

— «Deixem lá a mão... Beijos quero-os mas é na cara... Assim... Isto é outra coisa...»

— «O' mano, querem vêr que lhe esqueceram as chinellas?... Estive para lhe lembrar á ultima hora e afinal...»

— «Ora as chinelas!... Peccados meus! Quem ha-de ouvir a Monica?»

— «Eu vou buscal-as.» — O offerecimento era feito espontanea e irreflectidamente pelo Hippolyto.

— «Estás doido, rapaz!» — e o tio Victorino, receioso de o vêr partir correndo, empurrou-o para a carruagem, para onde já fôraçada a Leonarda.

— «Mandam-se-lhe pelo correio...»

— «Vale lá a pena! Leve o diabo as chinelas!... Cuidado, não se cheguem muito para a linha... E vocês vejam lá, pequenos... não se esqueçam do velho...»

— «Não diga isso, tio.»

— «Adeus, Hippolyto.»

— «Adeus minhas senhoras... sr. Vicente... Adeus meninos...»

— «Adeus... E o gato?»

— «Vae lá na sua repartição... Aquelle homem é que o levou... Olhe, ó senhor, a gaiola do gato irá bem?»

— «Vae bem, vae... Nan se le quebra osso... Os cuidados é que eu le queria... O excommungado tem melhor sorte qu'á mim.»

— «Mano, tome conta na portinhola... olhe que ás vezes o demonio é negro...»

— «Vae fechada... E a mana, tambem, porque não ha-de ir até Coimbra um dia?»

— «Eu? E as pernas?»

— «As pernas do comboio é que se mexem.»

— «Pois sim... O rheumatismo é o meu carcereiro.»

— «Pois é preciso não dar confiança ao tal carcereiro... Olhe, mana, que o rheumatismo é como certa gente que ha... Damos o pé e elles tomam logo a mão... E' preciso resistir.»

— «Bom de dizer!... Olhe, não esqueça dar recados á Monica.»

— «Serão entregues... Ella então que repara mais n'essas cousas!... Hoje é dia grande lá para ella.»

— «Pudéra!»

— «Felizmente não está muito calor.»

— «Corre fresco. Optimo dia para jornada!»

— «Não têm mais ninguem na carruagem... Assim é bom.»

— «Naturalmente entra gente mais acima.»

— «Enquanto o pau vae e vem, folgam as costas.»

— «Isso é certo.»

— «Adeus.»

— «Adeus, adeus.»

— «Até mais vêr.»

— «Sabe Deus como e quando isso será!»

— «E' melhor não pensar n'essas cousas.»

A D. Felisberta levava já o lenço aos olhos.

Os pequenos Camaras tinham pasmado para o tio. Já não falavam. Nem palavras nem gestos. Só a Bertha, de quando em quando, com as pontas dos dedos, sacudia a furto lagrimas que lhe vinham.

Emfim o comboio pôz-se em marcha.

Então o tio Victorino, agitando os braços, gritou com voz tremida :

«Ficava-nos tambem na amada terra
O coração.....»

— «Crédo! Não gosto nada de despedidas!» — declarou a Manuela, sacudindo-se toda.

O grupo saiu da estação em profundo silencio. Só a D. Felisberta murmurou ainda, entre lagrimas: «Coitado! E' um santo.»

Os pequenos caminhavam adiante muito tristes.

Fazia oito dias que o tio chegara. Como aquella semana passara depressa!

De repente o Fôfo, voltando-se para trás, a dar estalos com os dedos, todo lambareiro: «Depois de amanhã chegam cá as arufadas que elle prometteu!»

O tio Victorino, recolhendo da portinhola, levava o lenço levemente aos olhos.

A velha Leonarda, n'um grande afan, limpava olhos e nariz ao lenço tabaqueiro. Eram fontes incessantes. Abalava-a a partida de S. Martinho, onde lhe ficava enterrada a filha.

O Hippolyto diz-se-ia emparvecido. Da avó relanceava os olhos inquietos ao *senhor*; d'este, outra vez á avó! Não parecia alegre nem triste; estava como assombrado.

— «Olha, lá, — perguntou, de repente, o tio Victorino — e tu que foste á ultima hora fazer a casa?... Sempre tenho curiosidade...»

— «Eu?... Eu fui... Fui soltar o grillo... Ninguém reparava... e elle morria de fome na gaiola...»

O tio Victorino deu uma gargalhada, que não melindrou o Hippolyto. Elle bem a sentia limpa de escarneo.

— «Valha-te Deus, cabeça!... E pensar que por causa do bicharôco podíamos ter perdido o comboio!»

— «Isso é que não perdíamos!» — protestou com energia o Hippolyto — «Ainda que eu tivesse de me fazer em quatro!...»

O tio Victorino sorriu paternalmente. E, como ainda estava de pé, chegou-se ao Hippolyto e passou-lhe carinhosamente a mão na face, logo colorida de intenso vermelho.

Um agudo silvo da locomotiva, que fez estremecer a todos, trouxe uma comica variante áquella scena um tanto pathetica.

EPILOGO

(Seis annos depois)

«Mana Felisberta.

SEM demora quero dar-lhe a boa nova. O meu rapaz completou hoje com distincção o curso de preparatorios. Em mathematica obteve *louvre*, que é a classificação mais graduada.

Pois digo-lhe que os examinadores eram de respeito; de uns certos que olham o examinando com a sobranceria de juiz façanhudo, encarando no réo, relapso e impenitente. Mas... Cala-te bocca, já que s.^{as} ex.^{as} d'esta feita me trataram com justiça o rapaz.

Agora no principio do anno lectivo, entra-me para a Universidade. Tem dezenove

annos; pôde-me estar formado aos vinte e quatro. Já não é mau para quem tão tarde começou.

E, tivesse-me elle menos talento, que ainda eu lhe abreviaria a cousa. Punha-o logo a trabalhar mais de braço que de cabeça.

Mas seguir a vocação é que é tudo. Com a queda e gosto que elle tem para as mathematicas, o que mais me convem é formal-o, para depois se encaminhar a lente da Universidade. Ahi é que eu quero fazel-o chegar. Que fique governando a sua vida por Coimbra, onde eu, já agora, acabarei os meus dias.

Com franqueza, mana Felisberta, eu nem agora já podia com o golpe de me separar do rapaz. Olhe que não ha filho mais disvelado, mais carinhoso, do que este meu Hippolyto é para mim.

Sempre este pequeno teve o condão de enfeitçar. O que elle logo soube virar a Monica da cabeça para os pés! Ella que sempre quiz tanto mal a rapazes como o meu *Jao!* Por pouco lhes não ladrava. Com o Hippolyto sempre foi de velludo. E agora... Eu sei lá!... isso, quer-lhe como ás meninas dos seus olhos. Só a paciencia que ella tem tido com a pobresita da Leonarda, agora ceguinha de todo! E' uma cousa que só vista.

Diga da minha parte ao Vicente que lhe não acho razão nenhuma de se amofinar lá porque o pequeno quer ser agronomo. Faz elle muito bem. Com dezeseis annos mostra ter juizo.

Olhe, mana, que se o paiz se não levanta pela agricultura, então é que eu não sei por onde é que elle se ha-de levantar. Quasi que metade da terra portugueza está ainda inculta. E a gente todos os annos a empenhar as guedelhas para comprar por bom ouro quasi todo o pão que come! Maior desleixo e estupidez do que tem havido n'isto, não os póde haver.

Deixem o rapaz ir para a agricultura, que vae bem. Doutores não faltam a este reino para discretear; o que é preciso é gente que trabalhe. O meu, se não fosse o reconhecido talento para a mathematica, tambem para lá ia, olé!

Olhe a mana que tambem acho muita razão lá ao rapaz em dar o cavaco quando ainda lhe chamam o *Fôfo*. Carradas de razão tem elle. *Fôfo!* Acabem com isso. Um homem quer-se com nome de homem; está de vêr.

Então a mana pede a Deus que não a mate sem vêr as netas casadas? Não tenha pressa, mana Felisberta. Ainda agora uma tem dezoito annos e a outra dezeseite! Deixê-as conhecerem mais a vida para escolhe-

rem com acerto. Casamentos d'estes da moda, feitos á tóa, sem affeição de raiz, dão desgraça certa. Deixe-as primeiro crescer em juizo.

O meu rapaz tambem eu gostava de o deixar casado, quando me fosse d'este mundo; mas, com uma boa mulher, e só depois dos trinta Para homem, é a idade. Agora quero que elle pense, mas é em se fazer gente a valer.

Cá vou ajudando-o n'isso o melhor que posso, recorrendo sempre ao meu breviario, que esse nunca falha.

Quero dar-lhe conselhos? — Folheio *Os Lusíadas*.

Felizmente elle, por si, se affasta das más companhias. Tem em tudo bons instinctos. Sabe buscar

... «Conselhos só d'experimentados
Que viram largos annos, largos mezes.»

gente prompta a valer aos novatos

«C'um saber só de experiencias feito.»

E' muito ingenuo este pequeno, e eu regalo-me de o vêr assim. A mocidade quer-se pura nos pensamentos e cheia de fé.

Para que lhe hei-de eu prégar que

«..... a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia
Que quem com mais razão valer devia

E' uma triste verdade muito repetida. Já o era no tempo do grande Camões. Mas o que não dá saude moral é pôr-se uma pessoa muito tempo a considerar n'isto; mormente a gente môça, o viveiro das esperanças por onde reflorescem os paizes.

A bussola do verdadeiro homem é a consciencia. Por essa, impavido diante das borrasças, é que elle ha-de nortear-se para o

«...trabalho immenso que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso
Mas no fim doce, alegre e delectoso.»

Mana Felisberta, desculpe o tremido da letra, mas os annos não passam de balde e eu já cá tenho a minha continha bem boa.
Lembranças da minha gente.
Recados a todos.

Seu do coração

Victorino Amandio da Costa Sequeira

INDICE

	PAG
I — A carta.....	3
II — O diabo não é tão feio como o pintam....	23
III — Dois que se entendem.....	43
IV — Ao almoço.....	53
V — A caminho de Selir.....	71
VI — Na horta dos Avelares.....	99
VII — Depois do lunch.....	117
VIII — No Pharol.....	149
IX — Ao serão.....	165
X — Em casa da avó.....	193
XI — Excursão ao Facho.....	207
XII — Preliminares de partida.....	233
XIII — A fabrica do Bordallo.....	249
XIV — A partida.....	273
Epilogo.....	285

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Alberto Braga		Camões	600
Amores á beira-mar	600	Frei Luiz de Sousa	600
O enfeitado	200	Gervasio Lobato	
Uma tragedia a bordo	600	A comedia do theatro	500
Alberto Pimentel		O grande circo	700
Vida mundana d'um frade virtuoso	300	Guerra Junqueiro	
Vinte annos de vida litteraria	500	A morte de D. João	800
Noites de Cintra	200	A musa em ferias	700
As netas do Padre Eterno	300	Tragedia infantil	200
Alves Mendes		Contos para a infancia	400
Discursos	1\$000	Os simples	700
Herculano	300	Oliveira Martins	
Antonio Candido		As raças humanas, 2 vol. ...	1\$400
Elogio historico d'El-rei D. Luiz	200	Quadro das instituções primitivas	700
Caiel		A Inglaterra de hoje	600
A's mães e as filhas contos ..	500	Pinheiro Chagas	
Primeiras leituras, contos ...	500	A flor seca	500
A filha do João do Outeiro ..	700	A corte de D. João, v. a	500
Camillo Castello Branco		Tristeza á beira-mar	200
Coração, cabeça e estomago ..	500	A mascara vermelha	200
Coisas espantosas	500	O juramento da Duqueza ..	200
A queda d'um anjo	500	John Bull e a sua filha	200
Noites de Lamego	500	As colonias portuguezas	600
Scenas innocentes da comedia humana	500	A lenda da meia-noite	200
Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado	500	A joia do Vice-Rei	200
Abençoadas lagrimas	240	A descoberta da India	600
O ultimo acto	200	A morgadinha de Valflôr ...	400
O morgado de Fafe em Lisboa	200	Historia da communa de Paris, 2 vol.	1\$500
O morgado de Fafe amoroso ..	300	Astucias de namorada	400
Coelho de Carvalho		Migalhas de historia portugueza	200
Viagens	600	Ramalho Ortigão	
Latino Coelho		Hygiene da alma	500
Elogios Academicos, 2 vol. ...	1\$800	A instrução secundaria	240
Jose Bonifacio d'Andrada e Silva	500	A Hollanda, 2.ª edição	1\$000
Theatro	500	Silveira da Motta	
Garrett		Horas de repouso	600
Viagens na minha terra, 2 vl. ...	1\$000	Viagens na Galliza	600
		Quadros da historia portugueza	400
		Teixeira de Vasconcellos	
		A ermida de Castro Mino ...	700

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA



